ANO 35.º — TERÇA-FEIRA, 1 DE NOVEMBRO DE 1955 — N.º 11.821

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

A Guarda

do palácio de Belem
foi confiada hoje
a um contingente
de soldados negros
de Angola

A multidão que hoje de manhã, pelo meio-dia, se aglomerava na Praça Afonso de Albuquerque, em Belem, assistiu a um espectáculo colorido e inusitado: a cerimónia do render da guarda, que se cumpre regularmente nos dias 1 e 15 de cada mês, mas que, desta vez, sendo confiada a segurança do presidente da Republica a um pelotão de caçadores de Angola, se revestiu de grande aparato e assumiu um significado simbólico, o da presença viva entre nós do Ultramar português.

Já muito antes da chegada da banda da G. N. R., o povo se api-

(Continua na página central)

A sentinela da G. N. R. á porta do palácio cede o lugar á sentinela negra

A REUNIÃO DE GENEBRA — (1)

Vai ser posto à prova

o compromisso a que se chegou *na conferência de Julho*

por ATTICUS

PARIS, Novembro—Mesmo com a maior boa vontade seria difícil dizer que a segunda conferência de Genebra começou os seus trabalhos num ambiente de optimismo. Desde que, em Julho, os Quatro Grandes estiveram reunidos naquela cidade, atenuou-se o impeto inicial do chamado «espírito de Genebra», o qual surgira com as suas deliberações. Nas capitais do Ocidente ninguém procura esconder o pessimismo predominante, quanto aos eventuais resultados desta conferencia. Mas é preciso acrescentar que essa atitude contrasta com a dos Russos, os quais parecem confiar no seu êxito, embora relativo.

Pode dizer-se que a oposição entre as duas partes apareceu assinalada desde o início. De uma forma geral, os ocidentais entendem que, para usar uma frase do sr. Foster Dulles, o «espírito de Genebra» não é, só por si, uma finalidade. O que quer dizer que as grandes potências devem orientar as negociações sem cuidarem de saber se estas afectam ou não, aquele espírito. Os Russos consideram este sacrossanto, e entendem que é preciso usar de todos os meios para o acautelar, indo até o ponto de acusarem os seus interlocutores de estarem a sabotá-lo, intencionalmente.

As «directivas»

Em princípio, os ministros dos Negócios Estrangeiros deviam ter a sua tarefa facilitada, visto que lhes bastava seguir as direc-

(Continua na 14.ª página)

Genebra

As deligências de Israel

junto dos 4 «Grandes»

GENEBRA, 1 — Moshe Sharret, primeiro-ministro do Israel, partiu, hoje, de avião, de regresso a Israel, depois de conferenciar com os ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Quatro Grandes» sobre a crise resultante da transacção de armamentos checo-egípcia. Interrogado sobre se considerava ter merecido a pena a sua visita a Genebra, respondeu: «Definidamente». Re-

(Continua na ultima página)

A renúncia da princesa Margarida

poderá não pôr termo à controvérsia
sobre os motivos que a determinaram

LONDRES, 1. — (Do redactor da «Reuter», Ronald MacLurkin). —*O sacrifício da princesa Margarida anunciado, na noite passada, numa declaração pessoal, de pôr os seus deveres para com o trono e o país acima do seu amor pelo coronel-aviador Peter Townsend, homem divorciado, comoveu os corações de milhões de pessoas e, na opinião de muitos, fez aumentar o prestigio da Monarquia britanica. Homens de relevo na Igreja, politicos e a maior parte dos jornais sentiram alivio por ter sido evitada uma crise que teria envolvido a Coroa, a Igreja e o Estado.*

O «Times», de Londres, por exemplo, diz: «Todos os povos da Comunidade hão-de sentir gratidão por ela, por ter seguido o caminho abnegado e real que eles, no seu coração, esperavam dela».

Contudo, embora a Princesa tenha feito a sua escolha, a controvérsia não acabou. O «Daily Express», de Lord Beaverbrook, manifesta «consternação e perplexidade», por uma «campanha de pressão» ter forçado a Princesa a tomar essa decisão». Poderia ter-se realizado um casamento — afirma o jornal. «Poderia ter-se realizado na Igreja e teria tido o pleno apoio do povo».

Na primeira página, o «Express» declara que o duque de Edimburgo se poderia tornar

(Continua na página seguinte)

Regressou ao Tejo

a força naval que conduziu
o chefe de Estado a Inglaterra

A BORDO DO «BARTOLOMEU DIAS», À VISTA DE CASCAIS, 1 —Com a chegada, que se verificará esta tarde, à base do Alfeite, da força naval que se deslocou a Inglaterra por motivo da viagem presidencial, encerra-se o ultimo acto relacionado com este importante acontecimento da vida nacional, no qual a Marinha teve, como tantas vezes tem sucedido, uma intervenção particularmente brilhante.

Haviamos deixado o Tamisa,

(Continua na 6.ª página)

Na ponte do «Bartolomeu Dias», durante a descida do Tamisa a caminho de Lisboa: o comandante Sarmento Rodrigues, o seu chefe de Estado-Maior comandante Ivens Ferraz de Carvalho, o 2.º tenente Raposo e o piloto inglês

Nota do dia

O culto de Eça de Queirós

O Brasil continua fiel ao culto de Eça de Queirós. Não há, por certo, escritor português que tenha exercido maior influência sobre a literatura brasileira do que o autor dos «Maias», cuja obra é familiar a todo o Brasileiro de cultura média, que trata por tu a Gouvarinho, o Damaso Salcede e o Palma Cavalão.

Á semelhança do que se havia feito em Lisboa, com a fundação do Círculo que tem o seu nome, um grupo de escritores, homens de teatro e poetas brasileiros resolveu fundar na capital carioca o «Clube do Eça», ponto de reunião onde todas as segundas-feiras será recordada a figura do escritor e discutidos problemas que digam respeito á sua obra e á sua vida. Além disso, janta-se. O «Clube do Eça» será um grémio literário e jantante, para usar a expressão com que o próprio Eça definiu os Vencidos da Vida. O clube, que usará como emblema um ramalhete de girassois atados por uma fita, não terá estatutos. O receio de mostrarem quaisquer afinidades com o espírito ordenado e universalista de Pacheco levou os seus fundadores a não formularem normas pelas quais sejam obrigados a reger-se. Mas já foi proposto por um dos sócios que no primeiro jantar do clube o actor Silveira Sampaio, que está a representar no Rio uma peça histórica da sua autoria, em que desempenha o papel de Pedro Álvares Cabral, compareça á reunião com a indumentária com que se apresenta na peça, o que nos leva a crer que o gosto de Pacheco pela opulência do trajo e a sua admiração pelas grandes figuras da História pátria influenciaram de certo modo os fundadores do «Clube do Eça».

Para quem irá

o prémio Nobel da Paz ?

OSLO, 1 — O «comité» do prémio Nobel, encarregado de conceder o prémio da paz, tomará uma decisão, durante esta semana — declarou o seu presidente ao jornal «Morgenbladet».

Este jornal crê que o numero de candidaturas apresentadas se eleva a 40 e cita os seguintes nomes: Sir Anthony Eden, Nehru, Mendès-France, presidente Eisenhower, dr. Frank Buchman, Trygve Lie. — (F. P.).

NOTA SEMANAL

A indústria portuguesa do tabaco

Dados recentes da sua evolução

A manipulação do tabaco tem, entre nós, tradição de industria muito antiga. E, com efeito, das três empresas que no Continente se classificam geralmente como produtoras de tabaco, a mais velha conta agora cerca de cem anos de existência.

A actividade continua, no entanto, a apresentar indícios claros de firme prosperidade. De resto—como vimos na publicação do Instituto Nacional de Estatística denominada «Estatísticas Financeiras»—os dividendos distribuidos por esta industria atingiram, nos anos de 1950 a 1953, um quantitativo superior a

(Continua na 10.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Receia-se em Londres que a controvérsia *sobre o romance da princesa Margarida* incida agora sobre o Duque de Edimburgo

pela oposição ao casamento que lhe foi atribuída

(Continuação da página anterior)

uma «figura de controvérsia pública», por causa dos rumores da sua oposição ao casamento.

Alguns membros do Parlamento estão descontentes por Margarida ter sido forçada a fazer um sacrifício tão severo. Desejariam ventilar os seus sentimentos na Camara dos Comuns sobre a oposição da Igreja de Inglaterra ao casamento de pessoas divorciadas como Townsend. Estão ansiosos, também, por que seja emendada a lei de casamentos reais de há 200 anos, que torna difícil a membros da familia real consorciarem-se sem consentimento. Porém, em consequência de uma proibição de discussão parlamentar de questões pessoais da realeza, é improvável que possam manifestar as suas opiniões. Uma pergunta sobre a questão de casamentos reais está inscrita para hoje, mas é improvável que se trate dela.

Em Uckfield House, mansão no campo, no Sussex, jornalistas estão a postos, na esperança de obterem uma declaração de Peter Townsend. Parecendo confundido com a renuncia final, ele regressou, de automóvel, de Londres á mansão, na noite passada, e foi declarado que não estava «em condições de ver ninguém». Foi em Uckfield House que ele e a Princesa passaram o seu ultimo fim de semana — um fim de semana decisivo. A sua despedida final deu-se quando ambos regressaram, ontem, a Londres. Townsend foi a Clarence House, residência, em Londres, da Princesa, e esteve com ela duas horas, numa reunião que foi talvez a ultima. Depois, apenas poucas horas mais tarde, foi feita a comovedora declaração da Princesa ao Mundo, que, durante cerca de três anos, tinha falado do seu romance de amor.

Em 114 palavras, a Princesa escreveu o fim triste de uma história de amor. O que se seguirá? E' provável que Peter Townsend regresse ao seu cargo de adido da Aviação na embaixada de Bruxelas, antes do fim de semana. Margarida, de cabeça erguida, recusou-se a cancelar qualquer dos seus compromissos publicos. Assistirá a um serviço religioso na catedral de São Paulo, na quarta-feira. E' possível que se lance de todo o coração

Uma expressão de incerteza, a dúvida conformada—uma espécie de fazer as malas para a viagem da desilusão

nos trabalhos da realeza, procurando esquecer. Fazem-se conjecturas sobre se ela pedirá para lhe serem confiadas missões ainda mais árduas, como, por exemplo, o Governo de uma colónia.

Eis alguns dos comentários feitos, hoje, á decisão da Princesa:

«Daily Sketch»: «Não há ninguém que posa negar a grandeza do seu sacrifício. Não pôs fim ao falatório do Mundo, mas protegeu a dignidade e o prestígio do trono».

«Daily Herald»: «E' uma nobre declaração. Esta jovem mulher, estando sòzinha, passou pela provação de escolher entre o amor e a alta concepção do dever que é uma base duradoura da Monarquia».

«Daily Mail»: — «Nunca esqueçamos o sacrifício que ela fez pela Coroa, pela Constituição e pela Comunidade».

«New Chronicle»: «E' provável que haja forte reacção contra a Igreja e, possivelmente, contra os dirigentes da Igreja».

«Manchester Guardian»: — «A longo prazo, isso não redundará em crédito ou influência dos que foram mais persistentes em negar á Princesa a mesma liberdade de que goza o resto dos seus compatriotas».—(Reuter).

Qual será o futuro de Margarida e Townsend?

LONDRES, 1 — O futuro da princesa Margarida e do coronel Townsend poderá ser discutido na conversação semanal que o primeiro-ministro sir Anthony Eden terá, hoje, no palácio de Buckingham com a rainha Isabel—ao que julga saber o «Evening Standard».

O coronel Townsend deve, em principio, regressar na segunda-feira, á embaixada da Grã-Bretanha em Bruxelas onde exerce as funções de adido da Aeronáutica. Não se exclui, porém, que seja brevemente promovido a outro cargo, a não ser que peça a demissão, para tomar conta de um cargo na industria aeronáutica.

Quanto á princesa Margarida, teria manifestado o desejo de fazer nova viagem ao estrangeiro e, entretanto, quereria reduzir ao mínimo a sua presença em publico.

Enquanto que o triste epílogo do seu romance de amor é hoje o tema principal das conversas em toda a Inglaterra, a princesa descansa, na rua residência de Clarence House. Pela primeira vez, há 15 dias, nem um só curioso se via, esta manhã, em frente do enorme palacete amarelado cujo cimo desaparece no nevoeiro que envolve a capital.

Amanhã, a princesa deve assistir a um serviço de acção de graças, na catedral de S. Paulo.

Ao mesmo tempo, na Uckfield House, no Susex, onde os dois passaram o ultimo fim de semana e onde Peter Townsend regressou, ontem á noite, os jornalistas esperam: o coronel mandou-lhes dizer ontem por um criado que não estava «em condições de ver fosse quem fosse», mas que poderiam encontrar-se com ele, hoje, ás 11 horas. A Polícia manteve um cordão intransponível em redor do edifício, durante toda a noite. Pela manhã, um criado saíu para comprar todos os jornais londrinos. Em casa, o telefone não pára de tocar. São amigos que lhe patenteiam a sua simpatia.

E' provável que Peter Townsend passe uns dias em Uckfield. Ao meio-dia, mandou uma breve nota aos jornalistas: «O coronel Townsend não tem qualquer declaração a fazer e não sairá hoje de casa». —(France Presse).

O voo deixou de ser uma evasão poética: a máquina transporta-nos onde se julga ser o império do sonho...

Opiniões divergentes dos dignitários das Igrejas evangélicas

LONDRES, 1.—Enquanto que os moderados da assembleia geral da Igreja Livre Unida da Escócia, o rev. J. Howie Haldane e o primaz da Igreja Episcopal na Escócia, o rev. Thomas Hanny, manifestaram, hoje o seu agrado pela decisão da princesa Margarida de não casar com o coronel-aviador Townsend, o rev. W. Percival Precott, da Igreja Evangélica Buccleuch, em Edimburgo, declarou que se sentia «terrívelmente desgostoso com a forma como o clero tinha estabelecido uma atmosfera de receio e de intimidação contra este casamento». «Portaram-se como se estivéssemos a viver na Idade Média. Foi entregue um ultimato a esta pobre rapariga por alguns membros do Clero, que declararam: — Se casar com este homem irá para o Inferno».

Precott disse que a princesa tinha recusado enquanto pôde, «mas que tinha de ceder, mais cedo ou mais tarde».

«Se esta união era de amor e se se amavam um ao outro, o clero praticou um pecado contra Deus ao impedi-la» — declarou Prescott. — (R.).

As reacções na Comunidade britanica traduzem simpatia e admiração pela princesa

LONDRES, 1—Chefes da Igreja e do Estado da Comunidade e pessoas vulgares, em todo o Mundo, aclamaram, hoje, a decisão da princesa Margarida de não casar com o coronel aviador Peter Townsend. Quase todos de elevada ou baixa categoria, manifestaram admiração pela coragem e força de vontade da princesa, quer aprovassem ou não o fim aparente do romance de amor mais falado dos ultimos dez anos. Correspondentes em vários centros mundiais telegrafaram as seguintes reacções:

SYDNEY—O primaz da Austrália, o rev.º H. W. K. Mowll, arcebispo de Sydney, disse numa declaração á Imprensa que a decisão da princesa Margarida «será saudada com grande alívio e admiração». O cardeal Norman Thomas Gilrey, arcebispo católico de Sydney, declarou: «Sempre tive confiança em que a princesa Margarida faria o que era justo».

Jornalistas, em Melbourne, através de um inquérito á opinião publica, nas ruas, encontraram opiniões divergentes, tanto de homens como de mulheres sobre a questão. Uma rapariga «nova australiana», recentemente chegada da Europa Central, disse: «Que tristeza ter de se ser inglês para compreender isso».

WELLINGTO (Nova Zelandia)— O «Wellington Evening Post» diz num editorial que «as palavras simples de Margarida provocariam a simpatia de todos os que as leram com compreensão da provação por que passaram a feliz princesa e o corajoso aviador».

O «Auckland Star» diz que, ao fazer a sua declaração, a princesa Margarida «pôs em primeiro lugar o principal». «Falou como a filha de um rei».

OTTAWA — Autoridades federais canadianas sentiram alívio com a notícia de já não haver necessidade de preocupação sobre as complicações constitucionais que poderiam ter surgido se a princesa Margarida tivesse decidido casar-se com o coronel-aviador Townsend. A presidente do Município de Ottawa, miss Charlotte Whitton, comentou: «Mais uma vez a Coroa dá um exemplo brilhante de sacrifício abnegado de inclinação pessoal pa-

(Continua na 15.ª página)

A história dos amores que comoveram o Mundo

LONDRES, 1. — O mesmo destino que hoje separa a princesa Margarida e Peter Townsend, tinha-os reunido, pela primeira vez, há mais de onze anos, em 16 de Março de 1944. Nesse dia, Townsend tomou oficialmente posse das suas funções na corte de Jorge VI. O rei apresentou-o, então, ás suas duas filhas, das quais a mais nova tinha treze anos. Para ela, Townsend, o brilhante aviador que abateu, no céu da Inglaterra ameaçada, onze aviões inimigos, era um heroi. Esta admiração transformou-se, durante os anos que se seguiram, num sentimento mais terno.

Em 1953, as relações sentimentais da princesa e do aviador eram descobertas. Townsend foi demitido da comitiva oficial da rainha-mãe e da princesa e ambas partiram, em visita oficial, á Rodésia. A princesa aceitou pôr o seu amor á prova durante dois anos, mas não acreditava que a separação pudesse ser total. Em 2 de Julho de 1953, estando em Africa, Townsend foi enviado para Bruxelas, como adido do Ar. Quando Margarida soube da notícia, foi necessário chamar um médico. Dois anos mais tarde, em 12 de Outubro ultimo, depois de dois anos de separação, Townsend e Margarida voltaram a encontrar-se. O aviador chegou, na véspera, de Bruxelas. Na manhã seguinte, a princesa regressou da Escócia. Durante algum tempo, viu-o quase todos os dias — dias preciosos e encantadores em que passaram algumas horas juntos, mas dias de hesitação dramática entre o amor e o dever. O dever acaba por ganhar.

Depois de um fim de semana em Uckfield House, a princesa Margarida encontrou Townsend, pela ultima vez, ontem, em Clarence House, onde passaram duas horas, antes de se separarem para sempre. — (F. P.).

BAR-EXPRESSO
TERMINUS
AMANHÃ:
DOBRADA À MODA DO PORTO
PATO COM ARROZ NO FORNO
RESERVE A SUA MESA
R. 1.º de Dez.º 67 — Tel. 24597

É pôsto à venda no próximo dia 3 de Novembro o livro:
Mineralogia
para o 6.º ano dos liceus segundo os programas actuais pelos Profs.
Dr. Celestino Maia e Dr. Filinto Costa
Depositário:
PORTO EDITORA, LDA.

DOIS SECULOS DEPOIS DO GRANDE CATACLISMO DE LISBOA

Não há leis que deixem prever a proximidade dos terramotos ou estabelececer a sua periodicidade

Recordar o terramoto de 1 de Novembro de 1755—duzentos anos passaram—pode parecer, a algumas pessoas, uma ideia pouco feliz, tanto mais que, precisamente, paira por aí, no ar, uma vaga psicose relacionada com o facto que assenta na ideia, científicamente falsa, de que os terramotos se verificam segundo certas regras de periodicidade. Ora, este conceito é absolutamente inexacto, como se provará adiante. De resto, se qualquer dessas pessoas—das que se deixaram dominar pelo receio de que neste ano da graça de 1955 outra concussão geológica abalaria o chão de Lisboa—tivesse tido o cuidado de folhear a História, veria a sua ideia destruida pela base.

É um facto verificável que a zona da Europa, na qual se inclui Portugal, abalada através dos séculos por sismos, tem beneficiado de um crescente decrescimo desses fenómenos, que, de época para época, se vão tornando menos intensos e mais espaçados.

Os anteriores terramotos sentidos no nósso País estenderam-se a zonas de grande parte da Europa, devendo, portanto, estar relacionados com evoluções geológicas, agora com tendência para um processo de estabilização.

É ver, concretamente, através de um quadro dos abalos sismicos que mais se fizeram sentir no nosso País, a negação da tal hipòtética periodicidade.

O professor Francisco Luís Pereira de Sousa, no seu exaustivo estudo sobre o terramoto de 1755 cita a «Revista Popular» onde são mencionados os principais sismos verificados em Lisboa anteriores ao de 1755, cujas devastações foram enormes: os «muito violentos», dos anos 370 e 377, antes de Cristo; os de 1009, 1117, 1146 e 1290, que «foram muito violentos»; o de 24 de Agosto de 1356, que durou um quarto de hora, destruiu muitas casas e foi seguido de outros abalos mais ligeiros que se prolongaram por quase um ano. Foi tão violento como o de 1755.

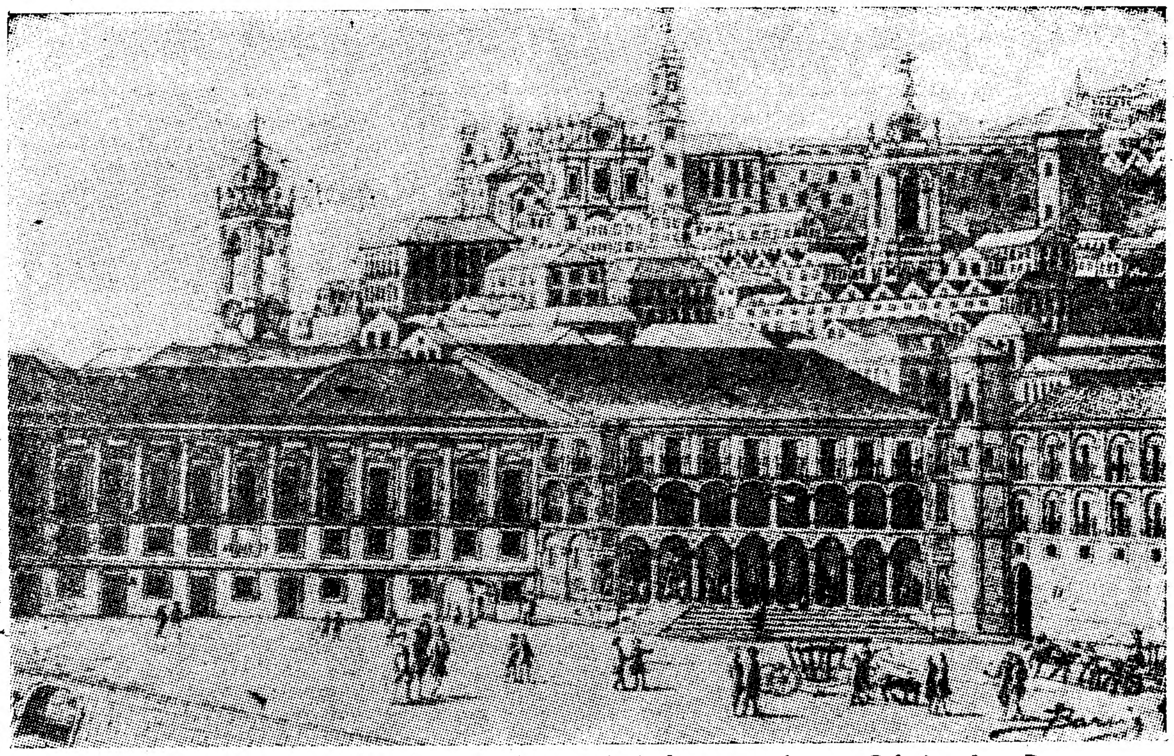
Entre esse período e o de 1531, que «foi um dos mais terríveis», verificaram-se outros em 1366, 1395, 1504 e 1551. A 27 de Julho de 1575, outro abalo violento, mas que não causou vítimas. Já não aconteceu o mesmo com o do ano seguinte, 1576. O de 27 de Outubro de 1699 prolongou-se, também, por três dias e foi «mui violento». Os de 1722 (no Algarve) e 1724 «foram fortes, como que um preludio á grande devastação do de 1755.

Após a terrível e histórica catástrofe, de novo, em 30 de Abril de 1761, a terra tremeu, bem como, posteriormente, em 10 e 17 de Janeiro de 1796 e á 6 de Junho de 1807, sem contudo se produzirem grandes danos na cidade. Parecia que as convulsões tinham tendência para decrescer de intensidade. Só em 1851 e 1856, se sentiram, de novo, fortes sismos em Lisboa, e em muitos pontos do País, sem que houvesse vítimas. E o ultimo terramoto registado na cidade foi o de 1858, se bem que em 1909 haja a assinalar o de Benavente e Samora, de tão trágicas consequências. Os sismos posteriores, como os de 1923 e de 1940, foram de certa violência, mas pouco mais deram que susto.

Está averiguado, como dissemos, que todos estes sismos não só se sentiram em Lisboa, como em outras regiões do País e em grandes zonas da Europa. E resta acrescentar que o numero de vítimas que se verificou em 1755 e nos abalos anteriores foi, principalmente, devido á precariedade das construções.

* * *

Duzentos anos passarem, portanto, sobre o abalo que mais estragos causou em Lisboa. E acalmados os espíritos mais nervosos com o quadro das mais importantes convulsões que se registaram na cidade, desde as mais recuadas épocas, parece-nos interessante arquivar aqui uma autentica reportagem vivida de um contemporaneo, o sr. Jácome Ratton, que residiu na Rua dos Remolares. Este testemunho é, também, citado na obra de Pereira de Sousa, a que aludimos.



O Terreiro do Paço antes do terramoto, vendo-se, principalmente, a famosa Galeria das Damas e, na retaguarda, as torres do relógio, da Patriarcal, e, no ultimo plano, da esquerda para a direita, a igreja dos Mártires e o convento de S. Francisco, onde está actualmente a Biblioteca

A reportagem do Terramoto feita por um coevo

«Entre os acontecimentos extraordinários da minha vida não devo omitir a meus filhos o que passei na ocasião do memorável terramoto de Lisboa que teve lugar no 1.º de Novembro de 1755, pelas nove horas e meia da manhã; e como fosse dia de Todos os Santos tinha eu ido á missa á igreja do Carmo, cujo tecto era de abóbada de pedra e, derrubado, matou muito povo que ali se achava, de cujo perigo escapei por ter ido mais cedo e me achar na dita hora nas águas-furtadas das minhas casas, mostrando a um comprador uma partida de papel (...). Ao sentir o primeiro abalo me ocorreram muitas reflexões tendentes a salvar a minha vida e não ficar sepultado debaixo das ruinas da própria casa, ou das vizinhas, se descendo as escadas fugisse para a rua; mas tomei o partido de subir ao telhado, nas vistas de que abatendo a casa eu ficasse sempre superior ás ruinas. Já quando eu tomei este expediente era tanta a poeira que á maneira do mais denso nevoeiro, impedia á vista a duas braçadas de distancia; só passados alguns minutos que a dita poeira se foi dissipando, é que eu pude ver o interior das casas vizinhas, por terem caído as paredes fronteiras, até aos primeiros andares, ficando os telhados apenas sustidos pelas paredes divisórias. Seus habitantes, alguns ainda em camisa, correndo espavoridos de uma a outra parte, imprecavam os auxílios do Ceu, e dos homens em seu socorro. Á vista desta horrível cena, me resolvi descer as escadas, e fugir para a rua a fim de buscar alguma parte onde me julgasse mais seguro. Ao descer as escadas encontrei meus pais, que aflitos me buscavam nas ruinas de um grande pano de chaminé, que tinha caído e debaixo do qual me julgavam sepultado. Foi inexplicável o nosso contentamento quando nos encontramos; mas eu sem perder tempo lhes pedi que me acompanhassem para o largo mais próximo que era ao fundo da Rua do Alecrim; e encontrando de passagem D. Maria Castre, nossa vizinha, que também fugia, a tomei pelo braço e seguimos a Rua dos Remolares por cima dos entulhos e muitos corpos mortos, até á beira-mar, onde nos julgavamos mais seguros. Mas pouco depois de ali termos chegado, assim como muita gente, se gritou que o mar vinha saindo furiosamente dos seus limites: facto que presenciamos e que redobrou o nosso pavor, obrigando-nos a retroceder pelo mesmo caminho e a procurar, pela Rua de S. Roque, o alto da Cotovia (...), aonde vieram ter, por diversos caminhos, meus pais e os parentes da dita senhora, todos na maior inquietação por não saberem uns dos outros, como aconteceu a imenso povo, que procurou aquele sítio descampado (...). O descampado daquele alto dava lugar a descobrir-se a cidade por todos os lados, a qual, logo que foi noite, apresentou á vista o mais horrível espectáculo das chamas que a devoravam, cujo clarão alumiava, como se fosse dia, não só a mesma cidade, mas todos os seus contornos, não se ouvindo senão choros, lamentações e coros entoando o Bendito, ladainhas e miserere. Por fortuna o Ceu se conservava claro e sereno e o terreno enxuto(...)».

A exposição evocadora *da reconstrução de Lisboa* após o Terramoto abrirá este mês nas Galveias

Dentro de poucos dias, no Palácio das Galveias, o Município de Lisboa vai promover uma exposição do maior interesse citadino. Trata-se da evocação retrospectiva da capital, referenciada nos períodos que antecederam e precederam o terramoto de 1755.

E' intenção da Camara Municipal, recordar os aspectos culturais relacionados com a história da cidade. Essa intenção será realizada através dum conjunto notável de espécies bibliográficas, iconográficas e documentais, muitas delas vindas do estrangeiro.

A Lisboa velha aparecerá em quadros e gravuras expressivos e numa maqueta monumental, construída, sob a orientação de Matos Sequeira, na oficina de Ticiano Violante. A beleza e o pitoresco da capital, dos meados do século XVIII até ás vésperas da catástrofe, serão retratadas com a maior fidelidade e com inéditos motivos de interesse.

A exposição focará, ainda, a repercussão europeia do sismo e o contributo que levou ás ideias filosóficas da época, tudo valiosamente documentado, graças á gentil colaboração dos departamentos oficiais da França, Grã-Bretanha, Holanda e Alemanha Ocidental. Torna-se notabilissima, sob diversos aspectos, a colaboração inglesa, obtida devido aos bons ofícios do Instituto Britanico de Lisboa, a qual abrange documentos e gravuras de alta valia, os quais serão apresentados numa sala especial.

Os reconstrutores da cidade, com relevo para o marquês de Pombal, serão lembrados na exposição, em que figuram ricas colecções de projectos, plantas e manuscritos relacionados com a edificação da então Lisboa nova, erguida sob as ruínas da cidade destruída pelo terramoto.

Procurando não recordar o cataclismo de 1755, nem os momentos dolorosos duma cidade em sofrimento, a próxima exposição do Município proporcionará uma lição cultural proveitosa, aliás rematada com obras dos maiores autores do tempo e de sempre, como Voltaire, Rousseau, Kant, Goethe e outros.

Reuniões internacionais

A convite da Organização Económica de Cooperação Europeia, reunem-se em Paris, nos dias 3 e 4, missões jornalisticas de vários países europeus. Com representantes do nosso País, tomam parte na reunião os nossos camaradas Alfredo Gandara, presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas, e dr. Alvaro Salema, redactor principal do «Jornal do Comércio». O primeiro partiu hoje, no «Sud-Express»; o segundo segue amanhã num avião da Air France.

O terramoto de Lisboa recordado na Grã-Bretanha

A propósito do 2.º centenário do terramoto que assolou Lisboa em 1755, haverá esta tarde, em Londres uma reunião no King's College, durante a qual fará uma conferência alusiva o prof. C. R. Boxer, eminente lusófilo e orientalista britanico.

Por sua vez, a B. B. C., no seu programa para Portugal, das 19 e 30 ás 20 horas, transmitirá uma emissão especial organizada pelo prof. George West, de quem ontem publicámos um artigo.

A's 21 horas, no seu «Terceiro programa» da «Home Service», a B. B. C. fará, durante 65 minutos, uma emissão sobre as consequências filosóficas e religiosas do Terramoto de Lisboa na Europa Central. Este programa poderá ser escutado nos seguintes comprimentos de onda: 464 ou 194 metros.

Em Almada houve cerimónias evocativas

ALMADA *(Pelo telefone)*. — Recordando o terrível terramoto de 1755 — há precisamente duzentos anos — realizou-se hoje de tarde em Cacilhas a tradicional procissão de Nossa Senhora do Bom Sucesso e do Senhor Jesus dos Navegantes, promovida pela Irmandade ali existente o que tem por juiz o sr. Luís Teotónio Pereira.

Com o templo restaurado, cujas obras foram hoje inauguradas, foi celebrada de manhã missa com comunhão geral e ao meio-dia, houve missa solene. Os dois actos religiosos tiveram a assistencia de elevado numero de fieis.

O cortejo religioso saíu do templo entre alas compactas de fieis, vindos de Lisboa e de todas as localidades do distrito de Setubal. As ruas do percurso estavam vistosamente engalanadas com colchas e colgaduras que pendiam das janelas e bandeiras que ondulavam em mastros.

Os andores do Sagrado Coração de Jesus, de Nosso Senhor dos Navegantes e de Nossa Senhora do Bom Sucesso, lindamente ornamentados com flores, iam ladeados pelas crianças das escolas, membros de colectividades religiosas, com os seus respectivos estandartes, componentes da Irmandade, seminaristas de Almada, bem como os rapazes da obra social da fragata «D. Fernando». Abrilhantaram a procissão as bandas de musica da Brigada Naval da Legião Portuguesa e da Casa Pia de Lisboa.

No largo Costa Pinto, o pároco da freguesia fez uma evocação histórica do acontecimento que deu origem a procissão, em 1755.

O cortejo religioso percorreu todo o trajecto previsto, igual aos dos anos anteriores, dando depois entrada no templo, após o que foi dada a benção do Santíssimo Sacramento a todos os fieis.

GLYCOL
O IDEAL DA PELE
Produtos V. A. P. Portugal
O unico preparado que realiza a máxima beleza, dando á pele o raro encanto da mocidade
A' venda nas boas casas da especialidade e principais farmácias
Depositários gerais:
VENTURA D'ALMEIDA & PENA Rua do Guarda-Mór, 20, 3.º, E. — Lisboa — Telefone 664972
Enviamos encomendas pelo correio á cobrança
Remetemos amostras contra 5$50 em selos do correio

Leiam o jornal humoristico sempre fixe

Casino Estoril TEL. 130
HOJE — No *«Wonder-Bar»*
Jantares — Ceias — Baile
Consumo mín., 40$00—Adultos
— *QUINTA-FEIRA* —
ESTREIA da artista francesa
MERIBETH OLD
do «Nouvelle Eve» de Paris
Conjuntos *MARIO SIMÕES* e *OLIVER*

DESPORTOS

PROVAS DA A. F. L.

Não houve alterações

na classificação dos juniores

após os jogos desta manhã

A Associação de Lisboa marcou para o feriado de hoje os encontros da nona jornada (segunda da 2.ª volta) do campeonato regional de juniores. O Sporting continua á frente na série A, mas alcançou hoje resultado fraco contra o Castelo. Na série B, o «leader» continua a ser o Benfica, que derrotou o Atlético.

Após os jogos, a classificação ficou como segue:

Série A — *1.º. Sporting, 27 pontos; 2.º, Belenenses, 24; 3.º, Casa Pia, 19; 4.º, Cascalheira, 18; 5.º, Vitória, 17; 6.º, Palmense, 14; 7.º, Estoril, 14; 8.º, Castelo, 11.*

Série B — *Benfica, 24 pontos; 2.º, Vialonga, 22; 3.º, Atlético, 19; 4.º, Oriental, 16; 5.º, Sacavenense, 16, 6.º, Alhandra, 16; 7.º, Op. Vilafranquense, 15; 8.º, Aguia, 13.*

Belenenses, 1—Estoril, 0

Jogo no Estádio «José Manuel Soares», arbitrado por Oliveira Martins

BELENENSES — Vicente; Gonçalves e Serras; Mendes, Castro II e Carriço; Pessanha, Inácio, Gabirro, Castro I, e Correia.

ESTORIL — C. Alberto; Ferreiro e Palmiro (Carajote); Fernando, Albino e Peixoto; Roque, Mantas, Caracol, Eduardo e Corado.

Ao intervalo, o Belenenses ganhava por 1-0, golo obtido aos 26 minutos por Gabirro. Os «azuis» tiveram sempre a iniciativa da construção das jogadas e o Estoril, embora animoso, raras vezes pôde estabelecer ataque em forma. Todavia, no segundo tempo, os estorilistas, conseguiram equilibrar mais a partida e só por manifesta falta de calma não chegaram ao empate.

Vitória 1—Palmense, 1

Jogo em Chelas. Arbitro: Oliveira Pinto.

VITORIA — Artur; Gama e Correia; Santos, Rosa e Rodrigues; Lopes, Grova, José Pedro, Albarran e Baltasar.

PALMENSE — Pina Martins; Ramalho e Cotrim; Baptista, Jaime Silva e Lopes Silva; Teixeira (Gonçalves), Romão, Chaves, Fonseca e Brito.

O Vitória atingiu o intervalo com a vantagem de um tento, obtido por Albarran, aos 38 minutos, resultado que se pode considerar certo.

Aos 17 minutos da segunda parte, Rodrigues atirou á figura do guarda-redes do Palmense uma grande penalidade, perdendo o Vitória uma ocasião de aumentar o activo. Assim, aos 24 minutos, Fonseca, a passe de Brito, apontou o golo que deu o empate ao Palmense.

Cascalheira, 2—Casa Pia, 2

Jogo no campo da Aliança. Arbitro: Luís Arruda.

CASCALHEIRA — Fura; Feijão e Valdemar; Henrique, Carlitos e J. Maria (Marinho); Jorge, Guerra, Gustavo, Martins e J. Manuel.

CASA PIA — Saraiva; Ismaci e António José; Tolentino, Domingos e Varela (Santos); Praia (Varela), Alvaro, Jorge, Afonso e Godinho.

A primeira parte pertenceu abertamente aos casapianos. Senão fosse a boa actuação da defesa do Cascalheira o resultado podia ser bastante desfavorável, mas, assim cifrou-se em 1-0, golo de autoria de Saraiva, aos 24 minutos.

Na segunda parte os donos do campo reagiram, e, como corolário do dominio que impuseram ao Casa Pia, Gustavo e Guerra, aos 4 e aos 6 minutos fizeram dois tentos. Mas, a três minutos do final, Domingos, na marcação de um livre estabeleceu a igualdade, aliás bem merecida.

Castelo, 0—Sporting, 2

Jogo no campo de Marvila C. P., arbitrado por Décio de Freitas.

CASTELO — Sousa; Viegas e Ramiro; Fernando, Leal e Valdemar; Eugénio, Monteiro, Antero, Assis e Renato..

SPORTING — Azevedo; Bento e Mourato; Nelito (Serra Coelho), Couto e Mendes; Coutinho (Jaques e Samuel), Mendonça, Passo, Bispo e Ferreira.

O Sporting fez 1-0 antes do intervalo, por Mendonça, aos 14 minutos. Os «leões» jogaram menos do que habitualmente e o Castelo deu replica animosa No segundo tempo a fisionomia da partida não se alterou e Mendonça, aos 9 minutos, fez o segundo tento do Sporting.

Op. Vilafranq., 2—Vialonga, 3

Jogo em Vila Franca de Xira. Arbitro, Silvério Bebiano.

OPERARIO — Vitor; Nalha e Pereira, José António, Neves e Graça; Ricardo, Conceição, Caninhas, Mariano e Mário e Mário.

VIALONGO — José António; Braga e Tormenta: Mocho, Mendonça e Camarão: José João, Gonzaga, Alfredo, Carvalho e Assunção.

O Vialonga ganhava já ao intervalo, por 2-1, golos obtidos por Carvalho, aos 7 minutos e Amarino (1-1) aos 10 e Carvalho, de novo, aos 27 minutos. No segundo tempo Alfredo aumentou a vantagem para 3-1 aos 8 minutos e Caninha, ao quarto de hora estabeleceu o resultado final de 3-2.

A despeito do dominio exercido pelos locais, o Vialonga alcançou uma vitória que se aceita bem.

Sacavenense, 2—Alhandra, 1

Jogo em Sacavem. Arbitro: Mario Costa.

SACAVENENSE — Mário Rui: Rocha e Edmundo: Rui, Pratas e Felix; Ferreira, Martinho, Renato, Amaral e Manuelito.

ALHANDRA — Carvalho I; Pereira e Vitor, Benavente e Melo; Agostinho, Dionisio, Antunes, Manuel Carlos e Carvalho II.

O encontro não decorreu com a correcção devida, e, principalmente o Alhandra viu-se privado de três elementos, facto que deverá fazer diminuir as suas probabilidades de classificação para a fase final.

A primeira parte terminou com 1-0. a favor do Sacavenense, na conversão de uma grande penalidade, por Amaral.

Depois do intervalo, aos 15 minutos, Renato e Benavente são expulsos do terreno. A' passagem da meia hora: Dionisio estabeleceu o empate. Três minutos volvidos, Carvalho II, também saiu do campo por ordem do árbitro. Aos 35 minutos, Pratas, na conclusão de um livre indirecto, marcou o ponto da vitória do Sacavenense.

A. Vilafranquense-Oriental

O jogo Aguia Vilafranquense-Oriental não se efectuou por falta de comparencia dos lisboetas, pelo que o Aguia marcou os pontos regulamentares.

Atlético, 1—Benfica, 3

Jogo na Tapadinha. Arbitro: Manuel da Silva.

ATLETICO — Santos; Orlando e Quintino; Fonseca (Vaz), Rafael e Franco (Midões); Espiga, Leca, Alvaro, Sim-Sim e Izego.

BENFICA — Barroca; Pinto e Jurado; Nuno, Rocha e Camilo; Reis, Silvino, Mendes (Honorio), Barbosa e Palmeiro Calado.

A arbitragem estragou um desafio que prometia, dado o valor das duas equipas. Mas a falta de autoridade do juiz da partida consentindo algumas entradas á margem da lei, por parte dos jovens do Atlético, mormente de Orlando, tirou o interesse ao jogo.

O Benfica mereceu a vitória. Ao intervalo já os «encarnados» venciam por 2-0, tentos de Silvino e de Palmeiro Calado, aos 25 e aos 32 minutos.

Na segunda parte, aos 23 minutos, uma grande penalidade assinalada com rigor, e transformada por Espiga, deu o ponto de honra do Atlético. A um minuto do final, Honório, fez, a um passe de Silvino, o terceiro tento do Benfica.

Os pré-seleccionados para Nacionais e militares treinam amanhã

O seleccionador nacional, nosso camarada dr. Tavares da Silva, convocou para o terceiro treino da selecção nacional de futebol, os seguintes jogadores: Costa Pereira, Artur, Fernando Caiado, Aguas e Coluna (Benfica); Passos, Juca, Travaços e Martins (Sporting); José Pereira e Matateu (Belenenses); Virgílio e Pedroto (F. C. do Porto); Germano (Atlético); Graça (V. de Setubal); e José Pedro (Lusitano).

Em relação ao ultimo treino, foi dispensado Figueiredo (Belenenses) e voltou a ser convocado Artur (Benfica).

Os prováveis do «onze» de Portugal treinam com os prováveis da equipa militar.

A sessão de treino, sem duvida proveitosa para ambas as representações portuguesas, efectua-se no Estádio Nacional, ás 15 horas.

TÉNIS DE MESA

Campeonatos internacionais

VIENA, 1. — O actual campeão, o checo-eslovaco Ivan Andreadis, e o seu compatriota Ladislaw Stipek classificaram-se ontem para a disputa da final de singulares dos campeonatos internacionais austríacos de ténis de mesa, disputados em Viena.

Andreadis venceu o austríaco Wegrath por 21/17, 9/21, 21/17, 17/21 e 21/13, e Stipek venceu o checo-eslovaco Vyhnanovsky por 17/21, 19/21, 21/14, 21/19 e 21/19.

A senhora Angelica Rozeau, da Roménia, campeã mundial, e a senhora Rosalind Cornett, da Grã-Bretanha, classificaram-se para a final do torneio feminino de singulares. — (R.).

ATLETISMO

Uma vitória do inglês Thompson

MILÃO, 1.—O inglês Don Thompson ganhou a prova de pedestrianismo dos 100 quilómetros, cobrindo a distancia em 10 h. 13 m. 37 s. — (F. P.).

Teatros e Cinemas

Ópera lírica

A despedida de Franca Ottaviani

Franca Ottaviani veio há dois anos a Lisboa e foi recebida como uma surpresa. Voltou o ano passado. Voltou este ano. O publico, que entusiasmado lhe descobrira a facilidade graciosa e límpida dos gorgeios, não mais a perdeu no seu olhar e viu-a ganhar experiência de presença e atitudes, enquanto o cristal da voz parecia ganhar certeza e apuro. Por isso, ontem, o Coliseu teve uma bela enchente para a ouvir na sua despedida, na figura graciosa de «Rosina», de «O Barbeiro de Sevilha». Muito jovem, muito fresca, muito graciosa, Franca Ottaviani deu tudo quanto se podia esperar — e o publico deliciou-se e aplaudiu-a sem fim, obrigando-a a «bis» e voltando a aclamá-la, quase em delírio, no fim do espectáculo variado em que pôde ouvi-la em fragmentos da «Traviata» e da «Mignon».

No «Barbeiro», o barítono Carlo Meliciani deu boa conta de si; o baixo Ugo Novelli confirmou excelente qualidade; e o tenor Piacentini, embora sem grandes voos, não desequilibrou a harmonia do conjunto, que foi muito agradável.—*J.*

Atrás do reposteiro

Na peça infantil que vai entrar em ensaios no Teatro da Trindade tomam parte alunos da Secção de Teatro do Conservatório.

—O tenor Guilherme Kjölner é um dos intérpretes da ópera de D. José de Barahona, «O sonho de D. João V».

—E' possivel que a revista «Porto é Porto», em cena no Teatro Sá da Bandeira do Porto, seja representada em Braga, Guimarães e Aveiro.

—No desempenho da revista que na temporada da Primavera a companhia do actor-empresário Eugénio Salvador vai apresentar no Coliseu, deve tomar parte a actriz Herminia Silva.

—A comédia «Toiros de Morte», em ensaios no Teatro Apolo, só deve subir á cena na próxima semana.

—A revista «O' Zé, aperta o laço» deve subir á cena no Teatro Sá da Baandeira do Porto, em 11 do corrente.

—O «ballet» português «Abril em Portugal», dirigido pelo bailarino Humberto Cruz, está a actuar no Ses Tiyatrose de Iztambul.

—O elenco completo da companhia brasileira de Renata Fronzi-César Ladeira, segundo as ultimas informações do Rio de Janeiro, é constituida por aqueles artistas e Glória May, Ruy Cavalcanti, Ta-

(Continua na página seguinte)

PORTO-BENFICA
Nos dias: 5 e 6 de Novembro
Partida (Sábado) às 14,30 horas
Regresso (Domingo) às 18 horas
PREÇO: 115$00
Informações e inscrições na
EMPRESA ISIDORO DUARTE
Rua da Palma, 256 (Garagem Navarro). Tel. 21034—
Cabinas 2 e 3 — LISBOA

¿¿TEYMA??
ABRE BREVEMENTE

Portugal eleito

para presidir ao Bureau Internacional das Câmaras de Comércio

Na recente reunião, em Paris, do Conselho da Camara de Comércio Internacional, em que Portugal esteve representado pelo sr. Carlos Mantero, presidente da Delegação Nacional naquele organismo da economia mundial, procedeu-se á eleição para a presidência do Bureau Internacional das Camaras de Comércio de diversos países, entre as quais se conta a Associação Comercial de Lisboa — Camara de Comércio, organização integrada na C. C. I., criada no seu Congresso de Lisboa, em 1951.

Por aclamação, foi eleita para a presidencia do Bureau o sr. Carlos Mantero, que nesse acto representou a Associação Comercial de Lisboa — Camara de Comércio, membro do Bureau.

No Bureau Internacional das Camaras de Comércio da C. C. I. estão representados 24 países, nomeadamente, além de Portugal, a Inglaterra, os Estados Unidos, a França, a Bélgica, a Holanda, a Suiça, a Itália, a Espanha e países da América Central e do Sul.

VIDA RELIGIOSA

Dia litúrgico do Santo Condestável

A comissão directiva do Caldeirão do Santo Condestável, a exemplo dos anos anteriores, manda celebrar, na capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo (Largo do Carmo), no próximo domingo — «Dia Liturgico» do Santo Condestável—ás 11 horas, uma missa votiva. Será celebrante frei Luís Gonzaga de Oliveira, comissário da Ordem-Terceira, e a missa tem como intenção a paz da Nação portuguesa e a glória do nosso Exército.

Após a missa será distribuido um bodo em géneros aos pobrezinhos protegidos pelo Caldeirão do Santo Condestável.

Avenida
Temporada de declamação 1955/56
Subsidiada pelo Fundo do Teatro
BREVEMENTE
a obra-prima de JEAN ANOUILH
(tradução de Redondo Junior)
JOANA D'ARC
(L'Alouette)
O eterno conflito entre a pureza e um mundo ávido de a destruir
Um espectáculo de VASCO MORGADO

TEATRO MONUMENTAL
2 SESSÕES ÀS 20,45 e 22,45
PARA ADULTOS
Empresa *Vasco Morgado*, subsidiada pelo *Fundo do Teatro*.

O MAIOR ÊXITO DOS ULTIMOS ANOS! QUASE TRÊS MESES DE GRANDES ENCHENTES!
MELODIAS DE LISBOA
A GRANDE FEÉRIE DE 1955
O quadro de comédia com LAURA ALVES e RAUL SOLNADO
LAURA, VILLARET, ASSIS
e um grande elenco
SÁBADO, ÀS 18,15
RECITAL POÉTICO de PAULO SANTIAGO

Teatros e Cinemas

(Continuação da página anterior)

mariz, Glória Norton, Dorinha Duval, Pina Brunette, Sandra Saudré, Libera Reis e Maria Morena. A companhia só deve embarcar para Lisboa em 18 do corrente.

—As maquetas dos cenários da peça de Tchekof «As três irmãs», em ensaios no Trindade, são de Bernardo Marques.

—O actor Carlos Duarte vai ingressar na companhia do Teatro de Arte de Lisboa.

O D. Maria II

reabre depois de amanhã

Duplo motivo de interesse encontrará o publico, depois de amanhã, na reabertura do D. Maria II. Primeiro, o facto de se apresentar, na maravilhosa encenação de Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, com a colaboração plástica de Lucien Donnat, o drama de Alfredo Cortez, «Tá-Mar», com que a companhia deste teatro participou, triunfalmente, no II Festival de Arte Dramática de Paris, ao lado de mais de duas dezenas de nações; depois, porque a sala do teatro se encontra ainda mais bela na sua traça de linhas nobres, depois dos importantes melhoramentos que lhe foram introduzidos.

Nos principais papeis de «Tá-Mar» intervêm, com criações que a crítica parisiense foi unanime em elogiar, Mariana Rey Monteiro e Raul de Carvalho, ao lado de um prestigioso elenco de que fazem parte quase todos os elementos da companhia.

Nesta récita, os espectadores deverão usar trajo de gala, e ser-lhes-á oferecido, como recordação o programa que foi distribuido em Paris, no Teatro Hébertot.

Alberto Costa

LUSO

r. da Queimada, 8-A. Tel. 32889
(Para adultos)

Hoje (até de madrugada) Fados e Canções por **Natividade Pereira**, Aurora Sobral, Angela Nunes, **Joaquim Silveirinha**, **Alberto Costa** e Raul Dias. Acompanhamentos por António Couto e Pedro Leal. Direcção artística de **LINHARES BARBOSA**.

Amanhã, estreia do acordeonista **ISIDRO BAPTISTA**.

¿¿TEYMA??
ABRE BREVEMENTE

Tomé Queiroz

no Rio de Janeiro

O êxito que o tenor português Tomé de Barros Queirós está a alcançar, no Brasil, foi amplamente confirmado na festa de homenagem que lhe foi prestada no Rio de Janeiro, com o patrocínio da Embaixada de Portugal.

Nesta festa, que se realizou na Associação Brasileira de Imprensa e á qual assistiram o embaixador e a embaixatriz de Portugal no Rio, o homenageado teve que cantar, seguidos, dez numeros do seu repertório, sempre aplaudido de pé pela assistência que, no final, lhe prestou carinhosa manifestação de simpatia.

Primeira exibição

«O Preço da Glória», no Capitólio

Parece este filme uma réplica de bom humor áquele outro famoso, «A Grande Parada», falando-nos ainda da guerra de 1914, mas com espírito menos romantico e até com intenção de sátira ás tropas americanas de então e, sobretudo, aos costumes franceses. John Ford realizou com segurança e servido por bons actores, James Cagney e Dan Dailey, a bela Corine Calvet e a angelical Pier Angeli, etc. Com boa anedota e sem perda de interesse, constituiu um êxito a estreia deste filme, vibrante e esfusiante, e com bons complementos, predominando em dois o gosto pelos ritmos e pelos desportos modernos femininos.—*Visor 65.*

«O ultimo bandoleiro», no Olimpia

O Olimpia gosta do Far West e das suas aventuras, e desta vez vibra com a dum rapaz de que a desgraça faz bandoleiro famoso, mas cuja regenração se adivinha no final através do amor. Bud Boetticker realizou com vista ao bem pelo mal, e Andie Murphy valoriza o protagonista, bem secundado por Ivette Dugay, Beverly Tyler, John Hudson e outros.

Do programa faz parte a reposição do filme «Anjo da Vingança», com Alexis Smith e Scott Brody num caso de contrabando de estupefacientes.—*Visor 60.*

Os documentários

da viagem presidencial a Londres

No S. Luiz, Tivoli, Eden e Politeama, apareceram já os primeiros documentários da viagem presidencial a Londres com aspectos da régia recepção, da visita feita pelo sr. general Craveiro Lopes ao «lord-mayor», ao centro atómico de Harwell e á base aérea da R. A. F., e do espectáculo de gala em Covent Garden.

A 7.ª sessão

de «Gente de cinema fala de filmes»

Carol Reed, o excepcional realizador de «O 3.º Homem» é, também o director de «O ídolo caído», filme baseado numa famosa novela de Graham Greene, interpretado por Michele Morgan, Raph Richardson e o pequenito Bobby Henri.

O ensaista Manuel Campos Pina, um dos mentores do Cine Clube Universitário, especialista dos problemas infantis dentro dos argumentos cinematográficos ou dentro da assistência aos espectáculos, comentará «O ídolo caído» na tarde cultural da próxima sexta-feira, no Império.

A Paramount apresenta a SEGUIR no
SÃO JORGE
A OBRA PRIMA DE
VITTORIO DE SICA
OIRO DE NAPOLES
(L'ORO DI NAPOLI)
COM SILVANA MANGANO
VITTORIO DE SICA
SOPHIA LOREN
e TOTÓ
(PARA ADULTOS) É UM FILME DA PONTI-DE-LAURENTIIS

Maria Vitória
Empresas «Eugenio Salvador e Rui Martins» e «Giuseppe Bastos»
SALVADOR
APRESENTA
UMA REVISTA COM GRAÇA!
UMA REVISTA PARA RIR!
FESTA É FESTA!
com
IRENE Izidro ANTÓNIO Silva BARROSO Lopes HUMBERTO Madeira
e a atracção
CARMEN FLORES
2 SESSÕES
ÀS 20,30 e 22,45
(PARA ADULTOS)

Irene Izidro

MALAS E CONFECÇÕES
Alcides
PRONTAS A VESTIR
GRANDE SORTIDO
PARA TODOS OS PREÇOS
AV. ALMIRANTE REIS, 28-A

Empresa Azinhal Abelho, subsidiada pelo Fundo de Teatro HOJE, ÀS 22 HORAS
QUANDO A VERDADE MENTE
DE COSTA FERREIRA
Com **Alves da Costa, Brunilde Judice, Maria Lalande, Augusto Figueiredo, Constança Navarro** e **Cecília Guimarães** (pela ordem de entrada em cena).
Preços de 3$50 a 35$00
(Adultos) Trindade — Tel. 20000

Da critica:

«...aplauso ao alto nivel da representação, em que Brunilde Judice, Alves da Costa, Augusto de Figueiredo e Maria Lalande tiveram uma noite de vitória plena, bem confirmada pela assistência, que os ovacionou no final dos três actos da peça, obrigando o pano a subir repetidas vezes».

De Matos Sequeira-Critico do Jornal «O SECULO».

Recintos e diversões

Para a festa dedicada a António Martins, que se efectuará no Salão Luso, no próximo dia 27, deu a sua adesão, o interprete do fado Alfredo Duarte (Marceneiro).

—Isabel de Oliveira, que está a actuar no Salão Luso, é a criadora de «Sede de Beijos», do poeta popular Domingos Silva.

—José Pereira, Fernando Gasparinho, Gabino Ferreira, Fernando Madureira e José Pinto (Freitinhas), vão colaborar na festa de consagração do seu colega do Norte, Alfredo Costa (Reinuca), a qual se efectuará no próximo dia 20, no Salão Luso.

João Linhares Barbosa, escreveu a canção «Aninhas», para o reportorio do cantador José Borges.

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — TEL. 27172 — (Adultos)
15,15-18,15-21,30
2.ª semana da deliciosa alta-comédia em cinemascope de **A. Genina**
FROU-FROU
Toda a graça e espirito francês, com **Dany Robin e Gino Cervi**

EDEN — TEL. 20768
15,30-18,30-21,30
Ingrid Bergman em
VIAGEM EM ITÁLIA
Em complemento — A chegada do sr. Presidente da Republica a Londres (Para 18 anos)

IMPERIO — PLATEIA 55134 BALCÕES 55135 — (13 anos)
A's 18,15 e 21,30
A luxuosa superprodução em cinemascope
Melodia interrompida
com **Eleanor Parker e Glenn Ford**

MONUMENTAL — TEL. 55131 — (13 anos)
A's 18,15 e 21,30
5.ª seman. da prod. de **W. Disney**
20.000 léguas submarinas
Cor por Technicolor Cinemascope
com **Kirk Douglas, James Mason, Paul Lukas e Peter Lorre**

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 64153 — (Para adultos)
A's 15,15 - 18,15 e 21,30
SVENGALI
com **Hildegarde Neff — Terence Morgan**
O filme mais excitante até hoje apresentado.

ODEON — T. 26283 — (Para 18 anos)
15,15-18,15-21,30
A triunfal farsa de gargalhada
DIABRURAS DE AMOR
Em Gevacolor
com **Carmen Sevilha e Mischa Auer**

ROYAL — T. 84803 — (18 anos)
A's 21,15. **O êxito de gargalhada**
DIABRURAS DE AMOR
(col.) com **Carmen Sevilha**
Em compl.: **O SEDUTOR DE GRANADA**, com **Luis Sandrini**

TERRASSE — TEL. 20917
A's 21 — (13 anos)
ULISSES
Táxi de noite

TIVOLI — TEL. 50595 — (13 anos)
2.ª semana
No famoso cinemascope deste cinema a engraçadissima comédia das 7 vedetas
A's 15-18,15-21,30
O Mundo é das mulheres
com **Clifton Webb e June Allyson**

POLITEAMA — TEL. 26305 — (13 anos)
15,15-18,15-21,30
2.ª semana triunfal do filme em cinemascope
Estes homens são perigosos
com **Kirk Douglas e Bella Darvi**

CONDES — TEL. 22523 — (13 anos)
A's 15-18,15-21,30
Em 3.ª semana
O Conde de Monte Cristo
A obra imortal de Alex. Dumas,
com **Jean Marais**

AVALADE — (Adultos)
A's 21,30:
2.ª semana do 1.º filme de **Genina** em cinemascope
FROU-FROU
Sensacional interpretação de **Dany Robin e Gino Cervy**

CAPITÓLIO — TEL. 27493
15,30 pr. red. 21,30 — Sensacional a estreia de ontem. A grande obra de mestre **John Ford**
O PREÇO DA GLÓRIA
James Cagney, Corine Calvet, Dan Dailey
5.ª feira ás 18,15 tarde clássica, com o filme **OITO VIDAS POR UM TITULO**

PALÁCIO — T. 47162 — (Adultos)
A's 15,30 e 21,30
Em 2.ª semana
Piedade para os que caem
Um drama sensacional com
Amedeo Nazzari e Antonella Lualdi

RESTELO — Tel. 610375
A's 21,15 (13 anos)
A emocionante superprodução em projecção panoramica e relevo 3-D
HONDO
com **John Wayne e Geraldine Page**

CINEMA IDEAL
A's 21 (13 anos)
A cidade do aço
Alvorada negra

LIS — TEL. 48560
A's 21,15 (adultos)
A viuva negra
Fatos e festas

CASINO ESTORIL — (Adultos)
AS PONTES DE TOKO-RI
com
William Holde

O NOVO ANO ARTÍSTICO

A 8.ª Exposição

do Grupo de Aguarelistas Portugueses

Com estas primeiras chuvas outonais, que já desgrenham a cabeleira romantica dos crisantemos, começou a «season» artística. Já não era sem tempo! Finalmente, franquearam-se os salões da Sociedade de Belas-Artes, onde durante tanto tempo estiveram recatadas dos olhares indiscretos as «maquettes» do concurso do monumento ao infante D. Henrique, que esperamos ver em nossa vida bazilar de glória e de esplendor, a ponta mais ocidental do velho continente, como padrão imorredouro de uma raça e de uma epopeia.

Esta VIII Exposição (gostamos mais nestas coisas de registá-las em numeros romanos) do grupo português de aguarelistas fez-se — como dizer? — para não faltar á chamada do calendário. Nem todos os artistas da especialidade concorreram. Não tiveram tempo; ou estavam convictos de que o concurso do monumento ao infante ainda se arrastaria por mais algum tempo.

Entre os que faltam, imperdoavelmente, citemos mestre Alberto de Sousa, agora entretido com a reprodução da sua obra, na qual se reflecte, de Norte a Sul, a fisionomia, o pitoresco, os costumes, as figuras, os monumentos, as paisagens da nossa terra.

Prestam os expositores homenagem a Ribeiro Artur, artista de tintas de água, não muito conhecido, mas ao que nos consta representado nos museus nacionais—pelo menos do de Arte Contemporanea. É um valor esquecido, que nunca teve biógrafo ou crítico que o arrancasse do tumulo. Figura neste salão, com um trabalho curioso: um oficial, num campo de manobras. O vulto está permenorizado com um desenho que deve ser fiel, e enverga uma farda do século passado. Os segundo e terceiro planos são vagos. Esquissam-se neles tendas de um acampamento e silhuetas de soldados. E' um trabalho caracteristico de academismo: fidelidade, cor exacta, retoque simples.

E vamos agora aos vivos, pela ordem do catálogo: Alves de Sá tem na aguarela de ar livre, um pedaço verde de campo, com dois animais, uma boa obra.

Mestre Alfredo de Morais, que já deve contar mais de 80 ridentes primaveras, não abandona os tipos populares e as cenas rusticas. Tem movimento, alegria, poder de observação. Dir-se-ia que, para ele, a arte é uma festa. Basta citar alguns títulos dos seus quadros para se ver o género. «Dançando o fandango, tocando gaita de foles», «O Fadista», «Cheia de graça». Tem consumido os olhos nas faulhas coloridas do Sol da nossa terra, e ainda o enxerga na sua ebriedade luminosa.

Alice dos Santos Manarte progrediu. Os «Frutos» têm volume e cor e «Jarra de vidro» foi executado com intuição e decisão.

Caldeira Martins é um modernista — mesmo um impressionista. A sua aguarela lembra, por vezes, a técnica da tempera e, até, do óleo. A sua «Bailarina» é uma flor de graça, colhida em pleno movimento, no fecho do arabesco coregráfico.

Charo (Maria do Rosário Redondo) descobriu a beleza. Tem uns cravos doirados, de fina tonalidade, em que as estrias vermelhas lembram o rubro galante de certos lábios, numa loura e ardente epiderme. Há na sua arte um enlevo amoroso. Qualquer coisa que transcende a técnica, para ser romanesco e sentimental. Lindas as suas rosas amarelas. Que pena só as abelhas as beijarem! Aguarela com pureza, sem, no entanto, falhar o efeito decorativo.

Eduardo Plácido expõe duas características impressões de Alfama — e viu diferente.

Surge outro veterano da aguarela: João Marques, sóbrio, conscencioso, retina viva e sagaz, que só transmite o que vê, com verismo absoluto. O seu «Sol posto» é uma mancha ardente, que nos alaga de luz e cor os olhos. E tem emoção, sensibilidade panteista. Notável aquele solar do século XVII, de Oliveira de Azemeis, de elegante barroco, a que João Marques deu, não, apenas, volume arquitectónico, mas como que uma fisionomia romantica. E logo chegámos a Aveiro, com os seus canais, onde a água parece represada numa fundição de bronze.

Joe gosta das cores claras e tem uns pincéis suaves e carinhosos. Descobre nuances de uma subtil fluidez. «Tarde no Esteiro» é um pedaço expressivo da Natureza, em que o Céu e a Terra se conjugam num daqueles cenários que, se não fossem os artistas reproduzi-los, desapareciam, por completo, de tal maneira são feitos de gemas de pérolas, de cristalinidades do ar; de perfumes que são rastos de cores, inverosímeis, «Malmequeres» e «Papoilas» evocam o Estio e têm a graça campestre daquele «pic-nic de burgueses», de Cesário Verde. Vermelhos fortes, rajados de branco, em «Camélias de Sintra» e sangue quase nas rosas principescas, eis como nos surge, recriando a Primavera, João Rosa Rodrigues.

Joaquim A. Costa tem, no «Alto de Caparica» uma hora feliz de inspiração. E segue-se Jorge Pinheiro, que trouxe um típico aspecto da praia da Nazaré.

José Felix classificou-se como aguarelista do Alentejo — céus frenéticos de luz, cujo azul parece arder; velhos monumentos de pedra morena, que esplendorosos faulham ao Sol, sentinelas hirtas contra os infiéis que, apesar, de desmoronadas ainda têm nobreza e são, afinal, páginas vivas do passado, em que a História tem cicatrizes gloriosas. Gostámos, porém, particularmente, do «Dia Brumoso», em que José Felix trabalhando ao contrário do seu género, nos dá uma funda nota de beleza.

José António Marques tem um «Recanto de Paris», de cor vibrante, e a «Entrada na vila», Óbidos, onde descobriu uma moldura natural á nossa velha Carcassone.

Vimos também José Tanqueiro, com cinco trabalhos, a afirmar as suas qualidades.

Mário Salvador pode considerar-se um dos mais brilhante virtuoses da aguarela. Cada um dos seus pincéis é como a corda de um «stradivarius». Que som, perdão, que harmonia, ele arranca aos céus, ás águas, aos vergeis, ás florestas, de uma tal visualidade musical que os críticos—se eles ainda existem—desaparecem, para ficar, apenas, os admiradores extasiados. Em atmosferas de sonho, rios silenciosos, árvores misteriosas, Mário Salvador aguarela por acordes suavissimos, criando na verdade, sucessivos estados de beleza, que nos transmite. Anda por ali não, sòmente cor, não apenas musica, — mas também poesia, e da mais suave e fascinante.

Narciso de Morais expõe dez trabalhos. E' um naturalista. Vê-se que faz tudo conscienciosamente, com sentido humano. Gosta das coisas simples. Traduz, com naturalidade, os arrabaldes de Lisboa, onde o casario já afoga os campos. Os seus trabalhos parecem trovas populares, de sonoras rimas, batidas sobre a fogueira das romarias de Junho.

E, por ultimo, como chave de oiro, Silva Lino, que tem uma notável paisagem em tempera, que nos lembra um Corot, pequena obra-prima, e duas aguarelas, uma das quais, «Doca de Alcantara», de uma finura, de uma transparência de uma fluidez que nos parecem insuperáveis.

Exposição de Fernando Alves de Sousa

Não nos foi possível, em devido tempo, fazer a crítica da exposição de óleo, aguarela e desenho de Fernando Alves de Sousa, na Agência Havas. Não queremos, porém, deixar de fazer uma referência.

Fernando Alves de Sousa, apesar de novo, é um artista que possui já um valioso «palmarés». Na Sociedade de Belas-Artes, os seus trabalhos têm sido, justamente, distinguidos com vários prémios.

Esta primeira exposição individual veio confirmar as suas qualidades. Alguns bons retratos e paisagens impressivas, como o «Rio Tejo, em Azambuja» e o «Nabão em Tomar», dizem-nos que sabe ver e sentir a Natureza. Os seus lápis são finos, e desenham, com flagrancia, e até penetração psicológica, os modelos.

Fernando Alves de Sousa tem ainda outra qualidade: trabalhar com afinco, em quase todos os géneros plásticos, descobrindo a beleza, e descobrindo-se a si próprio. Tem diante dele um largo caminho. Começou com decisão, revelando talento próprio, e há-de ir longe, na exaltação de uma juventude que confia na sua boa estrela. Só de uma coisa deve desconfiar—da sua própria facilidade que, por enquanto, ainda é uma virtude. Lá virá o tempo em que a auto-selecção se fará naturalmente.

A bordo do "Bartolomeu Dias"

desde o Tamisa até ao Tejo

(Continuação da 1.ª página)

sob um frio intenso, a meio da tarde de sexta-feira passada, saudados com os ultimos acenos do chapeu do embaixador Teotónio Pereira e as derradeiras continências do adido naval comandante Ramalho Rosa, postados junto de um dos grandes torreões de Tower Bridge, para verem o «Bartolomeu Dias» até que se perdesse no primeiro cotovelo do rio portentoso e movimentado, quando uma nevoa tristonha, bem londrina, começava a envolver tudo e todos. Trocaram-se as continências com o aviso draga-minas «Rinald» que ali permanecera sempre em representação da Armada britanica e logo começou a descida do rio em marcha lenta de rumo á barra. Os três contra-torpedeiros—o «Vouga», o «Tejo» e o «Lima»—que tinham ficado atracados em Greenwich, também já seguiam rio abaixo, muito à nossa frente. Não puderam vir todos conosco para Lisboa, infelizmente, por o «Tejo», com piloto inglês a bordo ficou a certa altura, preso no fundo lodoso da margem esquerda do Tamisa. Passámos por ele, ao crepusculo. Estava rodeado de rebocadores prontos a safá-lo com o encher da maré, como de facto sucederia umas horas depois. Mas teve de entrar em doca seca e ficámos assim privados da sua companhia nesta agradável travessia até Lisboa.

Passámos a noite na vasta foz do Tamisa, cruzada a todo o momento por grandes transatlanticos ou cargueiros de todas as nacionalidades, o que nos evidenciou como o porto de Londres tem aumentado prodigiosamente o seu movimento. Na manhã de sábado, com os boletins meteorológicos a anunciar coisas pouco agradáveis para as bandas da Biscaia, incluindo vento de força 8—que já permite fazer ideia do que é mau tempo no mar—o «Bartolomeu Dias», o «Vouga» e o «Lima» suspenderam e meteram-se ao caminho, uma vez que as notícias recebidas do «Tejo» deixavam enterever ainda uma certa demora deste navio.

Com bom tempo e vento fresco o grupo naval português bordejou as falesias de Dover, que rebrilhavam sob um Sol pálido, deixou o ultimo piloto inglês em Folkstone e meteu de rumo á Biscaia.

Com as costas altaneiras do Sul da Inglaterra a esfumarem-se no horizonte confuso da manhã, ficavam nas nossas estreiras de branca espuma as recordações da viagem presidencial e também, no caso particular da Armada, a impressão em todos radicada de que a Marinha esteve presente, com muito brilho e muita dignidade, nas águas do Tamisa. Os nossos marinheiros, como sempre, conduziram-se com a maior correcção nas ruas de Londres, tomaram parte em passeios e bailes que lhes foram dedicados e não se esqueceram de oferecer as suas lembranças ás pessoas que os obsequiaram. O «Bartolomeu Dias», amarrado de proa e popa a duas boias no coração de Londres, foi o fulcro do interesse que a Marinha portuguesa despertou. Com o seu navio impecável de pinturas e de metais, atapetado de carpetes e de passadeiras, o comandante Sarmento Rodrigues deu a bordo uma grande recepção e teve muitas visitas de alta representação a bordo. O chefe político da grande Armada britanica, ou seja o sr. Thomas—primeiro lord do Almirantado, tomou uma taça de champanhe a bordo e manifestou não só simpatia por Portugal e pela sua Marinha, como um conhecimento perfeito da tradição naval portuguesa. Ali estiveram também em convivio com os oficiais portugueses famosos almirantes britanicos como sir Frederick Parham e sir John Andrews, o general Sitwell, comandante da Torre de Londres; sir John Lang, secretário permanente do Almirantado; sir Andrew Right, antigo governador da Gambia e de Chipre, amigo pessoal do comandante Sarmento Rodrigues; o antigo adido naval inglês em Lisboa, comandante Dorsett Owen, que abraçou, comovido, velhos e bons amigos portugueses; lord Waverley, primeira autoridade do porto de Londres, o almirante Luss, o sr. Kirwan, presidente da Royal Geographical Society e um mundo de grandes personalidades da primeira sociedade londrina.

A todos o comandante Sarmento Rodrigues ofereceu, como recordação da sua visita, alguns trabalhos de merecimento editados especialmente para esta viagem—a sua famosa conferência «Nelson's Heroic Life», uma interessante brochura «Bartolomeu Dias discover of cape of Good Hope», do comandante Peixoto Correia; um album precioso «Navios dos descobrimentos e da navegação dos Portugueses», com desenhos magnificos do almirante Brás de Oliveira e primorosas aguarelas de Valentim Malheiro e uma pequena brochura «Roteiro da subida do Tamisa», da autoria do comandante Ivens Ferraz de Carvalho, distribuída aos passageiros ilustres e á guarnição do navio para que todos pudessem ir acompanhando a navegação rio acima e os locais históricos por onde o «Bartolomeu Dias» passava sucessivamente.

Esta iniciativa merece uma palavra especial e precisa de ser apontada como exemplo a seguir para que, de futuro, navios portugueses que façam viagens de representação ao estrangeiro levem alguma coisa mais do que simples bilhetes postais (quando os levam) para oferecer aos visitantes. A Marinha foi sempre em todos os países um dos mais belos e salutares meios de propaganda. Mas um navio bonito e uma guarnição aprumada não chegam. É preciso mais alguma coisa. Oxalá pois o exemplo do comandante Sarmento Rodrigues frutifique em prol de uma inteligente propaganda do País através da sua Marinha.

Um passageiro ilustre

O «Bartolomeu Dias» traz de Londres para o Estoril, onde costuma passar longas temporadas, o almirante britanico da reserva sir Arthur Rattray, grande amigo do embaixador Teotónio Pereira, como ele *yachtman* apaixonado, tipo clássico do marinheiro inglês, conhecendo a Mundo inteiro e acertando com as previsões do tempo, sem barómetros nem boletins...

Dobrou muitas vezes o cabo Horn nos tempos heroicos da vela, na primeira Grande Guerra serviu nas famosas patrulhas de Dover sob as ordens do grande Roger Keyes, na segunda conflagração esteve a comandar, já como contra-almirante, a Esquadra do Indico. Conviveu com lord Louis Mountbatten, com sir Tom Philips, privou com Gandhi e com Nerhu. É uma figura de singular personalidade. Desenha admirávelmente os navios e o mar—calmo ou encapelado. Viaja sempre com o seu sextante e com o seu binóculo. Hoje, o seu encanto, é a navegação á vela. Já atravessou oito vezes a Biscaia em pequenos iates. Há anos, foi companheiro do embaixador Teotónio Pereira, no seu elegante «Bellatrix» de Cascais a Southampton, numa travessia magnifica com bom vento e muita vaga. Conversador fluente, conhece o Mundo inteiro, todos os portos, promontórios e baías, povos, raças e costumes desde a Europa vulgarizada ao Oriente misterioso.

Da ponte do «Bartolomeu Dias», o almirante sir Arthur Rattray, que se tornou em poucas horas um personagem estimado a bordo, observou ontem as evoluções dos nossos navios, em mudanças de formatura, com vaga larga e brisa fresca. Parecia adivinhar-se na sua fisionomia uma saudade dos tempos não muito distantes em que teve sob as suas ordens mais de quarenta unidades. Não perdeu um pormenor desde a perfeição da manobra á rapidez e uniformidade da execução. «Very well! Very well!» —foi o seu comentário, aliás ressumando sinceridade, quando arrancou finalmente o binóculo dos seus olhos penetrantes e saudosos...

Uma declaração do comandante Sarmento Rodrigues

E esta manhã, ultimo dia de uma viagem que nenhum dos que nela tomaram parte esquecerá até ao fim da vida, o comandante Sarmento Rodrigues, acedendo á nossa solicitação fez uma curiosa declaração que importa registar, não só pelo seu significado como pelo seu conteudo. Eis as suas palavras, como sempre serenas, concisas e ajustadas ás realidades:

«Foi uma grande honra para a Marinha de Guerra portuguesa ter sido designada para conduzir e escoltar do Tejo ao Tamisa S. Ex.ª o senhor Presidente da Republica na sua visita oficial ao Reino Unido a convite de Sua Majestade a Rainha Isabel II.

Perante as tradições navais de Portugal e da Inglaterra não haveria maneira mais condigna de fazer essa viagem. Foram as Armadas que deram ás duas grandes nações marítimas o esplendor da sua história e que ainda hoje são chamadas a defender a sua integridade territorial e sobretudo a manter as ligações vitais entre os vários territórios dispersos, isto é, a preservar e a consolidar a unidade nacional. Mas, nem por se reconhecer esta verdade, poderiamos deixar de estar orgulhosos e de nos sentirmos gratos ao Chefe do Estado e ao Governo por ter sido escolhida a Marinha para desempenhar tão honrosa missão. Para a levar a bom termo, demos o melhor do nosso esforço e entusiasmo. Pela minha parte sinto que fiquei a dever grande admiração aos comandantes, oficiais e marinheiros do Grupo Naval pela maneira perfeita como os navios se apresentaram, mantendo no mais alto nível as melhores tradições da Armada nacional. Tive também particular satisfação no encontro, ao largo das costas da Bretanha, com duas fragatas francesas que vieram saudar o Chefe do Estado, e em ter tido integrados na escolta os navios da Marinha de Guerra inglesa—as fragatas «Tumult» e «Tyrian» e o «destroyer» «Vigo»—desde a entrada no Canal da Inglaterra, e as quatro vedetas-torpedeiras que nos acompanharam na subida do Tamisa. Além da cortesia que tal gesto representou, pudemos verificar a cordealidade existente entre as Marinhas inglesa e portuguesa e a eficiência dos sistemas adoptados dentro da organização N. A. T. O. a que ambas pertencem.

Foi assim possível sem a menor dificuldade e dentro de um procedimento a que poderemos chamar de rotina, conduzir sob a mesma direcção dois grupos de navios de nacionalidades diferentes, ligados por identidade de técnica e de espírito e ainda por uma sólida camaradagem.

Gostaria, finalmente, de deixar uma nota de alto apreço pela perfeita organização da parte naval do programa nas águas inglesas, a cargo do vice-almirante sir Frederick Parham, comandante-chefe do Norte e de reconhecimento pelas atenções de que os navios portugueses foram rodeados pelo Almirantado, Administração do porto de Londres e Anglo-Portuguese Society.

Foi, enfim, uma jornada sob todos os aspectos agradável para a Marinha portuguesa, que pôde conduzir o Chefe do Estado ao próprio coração de Londres e levar aos marinheiros britanicos a afirmação de uma camaradagem tão velha e firme como a histórica aliança que une as duas nações».

E com estas palavras encerramos também, diante do dorso caprichoso da Serra de Sintra, o ultimo apontamento sobre a viagem presidencial á Grã-Bretanha.

M. DE O.

ESPERANTO

Emissões em Rádio Roma

A Rádio Roma continua a apresentar, das 19 e 10 ás 19 e 25, emissões em Esperanto. Para o mês de Novembro, o programa está já elaborado: dia 4, Julio Verne, 50 anos depois da sua morte: dia 9, Novidades de Itália; dia 11, Caixa do correio e bibliografia; dia 16, A «Liguria Riviero»; dia 18, Jogos olimpicos e esperanto; dia 23, As estátuas que falam em Roma; dia 25, Cortina de Ampezzo; e dia 30, A Itália na poesia de Poul Thorsen.

OFICIAIS POLACOS

libertados pela Russia

VIENA, 1 — Diversos oficiais polacos detidos na Russia foram postos em liberdade, antes de completadas as suas penas de prisão, e regressam á Polónia— anunciou a noite passada a rádio de Varsóvia.

A Emissora disse que os oficiais tinham cometido crimes graves contra a União Soviética, durante a guerra e imediatamente depois desta. — (R.).

O Cineclubismo em marcha

Um dos aspectos mais interessantes da I Conferencia de Imprensa e Rádio do Movimento Cineclubista, que há dias se realizou na Casa da Imprensa, foi, sem duvida, o interesse manifestado pela assistência relativamente ao fenómeno do Cineclubismo no nosso País. E, também, a curiosidade e satisfação que rodearam a sessão de cinema, nos moldes das que são organizadas nestas associações culturais.

Este primeiro contacto da comissão que representa os Cine-Clubes portugueses, com os principais órgãos da Imprensa e Rádio, trouxe, além de benefícios propagandísticos para o Movimento, uma excelente e util contribuição para uma mais nítida compreensão do que se pretende. Definidas como foram as bases dessa actividade cultural, não podem hoje subsistir duvidas sobre as suas finalidades, sobre a honestidade intelectual que está a presidir em todo o País, ao entusiasmo dos dirigentes locais.

Seria laborar em erro afirmar que o Cineclubismo tem entre nós, uma amplitude cultural bem definida. O movimento, ainda jovem, enferma de alguns males que só o tempo e a experiência poderão sanar completamente e que, quanto a nós, são fruto da carência de uma orientação de conjunto. Tal aspecto está, parcialmente, a tentar ser resolvido através da Comissão Consultiva dos Cine-Clubes que, coordenando algumas das actividades, se propõe tratar vários dos mais prementes problemas actuais; procurando soluções, auxiliando, na medida das suas possibilidades, os clubes de cinema que representa. E' — estamos autorizados a dize-lo — uma tarefa árdua mas que, pelo menos, é realizada com entusiasmo e esperança, com perseverança.

A importante iniciativa de um contacto directo com os mais representativos órgãos de informação do País (que, pode dizer-se, teve o maior êxito). trará, assim o esperamos, os melhores frutos para o Movimento que, rompendo os estreitos quadros de umas escassas centenas de associados, está, agora a alargar-se e a conquistar milhares e milhares de adeptos.

EURICO DA COSTA

★★★★★★★

cinema infantil

Os representantes das sociedades cinematográficas inglesas e das organizações mundiais da juventude que, há pouco, se reuniram em Edimburgo, decidiram, unanimemente, apresentar á U. N. E. S. C. O. uma proposta para que seja criado um «Centro Internacional de filmes para crianças».

Este organismo teria a seu cargo a tarefa de distribuir, em todo o mundo, filmes adaptados á mentalidade infantil. Resolver-se-ia, assim, um grave problema que, actualmente, existe em muitos países, sem perspectivas de ser resolvido. Entre esses países figura, evidentemente, o nosso, onde o cinema infantil é, práticamente, inexistente.

★★★★★★★

Jean Renoir no seu gabinete de trabalho

Entrevista com Jean Renoir

(Especial para «Êxito»)

Avenida Frochot... Um oásis de calma, a dois passos de Pigalle, em pleno coração de Paris. Jean Renoir reside num velho hotel particular e é lá que, actualmente, trabalha na planificação do seu próximo filme, «L'oeilletrouge», com o seu colaborador Jean Serge.

A mesa de trabalho está repleta de folhas dactilografadas.

—Terminaremos este trabalho justamente a tempo de iniciar, nos primeiros dias de Novembro, as filmagens, tendo como operador Claude Renoir. Foi decidido, definitivamente, fazer uma versão americana, o que nos obrigou a fazer importantes alterações.

E Jean Renoir prossegue:

—Numa comédia, o que pode divertir as pessoas de determinado país, pode aborrecer o publico de outro... Por isso haverá, na versão americana, não só um dilálogo diferente, (no qual um escritor americano, Gy Howard trabalhou) mas, também, um tratamento diferente do assunto.

O assunto? Bem, é a história de uma mulher que está indecisa entre escolher um homem brilhante e ambicioso e um outro que não tem outras qualidades a não ser as de um vulgar ser humano... A verdadeira personagem é a heroína. E' para ela (será Ingrid Bergman) que eu escrevi o argumento. E' uma mulher que terá a mania das missões.

E prossegue:

—Ela irá encontrar o seu ideal no general Boulanger porque é uma tentação influenciar alguém que, de um momento para o outro, se pode tornar senhor do país...

A acção situar-se-á, relativamente á vida do general, no momento em que ele pode ainda ser influenciado, no momento em que essa influencia pode ainda ser determinante para a sua carreira.

Jean Renoir explica, então:

—O filme será tratado num tom de comédia que eu desejaria alegre. Ingrid Bergman será, como já disse, a heroína. Somos amigos há mais de 15 anos mas em Hollywood ele estava, como o Boulanger da minha história, presa pelas suas obrigações, pelo seu êxito. O general Boulanger será incarnado por Jean Marais. Mel Ferrer, será Henri de Chevincourt, um partidário do general.

A' volta destas personagens — prossegue o realizador — há o ambiente normal das pessoas que estão á volta de todas as aventuras políticas — os ambiciosos... Há os novos-ricos, ávidos de negócios; os soldados, um grande numero de damas pertencendo ao meio da galanteria e, finalmente, os boémios.

E a terminar:

—Resta acrescentar que a intriga inicial terá alguns meandros entre os quais ainda eu próprio me perco, um pouco. Mas no «plateau» encontrarei o fio á meada...

★★★★★★★

ÊXITO ★

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

Da delegação do cinema francês que recentemente visitou a Russia, fazia parte o grande realizador René Clair que vemos na imagem ao lado do seu colega soviético Danskoy, durante uma visita aos estudios de Kiev

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

Um Goya americanizado que Lattuada recusa

Foi com extraordinário interesse que se recebeu, nos meios cinematográficos, a notícia de que o realizador italiano Alberto Lattuada ia dirigir um filme focando a vida e obra de Goya.

Por notícias chegadas agora em revistas italianas soube-se, porém, que Lattuada acaba de anular o contrato que, para esse fim, figura com a casa produtora «Titanus».

Numa entrevista, o conhecido realizador declarou que desistiu do projecto visto quererem impôr-lhe um Goya americanizado, aventuroso e superficial, cuja vida rodaria á volta de uma história de amor impossível.

Concluiu a entrevista afirmando o quanto era difícil filmar nesta base produtiva, que comporta grandes riscos para o produtor e compromissos artísticos para os autores. Em resumo: recusou. Bravo, Blasetti!

★★★★★

J. P. Sartre e «As feiticeiras de Salem»

Jean-Paul Sartre vai preparar a adaptação da já célebre e discutida peça de Arthur Miller, «A feiticeira de Salem», cuja apresentação em França tanto êxito causou.

O filme será dirigido por Raymond Rouleau e os principais intérpretes serão, tal como no palco, Yves Montand e Simone Signoret.

Sartre está, também, a trabalhar no argumento de um outro filme que será dirigido pelo realizador norte-americano John Berry.

Crítica de discos

STAN KENTON «Sketches on standards»

(Disco Capitol H 426)

Stan Kenton é uma das mais brilhantes figuras da moderna musica ligeira norte-americana. A ele se deve a mais sensacional revolução por que tem passado a musica de «jazz» e a musica de dança. As suas ideias e novas concepções de harmonia criaram uma musica especial que á primeira audição poderemos rejeitar mas que, ao ouvir de novo, nos faz pensar se não estaremos a ouvir a musica do futuro.

Entre nós Stan Kenton ainda não foi elevado ao plano que merece. A falta de quem explique a sua musica tem mantido o nosso publico alheio á sua obra, apenas conhecida por uma escassa duzia de entusiastas.

Com a gravação que, agora, nos foi enviada temos a impressão de que Kenton poderá aumentar, no entanto, o numero dos seus apreciadores portugueses, pois os trechos incluídos neste disco são todos de fácil aceitação, até por um publico menos preparado, como o nosso. Ainda que embebidos de ideais «kentonisticas» «Sophisticated Lady», «Begin the beguine», «Shadow Waltz» «There's a small hotel», «Lover man», «Pennies from heaven», «Over the rainbow» e «Fascinating Rhythm» estão todos realizados de forma perfeitamente dançável.

Mesmo subjugado pelos ditames do comercialismo consegue-se perceber por detrás de tudo o génio de Stan Kenton, criador do «jazz» progressivo» e uma das maiores figuras da moderna musica norte-americanâ.

Esperamos que entre nós a sua musica passe a ter a maior aceitação, que bem merece.

AUDITOR

Cineclubismo

CINE-CLUBE DE RIO MAIOR

Na sua 40.ª sessão cultural o Cine-Clube de Rio Maior projectou «Com a verdade me enganas», comentado por Gentil Marques.

Programa com um artigo de Fernando Duarte. Gratos pela referencia.

CINE-CLUBE DE COIMBRA

Na 50.ª sessão, o Cine-Clube de Coimbra, projectou «O preço da juventude», de René Clair. Na 51.ª sessão: «Otelo», de Orson Welles.

★★★★★

PARA HOJE

«Sementes de Violência» (Blackboard Jungle) é, em todo o Mundo, o grande acontecimento cinematográfico da actualidade. O filme constitui um grito de alarme contra a delinquencia juvenil na América e conta-nos o caso de um professor que enfrenta um autêntico grupo de «gangsters»—adolescentes, alunos de uma escola profissional nos limites de Nova York. O «Morning Telegraph» disse que «Blackboard Jungle», baseado no livro do mesmo nome de Evan Hunter, era a melhor história do cinema depois de «E tudo o vento levou». Filme corajoso, de violência inaudita, contado com garra por Richard Brooks, o mais célebre cineasta americano da moderna geração, «Blackboard Jungle», sério candidato ao «Oscar» para o melhor filme do ano, pertence aquela classe de espectáculos de «suspense» em que, da primeira á ultima cena, o espectador se mantem avassaladoramente preso ao desenrolar das imagens. Segundo nos dizem, «Sementes de Violência» será apresentado, dentro em breve, na sua versão rigorosamente integral. Na gravura vemos Glenn Ford (o professor) e Vic Morrow (o chefe do bando) num dos momentos culminantes do filme.

De ontem para hoje

✱ **PAIXÕES A' TONA — Um barco é um mundo. Um mundo isolado, senhor de si, com todas as suas paixões e angustias. O «Kirsehir» é turco. Vinha pelo mar fora, navegando paralelo á costa de Portugal. Cada homem transporta consigo o seu drama, o peso de sentimentos e preocupações, a esperança e o desespero, o circulo fechado de si próprio. O fervilhar das paixões quantas vezes está prestes a extravasar? Num repente, o temporal humano deflagrou. Os homens esfaquearam-se. O comandante fez rumar o barco a Lisboa para desembarcar um ferido e um preso. Casona já tinha pressentido o potencial de tragédia que é cada pequeno mundo flutuante...**

✱ **NA CURVA DO DESTINO — Tudo é morrer — mas... Tem um travo de dor medieval a morte de José Ferreira, que era proprietário em Murça. Uma muar espantou-se e largou em correria estrada fora, arrastando consigo o homem que a tinha pela rédea. Aos gritos da vitima somou-se o alarido dos circunstantes, mas o brado cresceu quando surdiu camioneta estrepitosa na curva do destino: o destino para onde o pobre homem foi arrastado pelo animal ensandecido e a morte o colheu sob o rodado da máquina que o homem foi capaz de conceber supondo que se libertava da escravidão.**

✱ **PELA ESTRADA FORA — Manuel Barata tem 72 anos e é aposentado do Estado. Para ajudar a vida, corre estrada fora os arredores de Santarém, onde vive, na venda de modestos brinquedos para crianças modestas de tão modesta vida como a sua. Ia na faina quando veio na estrada um automóvel que o derrubou e o deixou ferido de ir para o hospital. Onde vai o tempo das suas forças? Para que trabalhou tantos anos o seu trabalho? Que esperanças lhe deixa a dimensão do horizonte que se esbate perto da sua vista? Na cama do hospital, quando põe todas estas interrogações, o Manuel Barata não lhes encontra resposta.**

✱ **O FOGO E A VIDA — Tem 99 anos e vive no lugarzinho da Folgosa de S. Salvador, em Santiago de Seia. O inverno da idade, mais que da estação do ano, fê-la abeirar-se da lareira, inquieta e perturbada. Mas a diade, a vista, o peso da vida inteira somado naquele instante fê-la desequilibrar e cair sobre o fogo. Não foi o fim porque lhe acudiu de pronto um vizinho—e a senhora Maria do Carmo Serra, restituida á esperança, prepara-se para festejar brevemente o seu centenário.**

✱ **JORNAL PEQUENO — EM Adaúfe, perto de Braga, uma criança de oito meses (Rosa do Ceu Ribeiro) derramou sobre si o petróleo de um candeeiro aceso e as chamas pegaram-se-lhe ás vestes. Morreu de horrorosas queimaduras. ✱ Mais fogo: em Vila Praia de Ancora, duas crianças que brincavam com fósforos pegaram o fogo á casa de lavoura do sr. Manuel Meirinho. Ardeu tudo, apesar dos socorros prontos que se abasteceram dos poços próximos. ✱ Morreu na Figueira da Foz o sr. Pierre Colette-Meyret. Era de Nice e viera muito novo para Portugal, a trabalhar na construção do caminho de ferro da Beira Alta. Tinha 78 anos e deixou o seu nome ligado á fundação do Clube Naval Figueirense. ✱ Em Viana do Castelo, a Polícia descobriu um caso de estupefacientes. Prendeu um reincidente e uma mulher, gerente de um restaurante. A droga era obtida por falsificação de receitas médicas. ✱ De comparticipações do Desemprego para obras publicas anunciadas para várias localidades: trinta contos á Camara de Sintra para construir a esplanada na Praia das Maçãs: primeira pedra para o Verão de 1956.**

Comandante Correia da Silva

Há vinte anos *que morreu* o comandante Correia da Silva

A 1 de Novembro de 1935 falecia em Lisboa o capitão-de-mar-e-guerra Henrique Correia da Silva (Paço de Arcos), cujo nome ficou indelevelmente ligado á história da nossa Marinha de Guerra, da administração ultramarina e da vida publica portuguesa nas primeiras décadas do século. Foi, no seu tempo, oficial de extraordinário prestigio na corporação da Armada. Tendo ganho, coisa rara, a Torre e Espada ainda em guarda-marinha, pela sua acção heroica no comando da lancha «Carabina», nas campanhas de Moçambique em 1903, encheu-se de glória na primeira guerra mundial, no comando da canhoneira «Ibo» e da pequena divisão naval, constituída pela «Ibo», pela «Beira» (do comando de Cisneiros de Faria) e por pequenos barcos auxiliares, que defenderam as águas de Cabo Verde e especialmente o porto de São Vicente das investidas dos submarinos alemães. Por diversas vezes os canhões da «Ibo» enfrentaram heroicamente o ataque dos submarinos e foi ao comandante Correia da Silva e á sua minuscula força naval que o almirante comandante da esquadra inglesa do Atlantico Sul deixou confiada a defesa dos grandes interesses aliados no porto de São Vicente, quando, devido á ameaça crescente dos submarinos alemães, transferiu a base da sua esquadra de Cabo Verde para a Serra Leoa.

Pela sua acção durante a guerra nos mares de Cabo Verde e dos

(Continua na página seguinte)

A entrega da Guarda do palácio *ao contingente de Caçado*

foi uma cerimónia que assumiu grande solen

(Continuação da 1.ª página)

nhava defronte do grande portão do palácio de Belem. Um lucido sol de Outono desenhava o contorno barroco dos Jerónimos, cuja fachada manuelina, carregada de ornatos, se alongava, á esquerda, longe do tumulto da praça.

Há um sussuro de expectativa na multidão, á chegada das tropas coloniais, que vêm da Avenida da India. Os caçadores de Angola formam defronte do Tejo, no outro extremo do largo, e marcham, por entre palmas e clamores de entusiasmo, em direcção ao palácio. Comanda-os o alferes Moreno. Vem á frente o terno de corneteiros e tambores, de farda caqui, — casaco, calções e polainas —, fez encarnado e avental vermelho, listrado de amarelo, com botões dourados. O guião é esquartelado a preto e carmesim, com as armas da unidade ao centro e o escudo das quinas, entrelaçado de folhas de louro e carvalho e encimado pela cruz de Cristo. A sua legenda diz apenas: «Angola».

O povo agita-se, cheio de curiosidade.

De um lado, ao longo da parede do palácio, está alinhado o pelotão de cavalaria da G. N. R., comandado pelo tenente Minas da Piedade, que solta o brado de apresentar armas. Faíscam ao sol as espadas nuas, os guardas perfilam-se. Os seus uniformes azuis de grande gala e os seus capacetes empenachados contrastam com a alacridade e exotismo do pelotão colonial. A voz de comando, os caçadores apresentam armas, por sua vez, espingardas voltadas para cima, num só movimento, rápido, duro. E ficam rígidos, os rostos de antracite impassíveis, cabeças lançadas para trás, em atitude marcial.

E' uma cena pitoresca. Para além do grupo em continência, o muro do palácio, de um rosa esbatido, com suas trepadeiras e vasos de pedra, ao gosto clássico, evocadores de remansos fidalgos, e estátuas estilizadas no angulo dos torreões, estampa-se num Céu azul de

Os comandantes das duas formações da guard

O PORTO pelo telefone

Bodas de Prata do Rotary Clube do Porto

PORTO, 1 — Para comemorar as Bodas de Prata da sua fundação, o Rotary Clube do Porto, leva a efeito, no próximo dia 5, no Hotel Infante de Sagres, uma reunião dedicada aos antigos presidentes daquela colectividade e que, no já longo caminho percorrido, tanto o souberam prestigiar.

A arquitectura e a política

O engenheiro José dos Santos Guedes Cardoso profere, depois de amanhã á noite, na sede da União Nacional, uma palestra versando o tema «A arquitectura e a política», que está integrada na série de palestras culturais promovida por aquele organismo.

Inauguração de uma capela no Lar do Comércio

A's 11 horas celebrou-se a primeira missa na capela provisória da Casa de Repouso do Lar do Comércio em Catassol.

A missa foi rezada pelo bispo-auxiliar do Porto D. Florentino de Andrade e Silva, acolitado pelo abade de Leça e pelo padre António Olavo.

A seguir a este acto religioso, o comandante da 1.ª Região Militar, general Cotta de Morais, representante da Camara Municipal do Porto e os presidentes dos municipios da Maia e Matosinhos, bem como o presidente daquela instituição sr. Mário de Carvalho e outros membros da direcção, com muitos convidados.

Após uma visita ás modelares instalações todos ficaram com a melhor impressão.

O novo ano lectivo no Lar Académico dos Filhos de Oficiais

No Lar Académico dos Filhos de Oficiais, em Oeiras, efectuou-se esta tarde a cerimónia da abertura do novo ano escolar, com a presença de altas patentes do Exército e da Armada e de pessoas de familia dos educandos.

Houve uma sessão solene alusiva ao acto e para entrega de prémios a quatro alunos que obtiveram maiores distinções no ano escolar findo, em que fizeram uso da palavra o padre-capelão do Governo Militar de Lisboa, reverendo Arnaldo e general D. Miguel Pereira Coutinho, presidente da Comissão executiva da Obra Social do Exército, os quais exaltaram os resultados benéficos que os filhos de oficiais têm obtido com a referida instituição. Após a sessão solene realizou-se uma visita a todas as dependências do edifício pelos oficiais e familias que ali têm os seus filhos. Á noite, haverá um baile e chá organizado pelos estudantes do Lar Académico.

Exposição de crisantemos em Abrantes

ABRANTES, 1 *(Pelo telefone)*— Inaugurou-se hoje, nesta cidade, uma grande exposição de crisantemos que, pela sua grandeza e variedade de espécies, demonstra bem o culto que a população tem pela floricultura. Foram expostos 2.870 vasos de crisantemos de 23 espécies, desde a Praça Barão da Batalha, Largo Avelar Machado, Praça do Município, Largo da Serraria e Mercado Municipal, á entrada da cidade. Durante o dia a exposição foi muito admirada e visitada por milhares de pessoas.

Os marqueses de Villaverde partiram para Madrid

Num avião da carreira, partiram hoje para Madrid, os marqueses de Villaverde e o embaixador de Espanha em Lisboa, sr. Nicolau Franco.

O Orfeão Académico de Lisboa *festejou hoje os trinta anos* da sua viagem ao Brasil

Comemorando o trigésimo aniversário da sua apoteótica viagem ao Brasil, reuniram-se hoje em Montejunto, na Quinta de Santa Cruz, a convite do sr. dr. Octávio de Brito, os antigos componentes do Orfeão Académico de Lisboa.

A concentração fez-se de manhã, pelas 9 e 30, na Praça do Marquês de Pombal, onde subiu no ar um alarido de juventude, nas explosões de alegria, de saudade, de recordações de todos aqueles jovens á roda dos cinquenta anos. Há abraços, ouvem-se gritos de admiração, um ou outro fragmento solto de alguma das peças de maior êxito do brilhante grupo orfeónico que deu brado em Portugal, em Espanha e no Brasil. Evocam-se episódios, pequenas glórias da viagem triunfal. E lembram «O Remador», de Alfredo Keil, que tanto êxito obteve. Se pudessem voltar! Com a mesma força, a mesma juventude, o mesmo fogo...

Entre os presentes, no acaso do burburinho preparatório da partida, anotámos os nomes do maestro Hermínio do Nascimento, que dirigiu o grupo; coronel Carlos de Chaby, comandante distrital da Legião Portuguesa; dr. Sousa Martins, director da Alfandega do Porto; dr. Chaves de Almeida, médico militar; coronel Cruz e Sousa, bem conhecido compositor musical; dr. Eduardo Franco Ferreira, inspector-chefe da Previdência Social; Torres Marques, secretário da Bolsa de Mercadorias; José Prazeres, que foi seleccionador de hóquei em patins, os jornalistas Ayala Boto e Mário Pires. E muitos outros, gente que se dispersou na vida, cada um ligado á grilheta das obrigações, mas unidos todos na mesma recordação.

Partiram pelas dez e meia, num pequeno e alegre cortejo de automóveis, a caminho da Quinta de Santa Cruz, onde a hospitalidade do dr. Octávio de Brito a todos acolheu com comovida jovialidade.

Os antigos orfeonistas reunidos á partida de Lisboa

presidencial

es de Angola

dade

uache». Na praça as figuras rciais dos soldados negros, su- ão duma África distante, de ação português, além a graça surada do palácio setecentista, verdes comas dos harmoniosos heiros de copa redonda...
banda da G. N. R. toca a «Por- uesa». Todos os soldados nova- nte se aprumam e o povo escuta silêncio o hino nacional. Os ca- ores de Angola parecem ima-

saudando-se antes da troca da

ns petrificadas. Nem um mus- lo do rosto se lhes vê mexer.
Dois sargentos, um de cada com- nhia, entram no palácio, onde o conferir o material. A banda G. N. R. executa marchas mili- res. Fotógrafos amadores desta- m-se da multidão e tentam colher instantaneo daquela cena dife- nte das que Lisboa habitualmen- presenceia. Ás janelas, debru- m-se senhoras, protegidas com apéus de sol. As crianças reju- lam com a novidade do espectá- lo.
Por fim, é a rendição das senti- las defronte das guaritas.
De novo, os dois pelotões apre- ntam armas. Ressoam uma vez is os acordes vibrantes da «Por- guesa»; a força da G. N. R. par- , e o pelotão de Angola avança ra o portão — a multidão ainda a udá-lo com palmas —, e entra palácio, onde permanecerá du- nte três dias no honroso serviço que foi incumbido.

misterioso

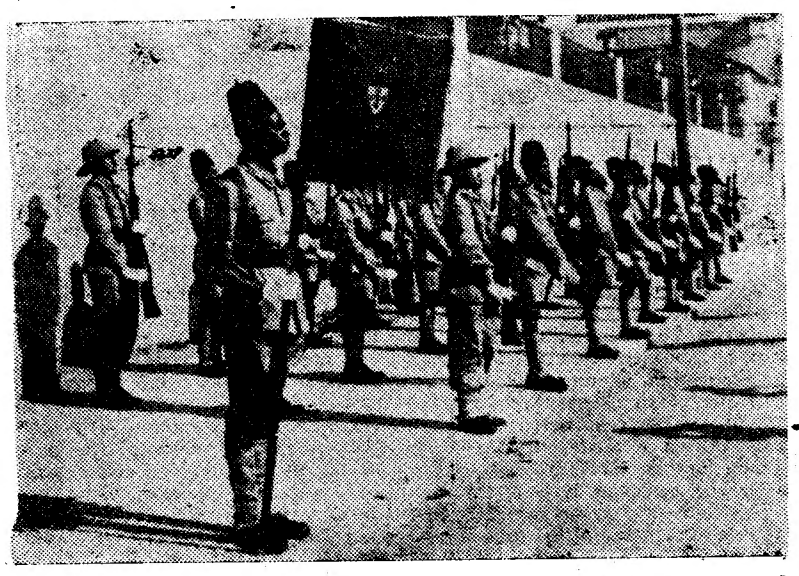
desaparecimento

a filha de Voronoff

TRIESTE, 1.—A Prefeitura da olícia confirmou ao representante a «France Presse» que desapare- u, em 4 de Outubro, dois dias de- is de chegar a esta cidade, a se- hora Natacha Voronoff, filha do entista russo, já falecido, Sérgio oronoff, famoso pelas suas teorias rejuvenescimento mercê do en- erto das glandulas de macaco.
O desaparecimento da senhora oi verificado nas seguintes cir- unstancias: á chegada a Trieste, ntregou o seu carro a uma gara- em para reparações e quando es- as terminaram, há poucos dias, o roprietário da garagem, surpreen- ido com a ausência da dona do arro, tentou, baldadamente, falar- he no hotel onde se hospedara e cabou por prevenir a Polícia.
Diplomada em química, Natacha oronoff interessou-se, quando de ma estadia na Jugoslávia, pelas uestões atómicas. Em Trieste, se- undo consta, avistou-se com Rus- os e um Alemão.—(F. P.).

50 mineiros mortos

TÓQUIO, 1 — Receiam-se que enham morrido, hoje, mais de 50 ineiros japoneses, numa explo- ão de grisú, numa mina de carvão róximo de Yubetsu, na ilha de Hokkaido, a mais setentrional do apão.—(R.).



A guarda negra apresentando armas durante a execução do hino nacional

TEMAS CULTURAIS

Ainda o escol e a Nação

por AMORIM DE CARVALHO

Mostrei, no artigo anterior, como se iam pondo as condições materiais da Nação, sem que esta ainda existisse no sentido de «pátria», quer para o pre-escol quer para a massa, em todo esse período que foi a fundação do reino de Portugal. A luta entre Afonso Henriques e sua mãe, não é mais do que uma luta entre interesses de dois partidos, representados pela nobreza e clero, cada partido servindo a causa de que espera doações territoriais. A massa dos servos segue a sorte das terras. «Afonso Henriques, tomando o grau de cavaleiro pela forma que usavam os principes independentes e numa idade em que a espada era para ele um vão ornato, prestou-se, em nosso entender—diz Alexandre Herculano—a uma farsa dos conjurados, que com esse acto queriam lavrar uma espécie de protesto, não contra o domínio leonês, mas contra o de Fernando Peres», particularmente favorecido por D. Teresa.

«Não contra o domínio leonês»—quase sublinha o grande historiador. Prisioneiro de Fernando II, depois do desastre de Badajoz, Afonso Henriques propõe entregar todas as suas terras a troco da libertação pessoal. A independência foi-nos concedida, nesse momento (e há momentos que decidem) pela generosidade de Fernando II:—«Restitui-me o que me tiraste e guarda o teu reino!».

O facto é absolutamente natural, se o virmos na sua própria época. Não havia ainda diferenciações por pátrias. Havia diferenciações de interesses, em relação aos escois ou pre-escois, e, em relação ao conjunto, havia agregados sociais onde, depois das forças económicas, preponderavam as religiosas. As económicas já vimos, no artigo anterior, que não impediam no mesmo agregado social os «etnos» mais distintos; só as forças religiosas podiam separá-los, mas esta mesma separação—Cristãos e Muçulmanos—não se tornava irredutível, como já vimos também, quer na descrição do prof. Davis quer nos exemplos do moçárabe e do moiro forro.

Então entre cristãos, de Leão ou Castela para Portugal, por exemplo, que separação existia? A que o pre-escol determinava. As nacionalidades eram dos seus donos, perante os quais havia vassalos presos das contingências que os vinculavam ás terras.

Os princípios mais vivos da vinculação era, como se sabe, de tributo e obediência (do povo para o rei, nobreza e clero) e de honra (da nobreza e clero para o rei); o povo estava ligado á terra, a nobreza e o clero estavam ligados mais á pessoa do que á terra. Quando um rei crisão herdava ou tomava o domínio de outro rei cristão, e

(Continua na página seguinte)

Espesso nevoeiro

na Grã-Bretanha

desorganiza a scomunicações

LONDRES, 1.—Espesso nevoeiro cobria, hoje, a Grã-Bretanha, desorganizando as viagens aéreas e terrestres e paralisando a navegação no rio Tamisa e ao longo de parte da costa meridional.

Foram anunciados atrasos de até 3 horas de aviões comerciais transatlanticos, vindos para Londres, enquanto que carreiras de Paris, Amsterdão, Bruxelas e Alemanha foram suspensas nas suas bases continentais.

Não puderam partir aviões para o Leste e Sul da Africa, Médio e Extremo Oriente e Europa.—(R.).

A discussão

da reforma eleitoral

no Parlamento francês

PARIS, 1—A Assembleia Nacional prosseguiu, esta manhã, o debate sobre o projecto de lei relativo á sua renovação.

Depois de rejeitar três contra-projectos apresentados por Olmi (independente), Delachenal (igualmente independente) e Rau (do M. R. P.) o presidente do Conselho, Edgar Faure, pediu então a votação por divisão de projecto apresentado pela Comissão do Sufrágio Universal.

Assim, pôs á votação o texto seguinte: «Os candidatos da França metropolitana à Assembleia Nacional são eleitos por escrutinio de lista, numa votação, com representação proporcional». Por 265 votos contra 239, a primeira parte do projecto foi aprovada.

Antes de ser posto à votação o resto do projecto da Comissão do Sufrágio Universal, que determina que a representação proporcional é «integral», Edgar Faure declara que o Governo é hostil a essa integralidade, bem como a outras disposições propostas pela Comissão. Nestas condições, o Governo vai apresentar uma carta rectificativa e pediu à Assembleia para levantar a sessão, a fim de permitir que a Comissão tome conhecimento dessa carta.

Efectivamente, a sessão foi levantada, para prosseguir durante a tarde.—(F. P.).

HIPOTECAS
FAZEMOS S/ PROPRIEDADES
— AO JURO DA LEI —
TRANSAÇÕES EM 24 HORAS
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3—LISBOA
RUA SANTA CATARINA, 108—PORTO

A TEORIA DOS TREMORES DE TERRA

Os sábios querem auscultar

as entranhas do Globo

fazendo explodir bombas atómicas

por JEAN DES CHAUMES

Por ocasião do ano internacional de Geofísica, que será celebrado em 1956-57, os sismologistas do Mundo inteiro desejariam que se fizessem explodir, simultaneamente, quatro bombas atómicas: nos Estados Unidos, na Russia, na Austrália e no Pacífico. Graças a estes tremores de terra artificiais, ser-lhes-ia possível «estudar os mistérios das entranhas do Globo». Este projecto foi revelado pelo professor japonês Kio Wadachi, chefe do Observatório Meteorológico Central do Japão, cuja opinião foi solicitada pela Federação Internacional de Geofísica.

Como é que explosões, forçosamente provocadas á superfície da Terra, podem contribuir para auscultar as entranhas do nosso Globo? Eis o que vamos tentar explicar muito esquemàticamente neste artigo.

Auscultação e percussão

Quando um médico ausculta um doente, passeia sobre o peito do enfermo o estetoscópio, que amplifica os ruídos produzidos pela respiração e pela circulação sanguinea. Depois, pousando a mão esquerda espalmada sobre a caixa torácica, bate-lhe com os dedos da mão direita e ouve tentamente o som mais ou menos cavernoso que esta percussão produz. Em suma, o médico observa e interpreta as ondas sonoras que lhe transmite o seu ouvido, amplificadas desde que utiliza o estetoscópio.

Os sismologistas empregam um método semelhante: observam e interpretam ondas. Estas ondas não são sonoras, mas comportam-se como todas as ondas—sonoras, luminosas ou doutra espécie—: reflectem-se e refractam-se. Simplesmente, os meios empregados são á escala do Globo: o bater dos dedos sobre o peito é substituído pela explosão dalguns quilos ou dalgumas toneladas de dinamite—que eles desejariam ver substituída pela bomba atómica. Estas ondas são ondas sísmicas.

Acontece que se produz uma rotura de certas camadas no interior da Terra. A localização desta rotura é o foco. Do foco partem as ondas esféricas concêntricas; as que alcançam a superfície—em caso de rotura profunda — desenvolvem-se em círculos concêntricos em volta do epicentro, que é a projecção da vertical do foco sobre a superfície.

E' a estas ondas que se chama, vulgarmente, «tremores de terra» ou «sismos»; são bem conhecidos os seus efeitos terríveis.

Na realidade, só uma parte das ondas sísmicas, de uma qualidade particular, constitui o sismo. Porque a nossa rotura profunda provocou três espécies particulares de ondas, que diferem de comprimento e de velocidade. As mais longas propagam-se exclusivamente no interior da crosta terrestre a partir do epicentro; são essas que causam os destroços. As outras, que partem directamente do ponto de rotura, propagam-se directamente pela superfície, seguindo uma direcção que, teòricamente, deveria ser rectilínea, mas que na realidade não o é, como veremos—e são precisamente essas variações com a sua propagação teórica em linha recta que, interpretadas pelos sismólogos, lhes fornecem preciosas indicações sobre o que se passa nas entranhas da Terra.

Os sismógrafos

Assim como os físicos têm os seus instrumentos para analisar as radiações sonoras, luminosas, eléctricas, os sismólogos têm também os seus para captar as ondas sísmicas: são os sismógrafos, detectores dos abalos sísmicos.

Sobre um maciço de betão levantam-se verticalmente dois suportes rígidos; dum, está suspensa por uma haste horizontal uma marca pesada; do outro, colocado em face, está enrolada uma fita de papel que um movimento de relojoaria ou um motor eléctrico faz desenrolar regularmente. Uma agulha fixada na massa rígida roça a superfície do papel. Em caso de tremor de terra, a fita de papel, solidária com o pedaço de betão, é brutalmente deslocada, enquanto a massa fica pràticamente imóvel, por virtude da sua inércia própria; resulta daí que uma linha quebrada se inscreve,

(Continua na 11.ª página)

LINHOS
BRANCOS E DE CÔR
CAMBRAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO
LINHOS CRUS
PARA APLICAÇÃO
DE RENDAS
PARA BORDAR
A PONTO DE CRUZ
LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE
LINHO
TOALHETES DE LINHO
LENÇOS DE LINHO
LINHO PARA ESTOFOS
O MAIOR SORTIDO
DE LISBOA
CASA DOS PANOS
R. DE S. JULIÃO-ESQUINA
DA R. DOS FANQUEIROS

TEMAS CULTURAIS

(Continuação da página anterior)

pretendia sustentar a herança ou a conquista, o problema era fazer cumprir os princípios da vinculação: na nobreza e clero, pela honra, concedendo-lhes terra sob suserania; no povo, pelo tributo e obediência automáticamente estabelecidos, pois o povo confundia-se com a terra conquistada ou herdada, de que constituia a massa dos servos.

Isto era regra geral nos diferentes países da Idade Média. O servo chegava a enriquecer, mas o ser rico não lhe garantia, por si só, a libertação. A anedota histórica de Artaud de Nogent é simbólica: um nobre guerreiro francês pediu, um dia, ao conde seu suserano, conhecido pela sua generosidade, algum dinheiro para casar duas filhas; o tesoureiro do conde, um burguês rico mas servo, chamado Artaud de Nogent, que assistiu áquele pedido de dinheiro, observou que o conde não lho podia dar, pois havia já dado demais, e agora não o tinha. O conde respondeu então a Artaud:—«Não dizes a verdade, porque eu ainda posso dar-te a ti mesmo». E, voltando-se para o nobre vassalo, acrescentou:—«Aqui o tendes, dou-vo-lo». O conde tomou logo conta do servo, e só lhe concedeu a liberdade a troco do dinheiro de que precisava para casar as filhas.

Em Portugal, os servos ou «homens de criação» eram obrigados, de pais a filhos, a servir os possuidores da terra onde residiam e onde eram, até, compelidos a residir, numa tradição que vinha da monarquia leonesa, de que o condado de Pórtugal se desmembrara. Quando, através dos municipios, da doutrina moral do cristianismo e do aumento da população (que aumentava a oferta de trabalho), o colonato obrigatório dos homens de criação foi sendo substituído (como explica Herculano) pelo colonato expontaneo ou livre, este obedecia ainda ás condições análogas da servidão, porque só havia a liberdade pessoal de aceitar ou não aceitar. Mas sempre tinha, pela dura lei da vida, de aceitar uma gleba—o que Herculano chama a «servidão do homem» convertida em «servidão da terra». Se é certo que aquele pode mudar desta, escolher outra terra com outro senhor, também é certo que só lhe resta a liberdade de escolher a «terra de servidão». Os «herdadores» ou «cavaleiros vilaos» é que constituiam a classe mais elevada do povo, porque já eram proprietários—como os nobres e o clero—, mas deviam ao rei o serviço militar.

Assim, se eliminarmos a ideia religiosa, não havia nenhuma outra força moral suficientemente viva de solidariedade, a unir um certo grupo, diferenciado de outro por um destino histórico. Os grupos humanos formavam-se nos vaivens das heranças e conquistas de terras, e pertenciam a quem as conquistava ou as herdava. É assim que o conde D. Henrique e seu filho fundam o reino de Portugal. Ver nos suas lutas o povo a bater-se pela «pátria», é ver o povo (a quem tanto importava servir o principe francês, ou seu filho, como servir o rei de Leão) num escol ou pré-escol que, étnicamente ou moralmente, nem sequer dele provinha. O povo era, em resumo, o elemento humano da terra que pertencia aos senhores, servindo portanto os senhores—quaisquer que estes fossem.

Até aqui há uma história ainda implacávelmente dura da morfologia social, em suas leis «naturais», com classes privilegiadas e classes dominadas, com a qual vai concorrendo uma história já individualizadora, de biografias de conquistadores e reis. É claro que entre o «povo» e os «indivíduos» que sobressaem da história social para a história política, da história «natural» para a história «humana», entre o povo e esses indivíduos que o dominam, o jogo de acções e reacções vai-se efectivando: são já exemplos significativos as leis que estabelecem a mudança da servidão «do homem» na servidão «da terra», e a criação de municipios que, «oferecendo no seu seio abrigo ao servo opresso, ensinavam, ou antes obrigavam o homem do privilégio a respeitar no homem de trabalho um seu semelhante» (Alexandre Herculano). Quando este respeito é já suficiente e o homem de trabalho (para continuar com a expressão de Herculano) ganha a consciência da sua pessoa, então o sentimento colectivo da Pátria é possível; e as próprias massas, humanamente consideradas, despertam no escol a consciência nacional, oferecendo o campo de força ás linhas de força do escol. A história nacional das biografias de conquistadores e reis torna-se ou vai-se tornando a história nacional de um agregado consciente de «pessoas». Mas não se esqueça que todo este processo é lento enquanto o próprio indivíduo, na massa, não reconhece bem o seu valor de «pessoa». Reconhecia-o aquele servo Artaud de Nogent, cuja anecdota contei; já não o reconhecia aquele outro a quem um nobre russo, em pleno século XIX, concedia a liberdade, mas sem as terras que ficavam para ele, nobre.—«Nós somos teus—respondeu-lhe o servo—, mas a terra é nossa!». (C. Seignobos, «Histoire Contemporaine»).

Não se esqueça, também, que, sempre, nas acções e reacções que se estabelecem entre massa e escol há o conduzido e o condutor, e aquele é, muitas vezes, conduzido contra a vontade; e não se esqueça ainda que é o escol condutor quem, uma vez possuído da consciência nacional, dá á Nação, ou lhe pode dar, o sentido de extensibilidade e de integração no universal humano. Este universal humano, purificado das desvirtuações egoistas e dos desvios por equivoco, é que caracteriza os autenticos escois.

Voltamos, assim, á noção de transnacionalidade com que, no artigo anterior, defini os escois. Quem diz transnacionalidade, diz civilização e cultura em termos do Homem ecuménico. A missão do escol para com a massa é, pois, menos étnica do que civilizacional e cultural, mesmo quando a origem étnica é comum com a da massa—porque pode não ser comum.

Na medida em que o escol carece da acção livre e heroica na História, esta decai para a história materialista do mero processo social, sem drama ou sem novela de personagens autenticas; decai para a história anónima do processo natural de causas e efeitos, comb numa física social, domínio por excelência das concepções do materialismo histórico superestimando o técnico e o económico. A história autenticamente humana e viva é aquela em que o escol (conjunto de indivíduos livres e carregados de sinal humano) intervém e opõe o Homem ao Animal, o Espírito á Natureza, a Liberdade á Necessidade. Este sentido do indivíduo carregado de sinal humano está levado em Hegel (com os seus compromissos para uma sistematização filosófica) até consequências (os indivíduos geniais realizam, na liberdade que a si mesma se determina, o universal necessário) que põem as grandes porções do Mundo sem afirmações individuais (África e parte da América) ainda fora da História.

Não parece estranha a essa tradição filosófica—que passa por Herder—a tese da intervenção pessoal e cesarista, ou de uma minoria esclarecida, que se encontra na concepção geral de Oliveira Martins, vendo com clarividência o valor do indivíduo na História. Simplesmente, parece-me, Oliveira Martins (da leitura remota da sua obra, que não tenho agora á mão, busco relembrar os pontos capitais), negando uma história universal para admitir o entrechocar de diversas e diferentes histórias nacionais, com os indivíduos, mesmo os de escol, condicionados pelas leis rácicas e mesológicas, chega ao irracionalismo da História-como-universal ou do Homem-como-universal. Assim, onde tenho defendido a tese do escol transnacionalizador e transétnico, Oliveira Martins vê o escol criador de irredutíveis nacionalismos. Roma dá o «tipo» cabal da sua concepção, realizando uma fórmula que étnicamente lhe corresponde e a diferencia.

Se, com os descobrimentos, a História de Portugal ganhou uma página que pertence gloriosamente á história da humanidade, foi isso graças não ao «ethos» ou ao «ethnos» da Nação, mas graças ao seu escol, em que uma das figuras mais eminentes—o Infante D. Henrique—foi um diferenciado elemento nórdico ou extra-peninsular.

Eis o principal argumento com que impugnei a tese da vocação messianica do povo português simbolizada na expansão marítima. Mas não impugno (porque a aceito) a tese da vocação do escol (do escol autentico, que é preciso chamar e proteger) para conduzir as pátrias na cooperação universal do unico e grande «messianismo» que actualmente se impõe: o da salvação da existência da própria Humanidade—pelo Espírito acima da Técnica, pela Inteligência acima da Técnica, pelo Bem acima da Técnica, pela Civilização e pela Cultura, em resumo, acima ainda da Técnica.

AMORIM DE CARVALHO

Comandante Correia da Silva

(Continuação da página anterior)

Açores mereceu o comandante Correia da Silva (Paço de Arcos), entre diversas condecorações, a cruz de guerra de 1.ª classe e a alta recompensa britanica «Distinguished Service Order». Foram notáveis ainda os seus comandos do cruzador «Republica» e do aviso «Bartolomeu Dias», cuja construção acompanhou em Inglaterra e que trouxe, em 1935, na sua primeira viagem até ao Tejo.

Já a morte rondava o grande marinheiro e semanas antes de falecer ergueu-se do leito de doença para ir dominar (em 10 de Setembro de 1935) uma revolta a bordo do seu navio, fomentada por elementos estranhos á guarnição, que nele, de noite, se introduziram. Esse acto corajoso apressou-lhe o fim, que não tardaria.

Mas a carreira gloriosa do oficial de Marinha alternou com a do grande administrador colonial. Os seus governos, primeiro em distritos de Angola, depois da provincia de Macau e do Território da Companhia de Moçambique, coroados pela sua acção como ministro das Colónias em 1925, dão ao nome do comandante Correia da Silva merecido lugar na pleiade dos grandes vultos da nossa administração ultramarina.

A sua atitude na questão do porto da Beira, atitude de luta, esclarecida e vibrante, contra a hegemonia estrangeira nesse grande porto de Moçambique, foi uma das páginas mais notáveis da sua biografia de grande português, em quem a alta inteligência e o nobre caracter se completavam.

Republicano convicto desde muito novo, democrata fiel aos mais puros ideais, o comandante Correia da Silva (Paço de Arcos) foi, no seu tempo, um paradigma de virtudes morais, respeitado por gregos e por troianos.

Escritor fluente, pôde ainda rever-se na obra literária de seus filhos. Deixou, além de valiosas colaborações dispersas sobre assuntos navais e ultramarinos, dois livros hoje raros: «A questão do porto da Beira», publicado em 1927, e «Memórias de guerra no mar», publicado em 1931 pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

E deixou no mar e em terra um grande exemplo, que hoje, vinte anos decorridos sobre a sua morte, pode ser apontado ás gerações que surgem como o de alguém que soube amar e servir Portugal, como poucos melhor o terão amado e servido.

Cortejo de Oferendas

Em Valongo

VALONGO, 1—No próximo domingo, realiza-se nesta vila, o Cortejo de Oferendas em beneficio da Santa Casa da Misericórdia local.

Este cortejo será uma demonstração condigna da gratidão colectiva da população do concelho a uma obra que tem mantido a mais perfeita acção assistencial.

Nota semanal

(Continuação da 1.ª página)

20 % do seu capital. E, conforme consta dos relatórios das respectivas empresas referentes á gerência de 1954, os lucros repartidos neste ultimo ano não foram inferiores aos ditsribuidos no período precedente.

Um dividendo de 20 % pago anualmente aos accionistas—mesmo quando essa percentagem se calcula com base num capital que se admite um tanto ou quanto subavaliado—corresponde indubitávelmente a uma situação da mais completa solidez financeira, a qual, á primeira vista, não pode deixar de ser efeito de uma excelente posição comercial.

Note-se, em confirmação do que dizemos acima, que os balanços das empresas produtoras relativos ás gerências de 1953 e 1954—anos a que se limitou a observação dos elementos contabilísticos — acusam, em ambos os casos, a existência de lucros líquidos superiores a 40 % do capital social das mesmas empresas. Como se vê, portanto, em cada período de dois anos e meio a industria do tabaco está em condições de obter um somatório de lucros equivalente ao próprio capital. Trata-se por conseguinte de um investimento de rara rentabilidade, uma das mais frutuosas aplicações de capital que se conhece em toda a actividade industrial do País.

Se, porém, analisarmos o ciclo produtivo da industria, no quinquénio que vai de 1950 a 1954, não vislumbramos indícios de progressos. As quantidades produzidas sobem em 1951 e 1952, para descerem de novo nos anos seguintes; em 1954 a tonelagem produzida volta a situar-se ao nível de 1950. Os valores atribuídos aos produtos fabricados (que só conhecemos a partir de 1952) caem sucessivamente nos anos de 1953 e 1954.

Tudo parece por conseguinte indicar que pelo lado da produção nos não será possível encontrar explicação satisfatória para a posição verdadeiramente favorável de que a industria aparentemente desfruta.

Vejamos assim se poderá ter-se verificado uma apreciável contracção de despesas que, baixando sensívelmente o preço de custo, tornasse possível obter um maior lucro por unidade produzida.

No caso da industria do tabaco, os tipos de despesas de exploração que atingem os mais importantes volumes são, por ordem de importancia, os direitos aduaneiros, o imposto sobre o fabrico, as aquisições de matérias-primas e as remunerações ao factor trabalho. Supomos que, no seu conjunto, estes encargos devem representar á volta de 80 % do valor total da produção.

As restantes despesas correntes, atingindo embora uma importancia bastante elevada, são naturalmente representadas por rubricas de muito menor peso individual, onde será em regra difícil realizar contracções susceptíveis de provocar repercussões sensíveis sobre o preço de custo dos produtos.

Comecemos então por averiguar como se comportam os direitos aduaneiros pagos pelas empresas produtoras de tabaco, entre os anos de 1950 e 1954, utilizando para o efeito os elementos publicados no «Diário do Governo», relativos ao valor dos direitos cobrados nas Alfandegas de Lisboa e Porto. Assim se pode, de facto, verificar que o valor dos direitos lançados sobre o tabaco em rama tem crescido de 1950 para cá—com um total de 237 mil contos naquele ano e de 247 mil em 1954.

Por este lado, portanto, não pôde haver lugar para economias. Vejamos entretanto o que se passa em relação ás importações de tabaco em rama.

As quantidades adquiridas desta matéria-prima têm subido sempre nos ultimos cinco anos. O peso total das respectivas importações no quinquénio de 1950-54 é até superior ao quantitativo da produção registada para o mesmo período, o que se deve ter traduzido numa acumulação continuada de «stocks».

O preço médio por tonelada de rama importada, que subiu no período de 1951-53, em consequência do «boom» da Coreia, voltou em 1954 ao nível já atingido em 1950. Não há, por consequência a registar uma baixa do preço de custo das matérias-primas, que pudesse eventualmente justificar a situação favorável de que a industria presentemente desfruta, apesar da quebra que se vem registando na sua produção.

No que toca ao «imposto sobre o fabrico do tabaco», a sua evolução corresponde a uma subida quase permanente, apenas interrompida por uma baixa muito ligeira, ocorrida em 1954. De 118 mil contos cobrados em 1950 passamos a 137 mil no ano findo, o que representa um aumento de quase 20 mil contos em cinco anos, aumento tanto mais notável quanto é certo que, como vimos atrás, as quantidades produzidas nos anos limites deste período são da mesma ordem de grandeza.

Verifica-se, assim, que também neste caso não foi possível encontrar qualquer indício de quebra de despesas. Para terminar a nossa investigação falta agora analisar apenas o que se passa com os pagamentos ao factor mão-de-obra que já antes vimos constituirem, juntamente com as outras despesas revistas acima, o grupo das mais importantes rubricas que representam os encargos de exploração da industria.

A observação desta rubrica não poderá, entretanto, apoiar-se em elementos tão actualizados como aqueles de que pôde dispor-se nos casos anteriores, visto que os ultimos dados conhecidos são os publicados pela «Estatística Industrial», do I. N. E., referente ao ano de 1953.

As despesas com as remunerações do pessoal apresentam uma importante contracção de 1950 a 1953, passando o quantitativo dos ordenados e salários pagos de 40 mil contos em 1950 para 31 mil no ultimo dos anos citados. Atendendo a que as «Estatísticas Financeiras» registam um pagamento de dividendos de aproximadamente 15 mil contos por ano, conclui-se que o corte sofrido pelos salários deve estar presentemente contribuindo numa proporção de cerca de três quintos, para a formação desses dividendos.

Estas importantes reduções parecem resultar mais de uma quebra numérica do pessoal empregado que de um abaixamento substancial do salário médio pago aos empregados. Com efeito a «Estatística Industrial» indica que em 1950 estavam ao serviço da industria 3.125 indivíduos, e apenas 2.459 em 1953.

O salário médio por dia de trabalho—calculado sómente para o pessoal operário—desce ligeiramente no ultimo dos anos acima referidos, cotando-se em pouco menos de 32 escudos, quando tinha sido de quase 34 em 1950. Ainda assim, o nível atingido é superior ao de outras actividades cuja situação analisámos em artigos anteriores, nomeadamente as industrias das conservas e da cortiça.

Isto não quer evidentemente dizer que estejamos dispostos a advogar uma nova baixa dos salários pagos na industria do tabaco, como meio de garantir aos respectivos accionistas o pagamento da taxa de dividendo a que parecem estar habituados.

TRIBUNUS

PUBLICAÇÕES

«Panorama da Geografia»

Foi agora publicado o fasciculo 24 da interessante obra «Panorama da Geografia», que a «Cosmos» continua a editar, com regularidade. Com este fasciculo completa-se o 2.º volume desta valiosa obra e principia-se o volume 3.º, que abre com um estudo muito completo sobre «A distribuição geográfica da população e suas condições».

Assim, esta nova obra da Biblioteca Cosmos continua a mostrar-se digna do interesse que desfrutou desde os primeiros fasciculos.

CASAMENTO

50 ESCUDOS POR PESSOA. Ianche, incluindo vinhos, branco, tinto, espumante, Porto e «kup». Temos salão próprio, sem aumento de preço. Pastelaria S. João, Ld.ª — Avenida Paris, 5-A — Telefone 778400

A distribuição

de prémios de «Os Josés» a professores e alunos dos cursos de adultos

O Grupo Onomástico «Os Josés de Portugal», que ás suas já vastas actividades juntou a colaboração activa na Campanha Nacional de Educação de Adultos, está a premiar, por todo o País, os professores e alunos que mais se distinguiram nos cursos de alfabetização que aquele grupo patrocinou.

Em Vila Real, com a presença de várias autoridades locais, foram galardoados o professor José Manuel Alves e o aluno José Magalhães, cantoneiro que conta 61 anos, e obteve bom êxito no seu exame de 3.ª classe. Antes da entrega dos prémios—dois belos relógios de pulso—usaram da palavra os srs. José da Rocha Peixoto e José Cruz Filipe, que historiaram a acção beneficente dos «Josés de Portugal».

Em Viseu, realizou-se idêntica cerimónia, para contemplar, também, um professor e um aluno, facto que foi devidamente comentado pelos srs. drs. José Alberto Rodrigues, José da Cruz Filipe e dr. José Aires de Matos.

Na Guarda foram premiados o professor José Matos e o aluno José Saraiva. A cerimónia efectuou-se na Escola do Magistério Primário, daquela cidade, e nela usou da palavra o sr. dr. José Santos Carvalho. Os Josés, da Guarda ofereceram depois, um almoço de confraternização aos Josés que foram de Lisboa á Guarda assistir á sessão, almoço que serviu para uma vez mais, demonstrar a leal amizade que une todos os membros do Grupo Onomástico «Os Josés de Portugal».

O monumento

a Cristo Rei na Outra Banda

O pedestal do monumento a Cristo-Rei já tem a altura de 60 metros e faltam-lhe ainda 20 para ficar concluido, até ao fim deste ano. A estátua terá 28 metros de altura. Até agora já foram despendidas com a construção mais de dez mil contos, faltando ainda para acabar o monumento, o que a comissão espera poder verificar-se no fim do próximo ano, mais dois mil contos para os restantes 20 metros do pedestal e três mil contos para a estátua. Estão a ser, para isso, angariados fundos por subscrição. A campanha para a realização deste monumento dura há 17 anos.

Os vestidos

de Lollobrigida...

PARIS, 1—Gina Lollobrigida, que no ano passado teve em Londres complicações protocolares com o seu vestido—considerado excessivamente decotado—quando a artista cumprimentou a raínha Isabel, está este ano ainda em piores circunstancias.

O seu costureiro veio de Roma a Paris com três vestidos para provar á actriz. Na Alfandega, porém, exigiram-lhe direitos tão elevados que os vestidos ficaram retidos até o costureiro voltar a saír da França. E não se sabe o que a «Lolo» irá vestir quando, novamente, comparecer em Londres para cumprimentar a soberana inglesa.—(Ani.)

MELHORAMENTOS

Nova rede telefónica

PAREDES DE COURA, 31—Com a presença dos srs. Pedro de Castro e Antas, e do dr. João Vieiras de Segueiros, presidente do Municipio, inaugurou-se, na freguesia de Cossourado, deste concelho, a rede telefónica que serve esta localidade e outras freguesias circunvizinhas.

Após a inauguração foi servido um copo-de-água na residencia do presidente da Junta local.

Atropelamento mortal

BEJA, 1 *(Pelo telefone)*. — Próximo da Aldeia das Neves, quando Maria Emília, de 54 anos, casada, ali residente, seguia pela estrada com um burro pela arreata, foi atropelada por um automóvel, conduzido pelo seu proprietário sr. João Manuel, residente em Beja. A ferida transportada ao Hospital desta localidade faleceu pouco depois de ali ter dado entrada. O motorista foi detido pela Polícia.

A teoria dos sismos

(Continuação da página central)

por meio da agulha, sobre o papel que se desenrola.

O conjunto da instalação constitui um sismógrafo e a linha quebrada inscrita sobre o papel é um sismograma. A massa tem, na maior parte dos casos, o peso de 400 quilos, mas em certos aparelhos vai até 1.000 e mesmo 20.000 quilos. Como em Estrasburgo, a linha inscrita pela agulha sobre o papel é uma ampliação do movimento do solo, ampliação fixa para cada aparelho e que regula entre cem a duzentas vezes. Os sismógrafos colocam-se aos pares, dispostos em esquadria: um regista os movimentos de direcção Norte-Sul e o outro os movimentos de direcção Leste-Oeste.

Mas produzem-se também movimentos verticais. Para os registar, as estações sismológicas dispõem de um sismógrafo especial, cuja massa não vai nunca além de 5 quilos. Esta massa, fixada sobre uma haste, pode oscilar em torno de um eixo conservado horizontal por uma mola percorrida por uma corrente eléctrica. Se um abalo sacode o solo, e por consequência o suporte, a posição da haste e da massa muda levemente. Ora, a ponta da haste está colocada em face de um iman. A corrente eléctrica varia então, e essa variação, registada por um galvanómetro, é inscrita sobre uma fita de papel fotográfico.

As indicações fornecidas pelas bandas registadoras dos sismógrafos são interpretadas por especialistas. Para um profano, são pouco mais ou menos tão claras como as inscrições hieroglíficas que o velho Egipto nos legou.

A linguagem dos sismógrafos

Assim como as ondas sonoras, as ondas sísmicas propagam-se a velocidades diferentes, conforme são emitidas num meio denso ou pouco denso, rígido ou brando. Assim, uma onda sonora propaga-se á velocidade de 3.500 metros por segundo no cobre e de 5.000 no aço. As ondas sísmicas comportam-se pouco mais ou menos do mesmo modo. Por outro lado, como as ondas luminosas, mudam de direcção ao passar em dois meios de densidade diferente; acontece mesmo que mudam tanto de direcção, que se «rafractam» de tal modo, que são reenviadas ao ponto de partida, isto é, são reflectidas. A sua velocidade de propagação e o seu afastamento da linha recta, registados pelo mesmo abalo em pontos diferentes, permitirão, portanto, graças a cálculos longos e complicados, conhecer a densidade e a rigidez das diversas camadas que o abalo atravessou e situar o ponto preciso da rotura que provocou o abalo. Porque se conhece a densidade e a rigidez de todas as rochas que compõem, não só a crosta terrestre, mas também o centro da Terra e foi possível calcular a sua rigidez segundo a pressão á qual elas estão submetidas, isto é, segundo a sua profundidade.

Foi assim que se teve uma primeira confirmação da teoria do «Sial» e do «Sima». O «Sima» é a massa viscosa do nucleo terrestre sobre a qual flutuam, como jangadas, o «Sial» que constitui os continentes. A fronteira entre o «Sial» e o «Sima» situam-se a cerca de 35 quilometros de profundidade. O «Sial» da crosta terrestre tem uma densidade média de 2,8; o «Sima», composto sobretudo de sílica e de magnésio (donde proveio o nome que lhe deu o geólogo austriaco Suess) tem uma densidade média de 3,3.

A linguagem dos sismógrafos está, há alguns anos, ao serviço dos propectores.

Vimos que as ondas sísmicas não se propagam com uma velocidade uniforme: na areia, essa velocidade é de cerca de 1.000 metros por segundo, nos calcários aproxima-se dos 2.500 metros e na cal dos 5.000. Os prospectores provocam, com uma boa carga de dinamite colocada de quinze a vinte metros de profundidade, um tremor de terra em miniatura e recolhem, com sismógrafos portáteis, as ondas sísmicas reflectidas. Do registo deduzem a natureza geológica das profundidades do solo, o que dá preciosas indicações para as pesquisas de petróleo, por exemplo, e evita fazer furos no sitio onde nenhuma rocha é susceptivel de cobrir uma toalha de «oiro negro».

Bem entendido, quanto mais forte é a explosão, e portanto o abalo, mais longe o sismógrafo registará as ondas. E voltamos, após um desvio, ao principio do nosso artigo. E' bem evidente que uma explosão atómica muito forte é capaz de criar um violento «tremor de terra artificial». Se fizerem explodir ao mesmo tempo, em quatro pontos diferentes, quatro bombas atómicas, é veromil que todos os observatórios sismológicos do Mundo registem as ondas sísmicas provocadas. Sem duvida que os especialistas devem tirar destas observações conclusões preciosas para o melhor conhecimento das entranhas deste velho planeta onde vivemos.

JEAN DES CHAUMES

Novo comandante

de Infantaria 3

BEJA, 1 *(Pelo telefone)*.—Assumiu hoje as funções de comandante do Regimento de Infantaria n.º 3 o sr. coronel José Martinho Leitão, que exerceu as funções de chefe do Estado-Maior da 4.ª Região Militar, em Évora. A cerimónia da posse revestiu-se de grande solenidade e os poderes foram transmitidos ao empossado pelo comandante interino, sr. tenente-coronel Pires Neves. O novo comandante recebeu depois os cumprimentos e felicitações dos oficiais e pessoas amigas.

Relógio de Precisão
LONGINES
Milhões em uso nas CINCO partes do Mundo

O conhecido realizador francês René Clement surpreendido no momento em que dirigia uma cena da sua ultima obra, «Gervaise»

Dez mil pessoas

para assistir ao jogo das reservas Benfica-Belenenses

Mais de dez mil pessoas assistiram ao jogo desta tarde entre as reservas do Benfica e do Belenenses para a taça «Ricardo Ornelas».

As equipas alinharam da seguinte forma:

Benfica—Sebastião; Zézinho e Monteiro; Silveira, Figueiredo e Naldo; Mendes, Chipenda, Garrido, Mário João e Barbosa.

Belenenses—Filhó; Manuel Carlos e Rosendo; Amadeu, Jorge e Emidio; Miranda, Laranjeiro, Inácio e Angeja.

Árbitro—Mário Pereira Martins.

As primeiras jogadas de perigo pertenceram ao Belenenses que beneficiou de um «livre» aos três minutos. Laranjeira realizou o castigo e a bola bateu no poste. Pouco depois, noutro ataque dos «azuis», Sebastião foi obrigado a defender um forte pontapé de um avançado belenenses. Mas o Benfica, colocou-se em vencedor aos sete minutos com um tento de Garrido. O Belenenses animou e tornou-se perigoso obrigando a defesa benfiquista a trabalho árduo. Até perto do intervalo o Belenenses deu nota de superioridade, mas foi o Benfica que nos últimos minutos beneficiou de algumas oportunidades de golo.

O resultado de 1-0 a favor do Benfica manteve-se até ao intervalo.

REGATAS DE VELA

O «Torneio de Outono» foi ganho pela tripulação João Silveira-Abílio Santos

Terminou esta tarde, com a efectivação da 3.ª regata, o «Torneio de Outono», competição reservada aos barcas «Vougas». A classificação desta terceira regata foi a seguinte:

1.º, *Vouga 11*—João Pedro Silveira e Abílio Santos, do Clube Naval de Lisboa; 2.º, *Vouga 16*—Gilberto Sousa e António Oliveira, do Clube Naval de Lisboa; 3.º, *Vouga 13*—Joaquim Teixeira e Alvaro de Figueiredo, da Brigada Naval; 4.º, *Vouga 22*—António Perfeito e Carlos Alberto, do Clube Naval de Lisboa; 5.º, *Vouga 5*—Jorge Salvaterra e José de Oliveira, do Clube Sportivo de Pedrouços.

A classificação geral ficou ordenada do seguinte modo:

1.º, João Pedro e Abílio Santos; 2.º, Gilberto Sousa e António de Oliveira; 3.º, Joaquim Teixeira e Alvaro de Figueiredo; 4.º, António Perfeito e Carlos Alberto; 5.º, Jorge Salvaterra e José Oliveira.

Novo vigário-geral

da Companhia de Jesus

CIDADE DO VATICANO, 1.—O padre espanhol Severiano Azcena foi nomeado vigário-geral (chefe interino) dos Jesuitas, a maior e mais poderosa ordem religiosa da Igreja Católica.

Um informador jesuita disse que a nomeação foi feita por o actual chefe da ordem, John B. Janssens, belga, de 65 anos, estar num retiro para exercícios espirituais, que se espera dure várias semanas. — (R.).

Pequenas notícias

PELA POLICIA

ESTABELECIMENTO ASSALTADO — Queixou-se á P. S. P., Inácio Gonçalves e Silva, gerente do Oculista das Portas de Santo Antão, na Rua Eugénio dos Santos, 9, 2.º, Dt.º, onde os gatunos entraram por meio de chave falsa, e roubaram artigos no valor de 7.000 escudos.

PELOS HOSPITAIS

COLHIDO POR UMA AUTOMOTORA — Faleceu hoje no Hospital de S. José, para onde entrara há dias, por ter sido colhido por uma auto-motora na Azambuja, o sr. Manuel Barata, de 72 anos, funcionário publico aposentado, residente em Santarém.

CONFERÊNCIAS

Amanhã, ás 18 e 30, no Instituto Britanico, em Lisboa, o arquitecto sr. Clough Williams-Ellis, «Fellow» da Real Sociedade dos Arquitectos Britanicos, fará uma conferencia intitulada «Os deleites da arquitectura».

Por o Instituto Britanico desejar aproveitar-se da visita a Portugal da sr. D. Amabel Williams-Ellis, autora de variados livros, muitos dos quais escritos especialmente para crianças, haverá esta semana também um conferência especial fora da série normal. Esta conferência efectuar-se-á depois de amanhã, ás 18 e 30 horás.

A entrada para ambas estas conferencias é publica, como habitualmente.

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

De amanhã até ao dia 16, inclusive, encontram-se em reclamação, em todas as secções de Finanças de Lisboa, os rendimentos ilíquidos tributáveis, para 1956, dos contribuintes da contribuição industrial, Grupos B e C.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem e entregues na P. S. P. de Lisboa: um lenço de assoar, um binóculo, uma quantia em dinheiro, um porta moedas com dinheiro, duas chaves desirmanadas, três pás de ferro, uma boina tipo espanhol, um sapato de senhora, as cédulas pessoais de Maria Teresa Castelo e Silva da Maia e de Georgete Moreira Fortunato, duas luvas de senhora, um parafuso de ferro, uma luva de homem, um manípulo de porta de automóvel, um canivete, uma chave de cubos, um porta moedas com dinheiro e um véu, um chapéu de chuva, uma pasta com documentos, uma bolsa de prata com dinheiro, um grampo para roda sobressalente de auto pesado, uma carteira com o bilhete de identidade de Henrique Pereira, um embrulho contendo ferragens para arquivo, uma pulseira de ouro, com uma mãozinha, para criança, as chapas de registo dos automóveis, B. E. 22-84, C. B. 14-66 e G. G. 22-97 e um castão de chapéu de chuva.

Manifestações anti-britânicas numa cidade grega

PATRAS (Grécia), 1.—Crianças apedrejaram a Polícia que protegia, hoje, o consulado britanico e edifícios do Instituto Britanico. Foi a mais violenta manifestação feita por crianças, a favor da união de Chipre com a Grécia. Ficaram feridos vários polícias e crianças.

A Polícia abriu fogo contra a multidão de manifestantes. Ficaram feridos 25 civis e 20 polícias. Os manifestantes atacaram as instalações do Instituto Britanico e conseguiram destruir os seus móveis.

Manifestantes apedrejaram, também, o centro de informações dos Estados Unidos, em Patras, e partiram alguns vidros de janelas.

Os comerciantes fecharam as portas, ao continuarem os disturbios dentro da cidade.

Notícias posteriores disseram que tinham ficado feridos 35 polícias e 40 manifestantes. O bispo de Patras foi ao local para pedir aos manifestantes que dispersassem.—(Reuter).

Leiam o jornal humoristico
sempre fixe

Sociedade Geral

Para: **S. VICENTE, PRAIA** e **BISSAU**

N/M «ALFREDO DA SILVA» em 10/11/55
(VIA LEIXÕES)
Carrega para Bissau em 7 e para C. Verde em 8 de Novembro
Carga Frigorífica no dia 9 até ás 12 horas
Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

N/M «ANA MAFALDA» em 25/11/55
(VIA LEIXÕES e FUNCHAL)
Carrega para Bissau em 22 e para C. Verde em 23 de Novembro
Carga frigorífica no dia 24 até ás 12 horas
Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

Para: **LUANDA, LOBITO** e **MOÇAMEDES**

N/M «RITA MARIA» em 21/11/55
Carrega em Lisboa nos dias 17, 18 e 19 de Novembro
Carga Frigorífica no dia 19 até ás 12 horas
Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

Para: **C. VERDE, PRINCIPE, S. TOMÉ; LANDANA** (se convier), **AMBRIZ, LUANDA, P. AMBOIM, LOBITO** e **MOÇAMEDES**

N/M «BELAS» em 10/11/55
Carrega em Lisboa de 7 a 9 de Novembro
Carrega em Leixões nos dias 5 e 6 de Novembro
Passageiros de 1.ª classe

Para: **CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, N. REDONDO, LOBITO** e **MOÇAMEDES**

N/M «ANDULO» em 30/12/55
(Via Leixões)
Carrega em Lisboa de 22 a 28 de Dezembro
Carga Frigorifica no dia 29
Passageiros de 1. classe

Para: **MATADI, LUANDA, LOBITO** e **MOCAMEDES**

A' carga em Hamburgo, Bremen e Anvers

N/M «AMBRIZETE»
De 12 a 27 de Outubro e em Lisboa, sómente para Matadi, no dia 2 de Novembro

N/M «BRAGA»
De 4 a 16 de Novembro e em Lisboa, sómente para Matadi, no dia 22 de Novembro

N/M «BORBA»
De 23 de Novembro a 7 de Dezembro e em Lisboa, sómente para Matadi, no dia 13 de Dezembro

N/M «BRAGANÇA»
De 18 a 30 de Dezembro e em Lisboa, sómente para Matadi, no dia 5 de Janeiro

Todos estes navios recebem em Lisboa passageiros de 1.ª classe para Matadi

Para: **ANVERS, ROTTERDAM** (se convier), **BREMEN** e **HAMBURGO**

A' CARGA NOS PORTOS DE ANGOLA

N/M «ARRAIOLOS»
De 31 de Outubro a 17 de Novembro

N/M «AMBRIZETE»
De 18 de Novembro a 2 de Dezembro

N/M «BRAGA»
de 12 a 25 de Dezembro

N/M «BORBA»
De 31 de Dezembro a 17 de Janeiro

Chamamos a atenção dos Senhores passageiros para as disposições em vigor acerca do transporte de bagagens.

TRATAR EM:
LISBOA — Rua do Comércio, 39 — Tel. 26314/5
PORTO — Rua Sá da Bandeira, 87 — Tel 27363

A NOVA PRINCESS 200
A RAINHA DAS MÁQUINAS DE ESCREVER
VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES
NOVA LUSA
RUA DE S. NICOLAU - 110 - 112
TELF. 26483 LISBOA

PORTO-BENFICA
(6 de Novembro)
E
Feira da Golegã
(11 de Novembro)
*
Nos Novos Auto-Pullmans
CAPRISTANOS
Informações:
Avenida da Liberdade, 72-A
Tel. 35505

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

AUTO-LITE
*
a vela
QUE VELA PELO MOTÓR DO SEU CARRO
CUIDADOSAMENTE ESTUDADAS PARA TRABALHAREM COM QUALQUER SISTEMA DE IGNIÇÃO
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
AUTO-LUSITANIA
AV. DA LIBERDADE 73 A 79 LISBOA

FEIRAS E ROMARIAS NO MÊS DE NOVEMBRO

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Novembro, as feiras e romarias que a seguir se indicam, a C. P. vende bilhetes a preços reduzidos.

RÉGUA A BAGAUSTE — Romaria a Santa Eufémia, em Bagauste, no dia 1 de Novembro.

BORBA — Feira Anual, nos dias 1 e 2 de Novembro.

MANGUALDE — Feira Anual dos Santos, no dia 6 de Novembro.

PENAFIEL — Feira Anual de São Martinho e Feira das Prendas, nos dias 10, 11 e 13 de Novembro.

O cartaz anunciador destes serviços especiais pode ser consultado nas estações.

ARTIGOS ESCOLARES
SEMPRE OS MELHORES
NA
PAPELARIA DA MODA
R. DO OURO, 167 A 173 · LISBOA · TEL. 24347-24269

COMPANHIA
CCN
COLONIAL
DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«UIGE» 2 DE NOVEMBRO	Com escala prévia por **Leixões**, para: **Las Palmas, Luanda, Lobito e Moçamedes.**
«PÁTRIA» 15 DE NOVEMBRO	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique** e Nacala (quando necessário).
«BENGUELA» 9 DE DEZEMBRO	Com escala por **Leixões**, para: **Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçamedes.**
«AMBOIM» 16 DE DEZEMBRO	Com escala por **Leixões**, para: **S. Tomé, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala** e **Porto Amélia** (quando necessário).
«IMPÉRIO» 20 DE DEZEMBRO	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique** e **Nacala** (quando necessário).
«UIGE» 21 DE DEZEMBRO	Com escala por **Leixões**, para: **Las Palmas, Luanda, Lobito** e **Moçamedes.** Carrega em Lisboa de 14 a 16 de Dezembro.

Chama-se a atenção dos srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ» 21 DE NOVEMBRO	Com escala por **Funchal**, para: **Las Palmas, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu** e **Buenos Aires.**

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» 22 DE NOVEMBRO	Com escala por **Vigo** e **Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao** e **Havana.**

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clínica de Necker—Paris. RINS, vias urinárias—Venero-Sífilis. Trav. Nova de S. Domingos 9-1 ás 15 horas Telef 29062

HIPOTECAS
FAZ-SE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS - RAPIDO - SIGILO
A FINANCIADORA
TELEF. 24446 — LISBOA

Caminhos de Ferro

Utilização do apeadeiro de Sanfins

A C. P. tornou publico que o comboio n.º 831, a partir de 1 de Novembro próximo, passa a efectuar paragem no apeadeiro de Sanfins — linha de Espinho a Viseu — ás 19 e 8, quando houver passageiros para embarcar ou desembarcar.

CAMARA MUNICIPAL DE ALMADA
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

AVISO AOS CONSUMIDORES

Avisam-se os senhores consumidores do Bairro Económico da N.ª S.ª da Piedade, Cova da Piedade e Cacilhas, abastecidos pelo depósito do Laranjeiro, que na próxima 4.ª feira, dia 2, é cortado o fornecimento de água das 13 ás 17 horas, para obras inadiáveis na conduta principal de abastecimento a estas zonas.

Almada, 26 de Outubro de 1955.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Policlínica do Intendente

Av. Alm. Reis, 27, 2.º — T 45587
Dr. Abel Alves—Ouv., nariz e gar., 14 h.
Dr. Anastácio Gonçalves—Doenç. olhos, 18 h.
Dr. Armando Luzes—Rins e vias urinárias, 14 h.
Dr. Armando Valle—Anál. clín. e vacinas, 11 h.
Dr. Benard Guedes—Raios X, 16 h.
Dr. E. de Miranda Rodrigues—Doenças nerv. mentais (2.ª, 4.ª e 6.ª), 16 h.
Dr. Fernando Castro Amaro—Med. geral, 15 h.
Dr. Formigal Luzes—Agen. físicos, 15 h.
Dr. João Marques Pinto—D. das crianças, 18 h.
Dr. Juvenal Esteves—Doenças da pele e sífilis (2.ª, 4.ª e 6.ª), 14 h.
Dr. Marcelino Martins—Boca e dentes, 10 h.
Dr. Mário Rosa—Cl. méd., est. e intest., 15 h.
Dr. Souto Soares—Cirurgia geral, ortopedia, operações, 14 h.
Dr. Pedro da Cunha—Partos e doenças das senhoras, (3.ª, 5.ª e sáb.), 15 h.
Dr. Vasco de Lacerda—Cl. méd., coração e pulmões, 18 h.

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

PENINA

Texto integral de **Waldemar Bonsels**

QUANDO não conseguia dominar os baixos instintos ou de luta pelo pão de cada dia, pensava em Holer, meu conhecido de um unico encontro. Tinha a virtude de passar despercebido entre gente vulgar, o que incutia confiança, sendo-lhe fácil a assimilação de qualquer meio. Porque, quem quer que seja que se destaque da multidão, mesmo que seja pela sua modéstia ou honestidade, é apontado como um inimigo. Sobretudo, se não temos uma fé que nos ampare.

Já não posso dizer, ao certo, como foi que fui ter com Penina ao velho porto de mar, ou antes, á «Tasca», onde a encontrei com os companheiros. Era numa dessas noites vazias que se podem perder entregues á solidão, ao desejo ou em passos infinitos e inquietos, sem sentido; uma dessas noites que todos conhecemos, todos os que sofreram os tormentos de uma infancia abandonada, longe da sua terra.

Para que a solidão se torne um bem na mocidade, é preciso que tenha força e uma finalidade. Por isso, para muitos, essa solidão foi um acidente fatal, na hora incerta do seu despertar.

Frágil Penina, flor no pó da rua, joia brilhante nas roupagens que vestem a minha alma, nunca, nunca te esquecerei. Bem haja o dia em que te achei e te abandonei, para nunca mais te perder. Continuas a florir em mim, apesar de não te cuidar. Sim, aconteceu, ás vezes, desvaneceres-te da minha lembrança. Isso sucedeu sempre nos dias bons ou nas horas perigosas de um bem-estar passageiro. Mas, no sopro dos ventos frios ou na passagem dos caminhos perigosos, sempre a tua imagem voltava, perfumando a minha alma, dando-me paz e dando-me ventura.

Recordas-te, Penina?

Eu trabalhava, então, á hora, em casa de um curtidor que me dava trabalho, mais por piedade do que necessidade de ter em ordem os seus livros comerciais. A's vezes, também tinha de visitar-lhe os fregueses e até de fazer compras. Ainda não completara vinte anos.

Ora esta companhia que encontrava, á noite, na «Tasca», antro da pior espécie, prendera-me por muito tempo. Tudo o que lhe dissesse respeito preenchia de todo a minha vida. Exteriormente, devo-me ter distinguido muito pouco desse grupo de companheiros onde caira. Tinha ainda algum dinheiro mas vestia pobremente. Fui recebido sem relutancia nem escrupulos, porque aquela gente é indulgente, a começar consigo própria. Penina, porém, estava lá. Sentava-se entre eles. Usava blusa de algodão vermelho muito vivo, um lenço desbotado a apertar-lhe o cabelo claro.

Tinha olhos cinzentos, de um tom estranho, uma boca bastante grande, de um traco de avidez dolorosa e de tristeza. Nenhuma emoção lhe fazia estremecer os lábios, um traço rude como se fosse feito com o pincel, quase sem cor nem tinta. O rosto, como toda ela, prendia os sentidos. E, no entanto, havia na sua doçura trágica uma altivez aniquilada. Reflectia-se-lhe no todo um ar claro e longínquo.

Quando cheguei, estava sentada, quase encostada, com uma tendência para o abandono, ao lado de um rapaz esbelto de quem não me sentia capaz de desviar os olhos. E, todavia, ofendia-me o desdem irónico com que ele me varava. A sua expressão era tão cheia de vida, má e dura, tão sombria e ao mesmo tempo tão bela e atrevida, que ora me parecia um patife, ora um grande senhor, a conspurcar aqui a sua dignidade em decedência. Chamava-se Kubasch.

Não consegui saber nada a respeito da gente deste meio, a não ser que não era escrupulosa. Embora fossem todos pessoas novas, haviam chegado ao requinte de todas as experiências precoces, conservando o seu mau porte com arrogante insolência. Porque a rua tempera e faz amadurecer cedo, o seu contacto não favorece ninguém. Nas águas turvas que a varrem há nadadores mais treinados do que na corrente morna da vida normal de cada um de nós.

Alguns dias depois da minha primeira visita á «Tasca», Kubasch chamou-me de lado, perguntando-me:

—Que vens aqui fazer? Que queres daqui?

—Não sei...

—Não sabes... Ora essa, queres Penina!

Encarei-o, espantado. Mas Kubasch estava muito calmo. Sorria com desprezo e olhava-me curiosamente.

Respondi-lhe, de repente:

—Não me interessa!

—Claro que te interessa. Previno-te, porém, de que não deves oferecer-lhe dinheiro. Penina é muito sensível a certos materialismos. Todavia, não faltará quem...

Tive a suspeita do que esse homem não chegou a dizer-me. Queria pôr ideias e não conseguia. Aqueles olhos finos e impuros penetravam os meus pensamentos mais secretos, aqueles que nem a mim próprio ousara confessar. Mais fundo ainda, lia nesses olhos a intimação de querer saber a minha verdade. Por isso, foi muito confusamente que ouvi Kubasch dizer:

—Penina gosta de ti!

De repente, porém, dominado pela primeira imagem colhida, ao entrar ali, quando encontrei a pobre jovem encostada a Kubasch, repliquei-lhe:

—Não, é de ti que ela gosta! E' tua de todo o fundo da alma, do fundo do coração. Quando tu falas, ouve-te trémulo de amor. Quando te vais embora, entristece. Quando voltas, ela respira e a vida sorri-lhe de novo... Ela é a tua sombra e o seu amor envolve-te, como uma frase fervorosa. E, então, és tu que vens dizer-me...

Kubasch era mau por indole. Reflectiu um instante e respondeu-me irónico:

—Palerma, se não fosse assim, não estava aqui a dizer-te isto tudo!

E como eu ficasse calado, o homem levantou-se e foi sentar-se, lá adiante, noutra mesa. Pouco depois, ia a sair, quando encontrei Penina á porta da «Tasca». Puxei-a pela mão e disse-lhe docemente:

—Vem comigo, é só um instante.

—Ele está lá dentro?—perguntou ela na sua voz de contralto.

Parecia-me mais pequena do que de costume. Senti que tinha frio, já estávamos no Outono e, na rua ventosa, as folhas e os papeis perseguiam-se á luz crepuscular.

De repente, parei, tomei-lhe a mão e disse-lhe:

—Penina, Penina, coitadinha de ti! Este Kubasch!...

—Cala-te!

Esta intimativa angustiosa era uma pancada e atingiu-me, como se fosse um punho que saísse da escuridão. Estupido que eu era, ousar oferecer piedade ao amor e desprezo ao objecto amado! Sentia-me dominado, vencido, por uma verdade que me torturava: isto tudo é a vida; nunca conseguirei vencer nem dominar o que há nela de atrozmente escarnecido — pensava...

Penina olhava-me triste e envergonhada, ela própria vencida e dolorosa. De repente, começou a chorar. Entre soluços, mal a ouvia dizer:

—E' assim mesmo. Não voltes a procurar-nos, ouviste? O teu caminho é o da luz.

Depois, deitou a correr e desapareceu na escuridão. Nunca mais a vi.

Mas, se um dia vier em que tenha de prestar contas da minha mocidade, talvez reencontre Penina com uma consciência eterna no Mundo que lhe vote uma palavra de redenção e piedade. E, então, ver-se-á que as lágrimas ardentes de Penina lhe purificaram a alma, lavando-a de todas as culpas.

Por mim, só muito mais tarde, quando comecei comigo a luta das ideias, para a conquista da grande palavra redentora, só então voltei a reencontrar Penina na minha consciência. As suas lágrimas ficaram como uma pedra clara nas trevas da minha duvida.

Os cemitérios registaram grande concorrência por motivo do Dia de Todos-os-Santos

Hoje, Dia de Todos-os-Santos, feriado com equivalencia de domingo, os cemitérios registaram logo de manhã, a afluencia de muitas pessoas, a maioria das quais conduzindo ramos de flores, em que predominavam os crisantemos.

As visitas aos campos de repouso prosseguiram pela tarde até ás 17 horas.

Amanhã, Dia de Finados, novas romagens aos campos santos se verificarão e, segundo a tradição, em muito maior numero. Para isso, haverá tolerancia na hora de fechar dos cemitérios.

A exemplo dos anos anteriores, o Patriarcado, em colaboração com a Camara Municipal de Lisboa, manda celebrar, amanhã, missa de sufrágio pelos finados da Capital, nos seguintes cemitérios: Prazeres, ás 9, 10 e 11 horas; Alto de S. João, ás 10 e 11 horas; Benfica, ás 10 e 10 e 30; Ajuda, ás 10 horas; e Olivais, ás 10 e 30.

A missa das 10 horas, na capela do cemitério dos Prazeres será celebrada por um prelado.

Missa na igreja de S. Luís

A exemplo dos anos anteriores hoje, Dia de Todos-os-Santos, foi rezada missa solene, na igreja de S. Luís dos Franceses. A cerimónia começou ás 10 e 30 e foi celebrada pelo rev. D'Aussac, reitor da igreja, acolitado pelos revs. Durães e Andreau.

Assistiu ab acto elevado numero de franceses de ambos os sexos que encheram o templo por completo.

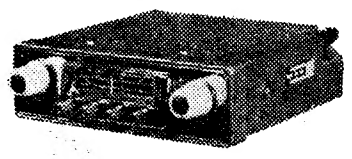
Na capela-mor tomaram lugar os srs. embaixador e consul geral da França e os funcionários da embaixada e consulado daquele país e elementos da colónia de maior destaque.

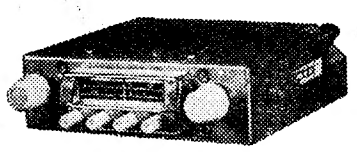
Missa promovida pelos antigos alunos da Escola Veiga Beirão

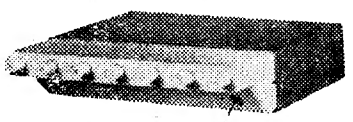
Por iniciativa da Liga dos Antigos Alunos da Escola Industrial Machado de Castro, houve, hoje, missa na igreja de Santa Isabel, sufragando a alma dos alunos daquela escola já falecidos.

A' tarde, os membros da Liga foram em romagem de saudade ao cemitério dos Prazeres, onde depuseram flores na campa de um seu extinto colega.

AUTO-RÁDIOS
Siera
PARA 6 E 12 VOLTES
MÚSICA A TODA A HORA
E EM TODOS OS LOCAIS
O MELHOR QUE SE FABRICA EM RADIOS DE AUTOMOVEIS


MOD. 609-V


MOD. 509-V


Adaptador para ondas curtas

TAUROMAQUIA

Mendes triunfador do Peru

«Estão de moda «Abril em Portugal» e Paco Mendes, o fenomeno que aqui cortou seis orelhas» — diz o diário «El Comercio», de Lima, acrescentando que Mendes apareceu no Peru com divisa de cavalheiro português: «Vivo ou morto», e foi o triunfador da temporada. «Nenhum dos seus companheiros pôde arrebatar-lhe o primeiro lugar em corte de apendices e o Escapulario de Ouro de 1955, pois cortou seis orelhas nas duas corridas. Tarde redonda a ultima de Paco Mendes, duas orelhas no 1.º touro e duas no 2.º, com duas já cortadas na apresentação, e conseguiu-as com honradez constante e valor, apertando-se e toureando com pausa e sobriedade, com lentitude e «temple».

Fazendo o toureio sobriamente. Toureando! Eis o seu mérito. E daí a justiça do triunfo. Com mais quatro orelhas foi passeado em ombros. E de «La Prensa»: «Só um saiu da praça alegre e satisfeito, Paco Mendes, pondo de lado a seriedade com que actua na arena, sorrindo assinando autografos, falando para a Rádio, rodeado de admiradores. Passamos a chamar-lhe D. Paco ao português pela serenidade e o valor com que tudo faz, arrancando ovações, fazendo soar a musica, fainas profundas, sérias, por naturais, adornos e, perfilando-se em curto, metendo bem o braço que faz rodar o touro. Lenços, e a autoridade concede as duas orelhas com que dá duas voltas á arena e tem de sair ao meio da praça para agradecer ainda».

Trincheira cortou orelhas e rabo

BADAJOZ, 1—No festival do Clube de Futebol desta cidade cortaram orelhas e rabo Raul Ochoa «Rovira», Javier Gomez, Prieto Chavez e o português José Trincheira, que saiu em ombros. — (Efe).

Morreu «Machaquito»

CORDOVA, 1—Com 74 anos faleceu esta manhã o famoso matador de touros Rafael Gonzalez «Machaquito».— (Efe).

Rafael Gonzalez «Machaquito» nasceu em Cordova em 1880 e fez a sua aprendizagem no matadouro até formar parte duma quadrilha juvenil com «Lagartijo Chico» e Rafael «El Gallo» e depois com o pai de «Manolete».

Com o primeiro tomou alternativa, e com Ricardo Torres «Bombita» manteve uma competição que terminou com a retirada do primeiro e depois com a sua, em 1913, após ter dado alternativa em Madrid a Juan Belmonte. «Machaquito» caracterizou-se pela emoção do seu toureio e, sobretudo, das suas estocadas, que inspiraram a Benlhiure a escultura «La estocada de la tarde». Tomou parte em 754 corridas e estoqueou 1856 touros.

Vivia em Cordova entregue ao cultivo das suas propriedades, rico e rodeado pela estima de todos porque foi sempre homem sério e bondoso. A sua saude era precária há muitos anos, e agravara-se nos ultimos.

No Peru ainda há chapeus de palha como este que atiraram a Francisco Mendes

Oito aviadores mortos na queda de um avião

BALBOA (Zona do canal do Panamá), 1 — Um avião da Aeronáutica Naval dos Estados Unidos despedaçou-se no solo ao descolar do aeródromo de Coco Solo.

Os oito tripulantes morreram. (F. P.).

MARAVILHAS DA NATUREZA

A gruta da Serra de Santo António

por GRACIETTE BRANCO

Perdida a distancia, fora do Tempo e das Idades, anulando a maré alta das paixões humanas, plasmando-se numa feição extática, abstracta, fria, adormecida—estende-se a paisagem árida da Serra de Santo António, em Alcanena.

Saudoso da civilização, dos asfaltos, dos alcatroados, o pobre carro galgava, aos solavancos, a encosta escalvada, os blocos rudes de calcário, as lajes sepulcrais, os pedregosos caminhos, onde a aridez e a crueza dos ásperos calcários não permitem o vicejar duma planta ou o frescor dum regato...

A emoção sente-se embotada e o frio entra-nos no coração, surpreende-nos no mais profundo do nosso doce e suave sentimento de ternura e humanidade.

Dir-se-ia que a paisagem se torna sarcástica, fria, indiferente, alheia a tudo o que é doçura, suavidade, doce e terno enleio, beleza, arte e amor...

Alongando a vista, em busca de qualquer coisa que nos ameigue a alma, apenas, a grandes distancias, se topam os verdes amarelados de qualquer planta enfezada, como criança enjeitada, orfã, de afectos e carinho...

Mas não recuamos, embora o coração se cerre a tanta aridez e abandono. E' que a nossa estranha viagem, visa um alvo: descer á gruta da Serra de Santo António, da qual nos haviam dito maravilhas!

A tarde era parda e espectral, talvez pelo aglomerado de lajes que se estendiam no solo, dando a macabra impressão de lousas sepulcais. De longe em longe surgiam agora umas oliveiras velhas, isoladas, secas, lembrando almas torturadas naquela imensidade de pedras!

Parámos, finalmente!

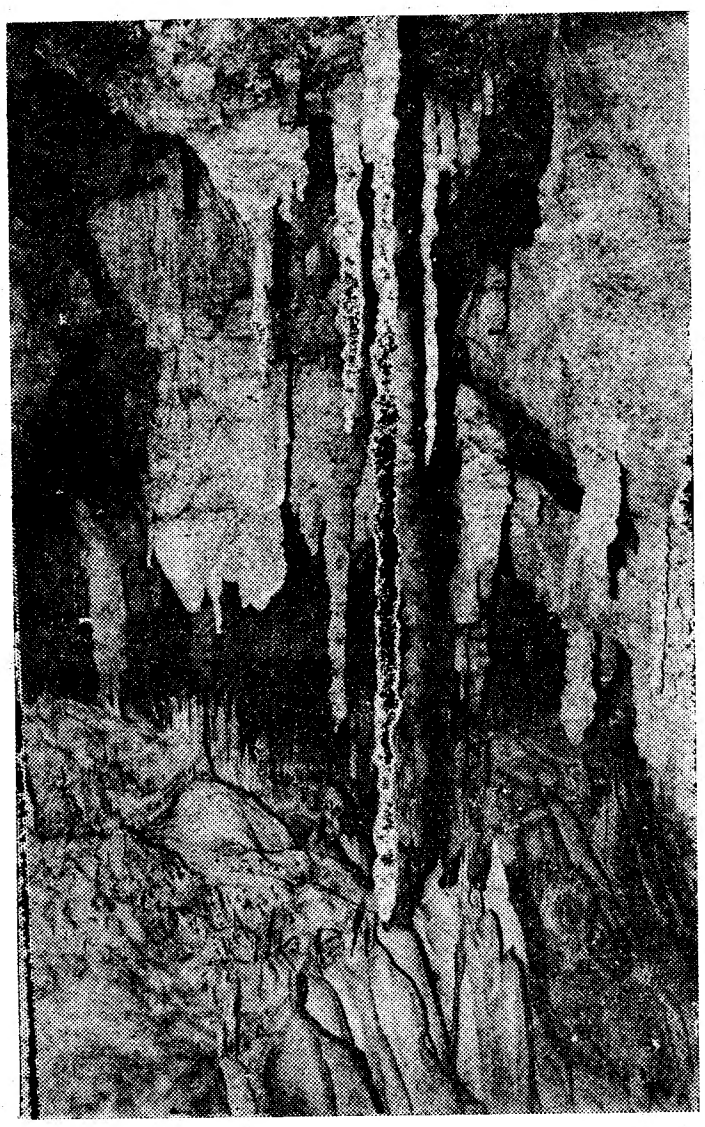
A nossos pés um velho algar, com um dístico: — Gruta.

E, lentamente, cautelosamente, (porque a simples escada de madeira, sobre o abismo apocalíptico influía, nos nossos nervos, um certo e instintivo impulso de receio), começámos a descer.

A profundidade é grande e, quando chegámos ao fundo do algar, sentimo-nos absolutamente fora do Mundo, distantes da Vida, surpreendidos pelo novo e estranho frescor das águas, que segredavam mistérios no fundo do abismo...

E então, á luz do «petromax», a maravilha começou a revelar-se! Tivemos, de subito, a impressão de haver entrado numa catedral gótica! A espantosa obra da água, em milénios, no seu constante gotejar, criara um cenário maravilhoso de estalactites e estalagmites! A beleza tornava-se mais impressionante, pelo silêncio que a rodeava!

Renascia, em nós, o mágico encantamento das histórias maravilhosas da infancia, onde existiam palácios encantados, grutas fantásticas de fadas e duendes...



Um aspecto da Gruta de Santo António

E perante a admirável obra do calcário, a imaginação alarga-se em voos, criadores: — aqui é uma bela coluna gótica; além, um altar rendilhado; imagens, figuras de santos, de mãos postas; perfis humanos, contornos variadíssimos, mísulas, tumulos, igrejas, capelas — tudo a imaginação pode conceber de tanta forma estranha que surge naquele cenário irreal, fantasmagórico...

Sucedem-se as galerias, camaras espaçosas, cujas passagens pedregosas são, por vezes, difíceis de transpor; mas o deslumbramento da alma imprime leveza ao corpo e pode quase dizer-se que, naquela viagem maravilhosa, somos conduzidos pelas asas etéreas dum entusiasmo espiritual, que nos faz esquecer a rudeza e a dificuldade dos acessos.

E o que poderá dizer-se desta gruta, quando estiver devidamente electrificada?! Por enquanto apenas á luz do «petromax» poderemos admirar a sua excepcional beleza, mas quando os efeitos de luz incidirem nas estalactites pendentes ou nas estalagmites ascendentes, em tantas e tão variadas formas, em franjados caprichosos, em rendilhados magníficos — a sua beleza tornar-se-á maior, mais espectaculosa e fascinante.

Não será esta gruta tão grandiosa como as de Aracena, em Espanha; a Gruta do Cão, em Maiorca; as de Marmute, na América; a de Postumia, na Itália, etc.

No entanto, ao lado de qualquer delas, a sua beleza impor-se-á ao mais exigente turista.

Para lá do Mundo no seio misterioso da terra, deixámos sepultada aquela maravilhosa obra de arte, não criada por estatuários de talento, mas pelo requinte dum trabalho milenário de gotas de água transparentes, silenciosas, ignoradas, pacientes, desenhando recortes de Poesia, no mais profundo de cavernas e abismos!

Começou hoje

o peditório para a luta contra o cancro

Em locais préviamente estabelecidos, junto ás igrejas e cemitérios, começou hoje o 24.° peditório a favor da obra da Liga Portuguesa contra o Cancro.

As senhoras que tomaram parte na recolha de donativos foram, como de costume, bem acolhidas pelo publico.

Para o peditório de amanhã, foram distribuídos mil cofres e a cidade dividida em quarenta zonas. Cada zona terá o seu grupo de senhoras, com a respectiva chefe.

O peditório termina na quinta-feira com a visita das senhoras aos bancos, estabelecimentos comerciais e industriais e comércio em geral. E' de prever que a cruzada de este ano tenha o mesmo acolhimento que o povo da capital tem manifestado nos anos anteriores, dada a simpatia geral pela luta contra o cancro e de facto de carência de tanto auxílio para o desenvolvimento desta humanitária cruzada.

Superintende na organização do peditório o sr. prof. dr. Benard Guedes, secretário-geral da Liga Portuguesa Contra o Cancro.

DOIS FERIDOS

num desastre de automóvel

PORTALEGRE, 1 — Devido á chuva, o automóvel que seguia na estrada entre Gáfete e Alpalhão, conduzido pela sr.ª D. Hortense Berthier do Carmo Costa, derrapou e foi embater com um poste de alta tensão.

Do choque, resultou ficarem feridos a condutora do veículo e um seu sobrinho de nome Joaquim Almeida, ambos residentes em Lisboa, os quais foram internados no hospital da Misericórdia de Portalegre.

A reunião de Genebra

tivas dadas pelos Quatro Grandes, antes de se separarem, há três meses. A dificuldade está, porém, em que essas directivas não eram bastante claras e categóricas, pois se limitavam a estabelecer um compromisso entre as teses opostas que então se discutiram. Os ministros dos Negócios Estrangeiros dificilmente podem tomá-las como um programa da discussão, em relação aos problemas pendentes. Cada uma das partes encontra nelas elementos que favorecem o seu ponto de vista e igualmente podem utilizá-las para os justificar.

As coisas ainda se complicam mais porque as referidas directivas se ajustam mais ás teses soviéticas do que ás dos ocidentais, o que faz com que estes procurem, sempre que podem, afastar-se delas, tendo em conta que, no consenso geral, a primeira conferência de Genebra foi um êxito da diplomacia russa.

A questão da preferência

Para fazer ideia das dificuldades com que esbarram os quatro ministros dos Negócios Estrangeiros, basta recordar a situação que existia em Julho. Nessa altura a tese dos ocidentais resumia-se em dar preferência ao problema da reunificação da Alemanha sobre todos os outros. Sem essa reunificação — tal era o ponto de vista ocidental—não haveria desanuviamento, segurança na Europa e paz.

Por seu lado, os Russos davam preferência ao problema da segurança europeia. Só no quadro da segurança europeia, diziam eles, será possível resolver satisfatóriamente o problema da reunificação alemã. Por isso pediam que, antes de prosseguir, as quatro potências chegassem a acordo para celebrar um pacto de segurança colectiva na Europa, ao qual a Alemanha depois daria a sua adesão.

Nenhuma das teses triunfou e em Julho chegou-se apenas a uma solução de compromisso a qual consistiu em juntar os dois problemas — o da reunificação da Alemanha e o da segurança europeia — a fim de os tratar em conjunto. Essa solução equivalia a um êxito da diplomacia ocidental visto que, até ali, os Russos haviam sempre insistido na necessidade de os separar.

O compromisso de Genebra

Tratava-se de uma aparência, visto que, fundamentalmente, o compromisso a que então se chegou favorecia mais os sovietes do que os seus interlocutores. Na ordem dos problemas, a tratar pelos ministros dos Negócios Estrangeiros, figurava, em primeiro lugar, «a segurança europeia e a Alemanha». As directivas diziam que, ao estudar os métodos a pôr em prática para os resolver, os ministros deviam ter em conta que há entre a reunificação da Alemanha e a segurança da Europa uma relação estreita e que a solução desse problema deve corresponder á necessidade de consolidar a paz».

Tendo apenas em conta este texto, é difícil dizer que a segurança está condicionada pela reunificação, ou vice-versa. Mas não há duvida de que á primeira se atribui uma importancia maior, o que aparece ainda mais claramente acentuado noutra parte do comunicado que pôs termo á conferência de Julho. Neste documento dizia-se que entre «as diferentes propostas que os ministros dos Negócios Estrangeiros teriam de examinar, a fim de garantir a paz na Europa», se devia dar preferência «ao estudo de um pacto de segurança relativo a esta ou a parte dela». No comunicado não havia, por outro lado, nenhuma alusão á reunificação da Alemanha nem ás eleições livres que devem precedê-la, dando-se nele apenas a entender que este assunto é um dos que os ministros dos Estrangeiros devem estudar.

Um ponto essencial

Nas directivas dadas pelos Quatro Grandes para a reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros, havia um ponto essencial o qual serviu para introduzir, no debate sobre a reunificação alemã, um factor novo. Os ministros, ao reunir-se, deviam «tomar todas as disposições, julgadas oportunas, para permitir a participação das partes interessadas na reunificação ou para fazer com que estas fossem consultadas». As partes interessadas são a Alemanha Ocidental e Oriental. Esta ultima, era, portanto, considerada, pela primeira vez, em pé de igualdade com a Republica federal de Bonn.

A tese dos ocidentais e do Chanceler Adenauer fora até então diferente e, segundo ela, o governo de Bonn representa a totalidade da Alemanha, devendo portanto o seu émulo de Pankow ser afastado de qualquer discussão sobre a reunificação da Alemanha. Neste ponto, as directivas dos Quatro grandes aproximavam-se, também, da tese soviética, pois, segundo esta, o problema da reunificação da Alemanha deve ser resolvido pelos Alemães e ser objecto de discussão entre os dois Governos, de Bonn e Pankow.

A atitude de Moscovo

A atitude espectaculosa tomada pelos dirigentes de Moscovo, depois de Julho, só serviu para confirmar esta impressão. Aqueles dirigentes, de Genebra dirigiram-se a Berlim-Leste e receberam, mais tarde, a visita do Chanceler Adenauer. Nas duas ocasiões aproveitaram os ensejos que assim se lhes ofereciam para pôr em relevo a importancia da situação criada, na qual a Alemanha Oriental era colocada, politica e juridicamente, em pé de igualdade com a Republica federal. Os Russos estavam, portanto, decididos a incluir, no debate, sobre a reunificação esse factor novo, a existência do Governo da Alemanha Oriental, com os mesmos direitos do Governo de Bonn.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros estão apenas encarregados «de estudar» esses problemas e, portanto, não há, por-enquanto, qualquer acordo de princípio sobre as propostas a que se referem as directivas de Julho. Mas o simples facto de estas serem mencionadas, implica que são elas que constituem a base das conversações na conferencia que há dias iniciou os seus trabalhos em Genebra.

ATTICUS

ELVAS

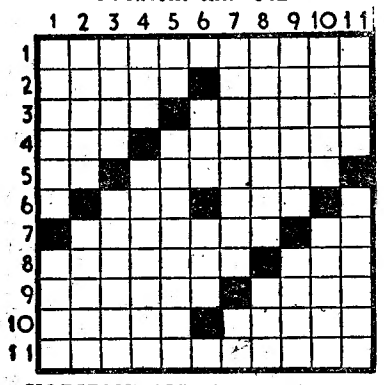
A familia de Armando Ferreira Gonçalves e esposa D. Maria Sofia Leitão Gonçalves participam o seu falecimento e que o funeral de ambos terá lugar em Elvas, pelas 11 horas de amanhã.

DIARIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problem an.º 342



HORIZONTAIS: 1— Tirais a nasalação a. 2—Cubrir de óleo. Lia. 3—Culto. Salubrizar. 4—Passada. Intenção. 5—Preposição. Casaria. 6—Colorido. Andes. 7—Lindas. Aqui. 8—Coisas torturantes. Soberano. 9—Modifico. Léu. 10—Feixe de palha para envolver objectos frágeis. Suborne. 11—Assaltos.

VERTICAIS: 1—Muito sensível. Parte do boné. 2—Suprime. Mexer. 3—Dardo. Narrar. 4—Recusa. Sabe. 5—Figura. Endoideceram. 6—Isolados. Irmão da mãe. 7—Sacudias. Símbolo químico da platina. 8—Mamíferos aquáticos e carnívoros da família das martas. Norma. 9—Praias. Palavra inglesa de que resultou a portuguesa raide. 10—Irritado. Uma. 11—Cure. Petulantes.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 341

HORIZONTAIS: 1—Apologia. 2—NÃO. Don. 3—Tó. Teatro. 4—Aro. Rás. 5—BRINQUES. 6—COM. Sue. 7—Oneroso. 8—Id. Alista. 9—COISAS. Ad. 10—Esfera. Pó. 11—SÓ. SÉRIAS.

VERTICAIS: 1 — Ante. Coices. 2—Pão. Bondoso. 3—Oó. Arme. If. 4—Tri. Rases. 5—Odeon. Olaré. 6—Goa. Sisar. 7—Intrusos. 8—Raeu. Tapa. 9—Sossegados.

(Provérbio: NÃO BRINQUES COM COISAS SÉRIAS).

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA—Ás 18, Danças; 18 e 45, Cançonetas portuguesas; 19, Noticiário; 19 e 5, Orquestras ligeiras; 19 e 30, «O Arauto»; 20, Trechos de ópera; 20 e 15, Valsas; 20 e 30, Fantasia musical; 21, Noticiário.

Programa «A»—Ás 21 e 15, Varanda da Europa; 21 e 25, Poeira de Estrelas, Morton Goult; 21 e 30, Ouvindo as Estrelas; 22 e 30, Valores do Ocidente; 23, Fados; 23 e 30, Danças.

Programa «B»—Ás 21 e 15, «Nocturno», em dó menor, de Chopin; 21 e 25, Concerto pelo quinteto nacional; 21 e 55, O maestro Pedro de Freitas Branco, na direcção da Orquestra do Teatro dos Campos Elisios em «Valsas Nobres e Sentimentais» e «Bolero», de Ravel; 22 e 30, Recital de piano, por Ligia Eba; 23, Palestra; 23 e 10, Trechos de óperas de Mozart, Weber e Wagner.

RÁDIO CLUBE—Ás 18, Fados e guitarradas; 18 e 30, Trechos recreativos; 19, Divulgação do «jazz»; 19 e 30, Jornal; 20 e 15, Musica do Brasil; 20 e 30, Galo de Ouro; 21, Notas da Redacção; 21 e 15, G. E. Magazine; 21 e 30, Sorteio de um receptor; 21 e 45, Cançonetas; 22, Talismã; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 0, Fados e guitarradas; 0 e 30, Noticiário; 0 e 35, Canções portuguesas; 0 e 55, Amanhã; 1, Fecho.

RENASCENÇA—Das 18 e 30 ás 0 horas.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30, Clube Radiofónico de Portugal; das 19 e 30 ás 22, Rádio Peninsular; das 22 á 1, Rádio Graça.

A RECEITA DO DIA

BATATAS COM COGUMELOS—Agora que estão aí a chegar os cogumelos campestres ou míscaros, talvez muitas senhoras estejam interessadas em conhecer uma forma deos cozinhar. Depois de limpos, tiram-se-lhes as pequenas laminas que ficam por baixo da umbela (caso sejam gordos). Leva-se ao lume um tacho com manteiga e juntam-se as batatas e os cogumelos cortados ás rodelas, em quantidades iguais, deitando-lhe um pouco de água a ferver, e tapando com manteiga de porco, toucinho, chouriço, salsa, alho e tiras de presunto. Tapa-se e coze-se durante meia hora ou três quartos de hora.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional.

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—O tempo no continente português está sob a influência de um anticiclone centrado ao Sul da Madeira.

PREVISÃO ATÉ ÁS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—Céu de nebulosidade variável. Vento bonançoso variável, podendo fixar-se em Oeste moderado. Possibilidade de chuva fraca a Norte do Rio Mondego. Pequena subida de temperatura.

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: *máxima, 19°,5; mínima 11°,9.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 16°,4; mínima, 11°,7.*

CARTAZ DO DIA

TEATROS

TRINDADE—A's 21 e 45—«Quando a verdade mente».
MONUMENTAL—Ás 20,45 e 22,45—«Melodias de Lisboa».
MARIA VITORIA—Ás 20,30 e 22,45—«Festa é festa!».

CINEMAS

TIVOLI—«O Mundo é das mulheres».
S. LUIS—«Frou-Frou».
SÃO JORGE—«Svengali».
EDEN—«Viagem em Itália».
POLITEAMA—«Estes homens são perigosos».
MONUMENTAL — «20.000 léguas submarinas».
IMPÉRIO—«Melodia interrompida».
CONDES—«O conde de Monte Cristo».
ALVALADE—«Frou-Frou».
ODÉON e ROYAL—Diabruras de amor».
PALACIO—«Piedade para os que caem».
CAPITOLIO—«O preço da glória».
OLIMPIA—«O ultimo bandoleiro».
TERRASSE—«Ulisses».
LYS—«A viuva negra».
PROMOTORA—«Rapariga da Província».
JARDIM—«O rapaz atómico».
IDEAL—«A cidade do aço».
RESTELO—«Hondo».

—E' o retrato da minha mulher. Está tão parecido, que só lhe falta falar!

—Oh filho! Se não fala não está parecido!

QUER UM CONSELHO?

A escolha de um queijo não é coisa fácil, sobretudo num País como o nosso, em que o seu fabrico varia de casa para casa — ou, antes, de pessoa para pessoa — sem obedecer a regras exactas. Insiste-se, porém, em que deve rejeitar-se como anti-higienico o queijo cuja crosta esteja *chagada* ou com parasitas, quando nalgum ponto da massa se nota pouca consistência, quando exala mau cheiro, quando apresenta pontos verdosos, tiver bichos ou quando tiver manchas amareladas.

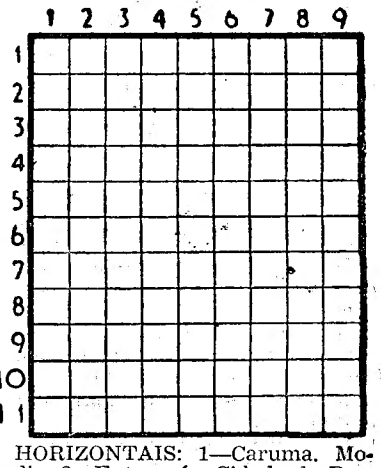
FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO H — União — Estrada de Benfica, 592-594, Tel. 780092; Aguiar — Estrada de Benfica, 197-199, Tel. 780043; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35—Carnide—Telefone 780181, Patuleia, Herdeiros—Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332, Alvalade—Avenida da Igreja, 18-B—Sítio de Alvalade—Tel. 777170; Miranda — Campo Pequeno, 36-B/C, Telefone 770776, Imperial—Avenida Guerra Junqueiro, 30-B. Tel. 776860; Figueiras — Avenida Marquês de Tomar, 20, Tel. 44995; Latina—Avenida António Augusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Salutar—Rua Conde Redondo, 9-A, Tel. 43314; Ascenso—Rua 27, 41—Bairro da Encarnação, Tel. 399216; Marvila (De)—Rua Direita de Marvila, 25, Tel. 391612; Banha—Estrada de Chelas, 173-175, Tel. 391683; Martins, Ld.ª— Rua Fernão de Magalhães, 33, Tel. 849448; Arnali—Rua das Escolas Gerais, 88-A, Telef. 23910; Morão—Largo da Graça, 63, Tel. 8487700, Nova Luz—Rua D. Domingos Jardo, á Avenida D. Afonso III, 28-A, Tel. 843439; Simões—Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Telef. 842518; Veral—Rua Morais Soares, 109, Tel. 40632; Délio—Rua Açores, 32, Tel. 52388; Colonial—Caminho do Forno do Tijolo, 40, Tel. 841122; Martins Herdeiros — Rua dos Anjos, 41, Tel. 50730; Silva Santos—Rua da Escola Politécnica, 80, Tel. 660280; Central de Campolide—Rua General Taborda, 17, Telef. 40304; Lobel — Rua de Infantaria 16, 98-B. Tel. 663807; Paivas & Parente—Rua de Santo António á Estrela, 96-98, Tel. 665196; Bom Sucesso — Rua Bartolomeu Dias, 63, Telefone 611454, J. A. Silva—Rua dos Quarteis, 25-27, Tel. 637777; Lisbonense—Rua do 1.º de Maio, 10, Tel. 637020; S. A. E. Silva, Filhos—Rua S. João da Mata, 74, Tel. 661010; Valentim, Ld.ª—Rua do Poço dos Negros, 88-90, Telef. 661353; Labor—Rua do Diário de Notícias, 81-83, Tel. 23428; Centro Farmacêutico—Rua Eugénio dos Santos, 88, Tel. 21211; Unifa—Rua da Vitória, 21, Tel. 23793—A.

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 1358



HORIZONTAIS: 1—Caruma. Moradia. 2—Entre nós. Cidade de Portugal. 3—Falecer. Canhamo de Manila. 4—Figura. Sorte. 5—Passada. Estará. 6—Divisão de uma casa. Punhal dos antigos romanos. 7—Nome de mulher bíblica. Gemidos. 8—Guarnece. Reis. 9—Símbolo químico do érbio. Atrevera-se. 10—Viela. Nota musical. 11—Põe-se amuado. Dança popular.

VERTICAIS: 1 — Além disso. Simples. 2—Despertas. Alcool de melaço. 3—Oceano. Grande cão de fila. Pronme pessoal. 4—Reis. Relaciona. 5—Normas. Condescenda. 6—Parte vermelha dos musculos (pl.). Campeão. 7—Símbolo químico la prata. Canção. Genro de Maomé. 8—Ruído. Açular. 9—Emblema da Aviação. Tosta.

Solução do problema n.º 1357

HORIZONTAIS: 1 — Caramelos. 2—Sumário. 3—Magra. 4—Má. Ris. Fá. 5—Aço. Pai. 6—Reclmado. 7—Era. Sor. 8—Lá. Vãs. Sá. 9—Simão. 10—Tesoira. 11—Comesseis.

VERTICAIS: 1—Amarela. 2—As. Acera. To. 3—Rum. Oca. Sem. 4—Amar. Vise. 5—Magicáramos. 6—Erro. Sais. 7—Lia. Pás. Ore. 8—Oó. Fados. Aí.

O epílogo do romance da princesa

(Continuação da 2.ª página)

ra o bem publico e de colocar o dever acima do desejo».—(Reuter).

«Um longo e doloroso drama de consciência»

PARIS. 1—A mensagem pessoal distribuida, ontem, em Londres e assinada pela princesa Margarida e os termos em que foi redigida são abundantemente comentados na Imprensa parisiense.

O seu conteudo, escreve o «Parisien Libéré», «reflecte um longo e doloroso drama de consciência». O «Aurore» sublinha que «Margarida escolheu o caminho que lhe ditaram as mais altas autoridades do Reino Unido. O que lhe ditou finalmente, a noção que a princesa tem da grande fidalguia que tem obrigações».

Nota o «Express»: «Esta mulher, consciente dos seus deveres para com a Comunidade britanica», dá assim uma tremenda lição ao soberano seu tio, que abdicou em 11 de Dezembro de 1936. Seja qual for a opinião que tenhamos do direito dos reis ao amor, a princesa Margarida é, hoje, infinitamente digna de respeito».

O «Franc-Tireur» nota que «Margarida sacrificou o seu amor a uma Igreja que se tornou, por sua iniciativa, a executora de vontades que pretende receber do Mais Alto. Mas, a princesa também sacrificou o seu amor á côrte, ao preconceito, á tradição.—(F. P.).

A atitude da princesa causou emoção em vários países

Através da informação da Reuter, *pode-se avaliar do efeito que a renuncia da princesa Margarida causou em vários países, onde são bem significativas as manifestações de simpatia pelo sacrifício da irmã da rainha Isabel:*

PARIS—O homem da rua francês manifestou profunda simpatia pela princesa. Uma dactilógrafa disse: «Pobre Margarida. Isto despedaçar-lhe-á o coração!». Um motorista de «taxi» comentou: «E' uma vergonha! Devem ter exercido grande pressão sobre ela».

O jornal «Franc-Tireur», das esquerdas mas anti-comunista, escreve: «A implícita tristeza da mensagem desta noite — a tristeza de uma mulher que põe o dever acima do amor—comoveu até os adversários mais intransigentes do seu casamento. E' certo que, com esta mensagem, a controvérsia se tornará ainda mais acerba». O «Combat», das esquerdas, começa o seu relato com as seguintes palavras: «O arcebispo de Cantuária triunfa. Margarida renunciou». Acrecenta: «Todavia, Margarida confessa, publicamente, o seu amor e o seu desespero para todos os que queiram ler entre as linhas tão claras da sua mensagem».

WASHINGTON — A maioria dos cidadão de Washington parece lamentar a decisão da princesa Margarida de renunciar ao amor do coronel-aviador Townsend.

O «Washington Post» comenta, em editorial, que «parece-nos haver em tudo isto qualquer coisa de inefávelmente patético. Certamente que Margarida não é a primeira jovem mulher nem a primeira princesa real que foi obrigada a fazer a triste escolha entre o amor e a consciência, mas poucas têm sido obrigadas, como ela foi, a sofrer tal conflito íntimamente particular á plena vista do publico. Não é o fim que segundo a lenda devem ter romances reais, mas é um fim que não pode deixar de fortalecer a instituição em que a indecisa princesa Margarida terá de desempenhar o seu papel».

O «New York Herald Tribune» diz: «Ninguém será capaz de ler sem tristeza a declaração em que a princesa Margarida anuncia que não casará com o coronel-aviador Townsend. Ao mesmo tempo, todos, neste país, a lerão certamente, também, com profunda admiração».

ROMA—Círculos da Igreja Católica receberam com muito agrado a decisão, por evitar «um grave golpe na instituição divina do casamento», mas nos «cafés», cheios de gente, dizia-se: «Povera Ragazza» («Pobre rapariga»)—deviam tê-la deixado fazer o que ela desejava».

BONN—A reacção do homem da rua era: «Que vergonha».

VIENA — Muitas pessoas não crêm que isto seja o fim da questão. Disseram que ninguém acreditaria que a princesa não tivesse sido forçada a desistir do seu amor por motivos de Estado. Perguntavam se o povo britanico permitiria que ela mantivesse a sua decisão.

CAIRO — A notícia da decisão, transmitida pela rádio, segundos depois de chegar ao Cairo, provocou a simpatia dos Egípcios. Mustafa Amin, director do jornal de grande circulação «El Akhbar», escreveu: «Forçar Margarida a não casar com o homem que ama é uma vitória para a reacção e uma derrota para um grande amor».

«Diário de Lisboa»

Do presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo, sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, recebemos um cativante oficio de agradecimento pela forma como o nosso jornal acompanhou a III Bienal de São Paulo, encerrada há cerca de um mês. O «Diário de Lisboa» agradece cordealmente a gentileza.

Cartão diplomata

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto. ANIBAL-Gravador—R. Nova do Almada, 64—LISBOA. A casa que melhor trabalha.

A C. G. T. argentina
em conflito com o governo
anuncia greve geral para amanhã

BUENOS AIRES, 1.—A C. G. T. ordenou uma greve geral, de duração indeterminada, a partir de amanhã, às 0 horas. Esta decisão é consequência do conflito entre o Governo e a C. G. T., a propósito da situação sindical.

No passado dia 29, o Governo publicou um decreto no qual se referia á caducidade dos mandatos dos delegados da C. G. T. e pelo qual autorizava o ministro do Trabalho a designar um administrador dos bens da Central Operária até que, dentro de 120 dias, se realizassem as eleições sindicais. Entretanto, houve várias conferências entre a C. G. T. e o ministério, nomeadamente, a propósito da modalidade destas eleições.

A C. G. T., que fora o baluarte do regime deposto, encontra-se dividida desde a queda do general Perón. Elementos antiperonistas e partidários do sindicalismo livre ocuparam, depois do movimento do general Lonardi, a sede de numerosos sindicatos e recusaram-se a reconhecer às respectivas autoridades sindicais. O Governo, que se tinha comprometido a proteger a integridade da C. G. T., favorece, abertamente, o sindicalismo livre. Na ausência do general Lonardi,

Os motivos
que determinaram
a exautoração de Perón

BUENOS AIRES, 1.—A sentença do tribunal militar que priva o ex-presidente Perón do seu título de general e lhe proíbe o uso do uniforme, foi confirmada, oficialmente, pelo ministro do Exército, general Bengoa, numa reunião com a Imprensa.

Nos seus considerandos, o tribunal enumera uma série de faltas, nomeadamente, a decisão tomada por Perón, num conselho de ministros, em Junho ultimo, de explorar, para fins políticos, a suposta destruição de uma bandeira argentina pelos manifestantes católicos.—(F. P.).

Negociações tendentes a evitar a greve

BUENOS AIRES, 1.—As negociações destinadas a evitar a greve geral decidida pela C. G. T., a partir de amanhã, prosseguiram até hora adiantada da noite. Depois de conferenciarem com o contra-almirante Isaac Rojas, vice-presidente do Governo provisório, os representantes da C. G. T. conversaram, demoradamente, com Cerrutti Costa, ministro do Trabalho. Os elementos da C. G. T. queriam obter a garantia de que as medidas tomadas por aquele ministro quanto aos diferentes sindicatos e a fim de preparar as eleições para renovação de todas as autoridades sindicais, não serão vantajosas para os elementos hostis á C. G. T.

Esta manhã, houve novas conferências com o ministro. Prevalece a impressão de que será possível evitar a greve.—(F. P.).

Incidentes em Buenos Aires de caracter político

BUENOS AIRES, 1.—No final de um grande comício organizado pelo Partido Radical, em que participavam Arturo Frondizi, presidente do directório, e vários outros dirigentes radicais, formou-se um cortejo de muitos milhares de pessoas, que tentou alcançar a Praça do Parlamento. A Polícia interveio e fez uso de gases lacrimogénios, ao mesmo tempo que os bombeiros utilizavam as agulhetas, para dispersarem os manifestantes.

Antes, houve outro incidente: quando o cortejo passou em frente da Central dos Correios, os manifestantes foram apedrejados por pessoas que estavam nas janelas. Um grupo daqueles tentou invadir o edifício, mas foi impedido pela Polícia.—(F. P.).

Um pedreiro
mantém 3 mulheres e trinta e dois filhos

SALT LAKE CITY (Utah), 1 —A Polícia local prendeu um pedreiro acusado de ter 3 mulheres e 32 filhos. Trata-se da quarta detenção por poligamia numa semana.

A Polícia do Utah e dos Estados vizinhos procede a uma campanha metódica contra as práticas da seita religiosa «Fundamentalista», que impõe aos homens o dever de «coabitarem com várias mulheres». — (F. P.).

O ex-sultão Ben Yussef
chegou hoje a Paris para conferenciar com Pinay

PARIS, 1 — O avião que conduziu Sidi Mohamed Ben Yussef de Nice, de onde partiu ás 8 e 34, chegou ao aeródromo de Villacoublay; ás 10 e 45. Pouco depois, aterrou outro aparelho com os membros da sua comitiva. O antigo sultão de Marrocos chegou perto do meio-dia ao Pavilhão de Henrique IV, em St-Germain-em-Laye, acompanhado pelos dois filhos, os dois irmãos e o cunhado.

Anuncia-se, oficialmente, que a conferência de Antoine Pinay, ministro dos Negócios Estrangeiros, com Ben Yussef está marcada para as 14 e 30, na Celle-Saint-Cloud, perto de Paris.

Pinay veio, também, de avião, esta manhã, de Genebra.—(F.P.).

O Partido Istiqlal propõe uma conferência de cinco potências para o solução do caso marroquino

RABAT, 1.—O Partido Nacionalista Istiqlal tenciona treinar 30 a 50 mil «polícias não oficiais», para manter na ordem as grandes multidões que se espera saudem o ex-sultão, Ben Yussef.

Dirigentes do partido, que se encontram, actualmente, em França para conferenciar com o sultão, pedir-lhe-ão para não regressar antes de 1 de Dezembro, pois um regresso próximo poderia provocar desordens.

A delegação nacionalista, em França, informaria, também, Ben Yussef de que o Istiqlal não podia fazer parte do proposto Governo representativo marroquino que Si Fathmi Ben Slimane, de 63 anos, antigo paxá de Fez, está a tentar constituir. O Istiqlal afirma que o acordo franco-marroquino, estabelecido, anteriormente, em Aix-les-Bains, está «completamente antiquado». «Muitos dirigentes crêem que nada teriam a ganhar em conversações directas com a França, que não pode apresentar na mesa das negociações um Governo digno de confiança ou com maioria estável» — informaram aqueles círculos.

Segundo alguns chefes do Partido, o futuro de Marrocos, deveria ser discutido numa próxima conferência de cinco nações — França, Marrocos, Grã-Bretanha, Espanha e Estados Unidos. Marrocos estaria representado por uma delegação nomeada pelo Sultão. A participação britanica era necessária por causa da importancia estratégica da cidade vizinha de Gibraltar, enquanto que os Estados Unidos estavam intimamente interessados por terem quatro bases aéreas em Marrocos. — (R.).

Efervescência na zona internacional de Tanger

TANGER, 1.—Ao começo da tarde de ontem, manifestou-se certa efervescência na zona internacional. Vários grupos de manifestantes tentaram saír da cidade árabe, para se dirigirem ao centro da cidade europeia. Fortes cordões de polícias impediram os manifestantes de realizarem o seu intento.—

Estabelecimentos encerrados sob pressão dos rebeldes, em Argel

ARGEL, 1.—Acatando a ordem dos rebeldes, os comerciantes muçulmanos de Argel não abriram, hoje, os seus estabelecimentos. Nos mercados, só estão abertos os talhos e salsicharias explorados por Europeus.

Na cidade, abriram, aqui e além, mercearias de mozabitas, guardadas por agentes armados de pistolas-metralhadoras.—(F. P.).

Dulles conferenciou hoje em Madrid
com o generalíssimo Franco durante duas horas

MADRID, 1.—John Foster Dulles, secretário de Estado norte-americano, chegou a esta capital, vindo de Genebra, num «Constellation» das Forças Aéreas dos Estados Unidos, ás 11 horas.

O estadista americano foi recebido pelos ministros de Assuntos Exteriores e da Aviação, respectivamente, Martin Artajo e Gonzalez Gallarza, autoridades espanholas e chefes da missão militar norte-americana, generais Kissner e Barns.

Acompanhado por Martin Artajo, Dulles seguiu para o palácio do Pardo, ao encontro de Franco. Finda a visita, que durou duas horas, seguiu-se o almoço oferecido pelo ministro dos Assuntos Exteriores.—(Efe).

Palavras de Dulles, ao chegar a Madrid

MADRID, 1. — «Estou contente por me encontrar uma vez mais em Madrid» — declarou aos jornalistas o secretário de Estado americano, pouco depois de chegar ao aeródromo de Barajas.

«Esta cidade — acrescentou Foster Dulles — não me é desconhecida, pois passei aqui mais de uma semana, quando tinha 22 anos. No entanto, é a primeira vez que tenho ocasião de vir a Madrid na qualidade de secretário de Estado. E' a primeira vez, também, que um secretário de Estado americano visita, oficialmente, esta capital».

«Sinto-me muito honrado com a recepção que me foi reservada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Artajo, e pelos outros funcionários superiores do Estado espanhol, e aguardo com vivo interesse a conversação que devo ter com o general Franco.

«A minha visita a Espanha — rematou o estadista americano — é uma manifestação da amizade que liga os nossos dois países e espero aumentará ainda mais esta amizade».—(F. P.).

Lodge conferenciou com Dulles durante a viagem

GENEBRA, 1.—Ao partir, esta manhã (ás 7 e 30), de avião, para Madrid, acompanhado por sua esposa, pelo secretário de Estado, adjunto, para os Negócios da Europa, Livingstone Merchant, e pelos conselheiros políticos, Douglas MacArthur Jr. e Robert Bowie, Foster Dulles, secretário de Estado norte-americano, disse á Imprensa, numa breve declaração, que tinha muito gosto em fazer esta curta viagem a Espanha e regressaria a Genebra ainda hoje.

John Lodge, embaixador dos Estados Unidos em Espanha, que chegou aqui de avião na noite passada para conferência prévia com Dulles, também o acompanhou. Por o aparelho ter sofrido atraso e Dulles ter tido um dia esgotante, a conversação entre ambos foi adiada para durante o voo a Madrid.

Círculos diplomáticos esperam que a defesa do Mediterraneo e as relações gerais entre a Espanha e as potências ocidentais sejam o assunto principal das conversações entre Dulles e Franco.

Não se realiza hoje reunião dos «Quatro Grandes» por ser dia de Todos os Santos.

O marquês de Miraflores, ministro espanhol na Suíça, foi, de automóvel, ao aeroporto de Genebra para apresentar despedidas a Dulles, mas chegou, precisamente, quando o aparelho de Dulles já corria na pista, com cerca de 10 minutos de antecipação.—(France Presse e Reuter).

Os objectivos da visita, segundo os círculos diplomáticos de Paris

PARIS, 1.—Nos círculos diplomáticos considera-se, geralmente, que as conversações do secretário de Estado americano com o chefe do Governo espanhol versarão:

1.º — A admissão eventual da Espanha na O. N. U. e talvez, ulteriormente, na N. A. T. O. 2.º — O auxílio económico americano á Espanha. 3.º — A extensão das bases americanas no país.

Não se exclui que os problemas do Próximo Oriente e de Marrocos sejam, igualmente, examinados.

Comentando a visita de John Foster Dulles a Madrid, o «Aurore» escreve, nomeadamente:

«O Departamento de Estado teria resolvido «sondar o terreno» para a constituição rápida de uma espécie de «Pacto do Mediterraneo», que colmataria as brechas ainda abertas no sistema defensivo ocidental (Espanha, Jugoslávia, Estados Árabes) e tornaria, consequentemente, inutil o Pacto Balcanico (dificilmente realizável). Finalmente, este pacto ligar-se-ia á barreira erguida a Leste pelos Turcos, os Iraquianos, os Paquistanicos e os Iranianos».—(F. P.).

A Espanha no panorama internacional

MADRID, 1.—O correspondente em Washington do jornal de Madrid «Arriba» disse, hoje, que «enquanto a Russia Soviética ofereceu, em Genebra, um pacto de segurança para todas as nações europeias, incluindo, presumivelmente, a Espanha, os ministros ocidentais ofereceram um pacto de segurança que não inclui a Espanha».

Sugeriu, também, que as boas relações da Espanha com os países árabes poderiam ser utilizadas para moderar a tensão entre as potências ocidentais e essas nações.

A Imprensa de hoje de Madrid não faz comentários á visita de Dulles. Porém, reina a impresão geral de que a colaboração dos Estados Unidos com a Espanha, questões mediterraneas, o Norte de África e o Médio Oriente, serão os assuntos principais das breves conversações de hoje com Dulles. — (Reuter).

A conferência de Genebra

(Continuação da 1.ª página)

cusou-se a fazer mais comentários.

Sobre a sua reunião com Molotov, Sharret informou, na noite passada, que nada podia dizer sobre isso, mas que julgava ter sido «modestamente bem sucedido» no desempenho da sua missão. Disse que saía de Genebra com a sensação de que os pontos de vista de Israel tinham sido plenamente comunicados ás grandes potências.

Segundo os meios israelitas, a diligência efectuada por Moshe Sharret junto de Foster Dulles não foi totalmente negativa. A lista de armamento que entregou ao secretário de Estado não foi, indiscutivelmente, aceite na sua totalidade, mas por outro lado, Foster Dulles ter-lhe-ia feito compreender que, em caso de perigo, Israel não seria abandonado e que o Pentágono estudaria, em breve, os meios de poder vir em seu auxílio.

Quanto á questão das garantias, em contra-partida, Foster Dulles ter-se-ia mostrado muito mais reservado. Os Estados Unidos não estão dispostos a conceder a Israel, como a nenhum outro Estado do Médio Oriente, outras garantias além das que já constam da declaração tripartida de 1950, a qual, Israel considera já ultrapassada e que quereria substituir por um tratado do qual fosse um dos signatários. A atitude da França e da Inglaterra não parece que deve ser diferente da adoptada pelos Estados Unidos e cita-se, a propósito, que sir Anthony Eden declarou, no Parlamento, que se Israel fosse atacado, a Grã-Bretanha, em virtude da declaração de 1950, viria em seu socorro. Esta atitude não parece que se tenha modificado.—(R. e F. Presse).

Homenagem aos mortos
italianos em El Alamain

MILÃO, 1 — Dois aviões comerciais partirão daqui, amanhã, para o Cairo, com 110 ex-soldados italianos para. El Alamein, onde tomarão parte nas comemorações em honra dos mortos de guerra italianos.

Depois de uma recepção na Embaixada italiana, no Cairo, o grupo partirá para Alamein, na quinta-feira, de manhã. — (R.).

CRUZEIRO
PURISSIMA AGUA DE MESA
EXTRAORDINARIA LEVEZA
E SABOR
PEÇA-A EM TODA A PARTE

Faqueiros em 2.ª mão
PRATA DE LEI — SÓ PELO PESO
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 24564

Fataça à Ribatejano
Mais um prato regional do «RIBATEJANO», de Salvaterra.